

P o l o n i c u s

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano I – 2 / 2010

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

Colaboradores desta edição:

BENFEITOR ANÔNIMO

Pe. Jan SOBIERAJ SChr

Pe. Kazimierz PRZEGENDZA SChr

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica
Polonesa no Brasil-

- Ano 1, n. 2 (jul/dez. 2010) – Curitiba :

v. ; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Henryk SIEWIERSKI
Prof. Ms. Mariano KAWKA
Pe. Dr. Zdzislaw MALCZEWSKI SChr
Prof. Ms. Piotr KILANOWSKI

Conselho Consultivo:

Prof^a. Dr^a. Aleksandra SLIWOWSKA BARTSCH – Universidade
Candido Mendes – Rio de Janeiro
Prof^a. Dr^a. Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – Universidade Maria
Curie – Skłodowska - UMCS - Lublin
Pe. Ms. Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – Missão Católica Polonesa no Brasil
Prof^a. Dr^a. Cláudia R. KAWKA MARTINS – Colégio Militar - Curitiba
Pe. Prof. Dr. Edward WALEWANDER – Universidade Católica de Lublin
Prof. Dr. Franciszek ZIEJKA – Universidade Jagiellônica de Cracóvia
Prof. Dr. Jerzy MAZUREK - Universidade de Varsóvia
Sr. José Lucio GLOMB – Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil-PR
Prof. Dr. Marcelo PAIVA de SOUZA – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Marcin KULA – Universidade de Varsóvia, Academia de Leon Kozminski
em Varsóvia
Prof^a. Dr^a. Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS - Universidade Estadual
do Rio de Janeiro
Prof^a. Dr^a. Regina PRZYBYCIEN - Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Tadeusz PALECZNY - Universidade Jagiellônica de Cracóvia
Sr. Tito ZEGLIN – Vereador da Câmara Municipal de Curitiba
Sr. Tomasz LYCHOWSKI – Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio
Prof. Dr. Waldemiro GREMSKI – Universidade Federal do Paraná, PUC-PR
Prof. Dr. Walter Carlos COSTA – Universidade Federal de Santa Catarina

Endereço da Redação:

Caixa Postal 4148; 82501 - 970 Curitiba – PR. Brasil
tel (41) 3528 3223 ou (41) 8862 1226
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

ISSN – 2177 – 4730

Coordenação editorial

Zdzislaw Malczewski SChr

Resumo em polonês

Benedykt Grzymkowski SChr

Revisão do texto

Mariano Kawka

Editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Tradução do polonês

Mariano Kawka

Projeto da capa

Dulce Osinski

Claudio Boczan

Impressão / Acabamento

Gráfica Boa Vista

Fone: 41 3257-6590

CEP: 82620-030

contato@graficaboavista.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não, não serão devolvidos.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

S U M Á R I O

EDITORIAL	9
<i>Wstęp</i>	13

CORRESPONDÊNCIA	17
<i>Korespondencja</i>	

POLÔNIA

Polska

Marcin Florian GAWRYCKI

O BRASIL COMO POTÊNCIA GLOBAL – VISTA DA PERSPECTIVA POLONESA	20
--	----

Brazylia jako mocarstwo globalne – widziane z polskiej perspektywy

Andrzej PETTYN

“ONDE ESTÁ O TEU TESOURO

AI ESTARÁ TAMBÉM TEU CORAÇÃO”	50
--	----

„Tam gdzie jest twój skarb tam będzie i twoje serce”

Jerzy MAZUREK

BRASILE POLÔNIA – 90 ANOS DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS	75
---	----

Brazylia – Polska – 90 lat kontaktów dyplomatycznych

San Tiago DANTAS

DISCURSO PROFERIDO NA UNIVERSIDADE

DE CRACÓVIA EM MAIO DE 1962	86
--	----

Przemówienie wygłoszone na Uniwersytecie Jagiellońskim w maju 1962 r.

Mariano KAWKA

A PERVERSA SOMBRA DE KATYN	93
---	----

W perwersyjnym cieniu Katynia

Tomasz LYCHOWSKI

30 ANOS DO SOLIDARIEDADE	99
---------------------------------------	----

30 lat Solidarności

ARTIGOS

Artykuły

Tadeusz PALECZNY

**AS PRINCIPAIS FASES DOS PROCESSOS LATINO-AMERICANOS
DE FORMAÇÃO DE NACIONALIDADES** 102

Główne fazy procesów latynoamerykańskich w formacji narodowości

Nazareno Dalasso ANGULSKI

**POLONESES NA ILHA DE SANTA CATARINA -
FLORIANÓPOLIS**..... 114

Polacy na wyspie św. Katarzyny - Florianópolis

Kinga ORZEL

**SANTANA – NA VÉSPERA DO CENTENÁRIO DA
IMIGRAÇÃO POLONESA AO BRASIL** 120

Święta Anna – W przeddzień stulecia imigracji polskiej do Brazylii

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

**ESBOÇO DA PASTORAL POLONESA EM PORTO ALEGRE.
A ÓRFÃ COMUNIDADE POLÔNICA PORTO-ALEGRENSE
AGUARDA UM NOVO TUTOR ESPIRITUAL**125

Zarys duszpasterstwa polskiego w Porto Alegre.

Osierocona wspólnota polonijna oczekuje na nowego opiekuna duchowego

POEMAS

Wiersze

Rodrigo LYCHOWSKI

KATYŃ 138

Tomasz LYCHOWSKI

HOLD 139

Francisco BRAGA	
HOMENAGEM A O POETA POLONÊS JÓZEF BARAN	140
<i>Ku czci polskiego poety Józefa Barana</i>	

RESENHAS

Przegląd literacki

Cláudia Regina Kawka MARTINS	
POLANCZYK, Antônio José. O imigrante polonês e a colônia Guarany. Porto Alegre: Renascença – Edigal, 2010.	151

Isabel Cristina CORGOSINHO	
KLIDZIO, Natalia. Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010	154

CRÔNICAS

Wydarzenia

Lourenço Biernaski CM	
PE. EUGÊNIO DIRCEU KELLER CM (1957-2010)	164
<i>Ks. Eugeniusz D. Keller CM (1957-2010)</i>	

Zdzisław MALCZEWSKI SChr	
FALECE O BENEMÉRITO BISPO POLÔNICO	
DOM DOMINGOS GABRIEL WISNIEWSKI	167
<i>Śmierć zasłużonego polonijnego biskupa Dominika Gabriela Wiśniewskiego</i>	

Stanisław PAWLISZEWSKI	
ABERTURA DA EXPOSIÇÃO “OS POLONESES NO BRASIL”	
NA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE ŁÓDŹ	170
<i>Otwarcie wystawy „Polacy w Brazylii” w bibliotece Uniwersytetu Łódzkiego</i>	

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
**A SANTANA PARANAENSE DÁ INÍCIO ÀS COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO POLONESA** 172
*Święta Anna parańska zainicjowała uroczystości stulecia kolonizacji pol-
skiej*

**OBRA SOBRE SAMUEL RAWET É LANÇADA POR NATALIA
KLIDZIO EM PASSO FUNDO – RS**179
*Natalia Klidzio prezentowała swoją pracę o Samuelu Rawecie w P. Fundo-
RS*

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
**REGRESSO SENTIMENTAL À PÁTRIA E LANÇAMENTO DE
LIVROS POLÔNICOS EM VARSÓVIA** 182
*Sentymentalny powrót do ojczyzny i prezentacja polonijnych książek
w Warszawie*

Piotr KILANOWSKI
**POLÔNIA - HISTÓRIA, REALIDADES E SONHOS NO FESTIVAL
DE CINEMA POLONES** 188
Polska – historia, rzeczywistość i marzenia na festiwalu polskiego kina

Efemérides
Diariusz

ANO DE 2010 195

Vanda K. GROCH
Um pouco do que foi 209
Trochę o tym co było

Sandro ZIMNY VITONSKI
**Atividades polônicas de 2009 e 2010
em São Mateus do Sul – PR** 211
Wydarzenia polonijne w 2009 i 2010 r. w São Mateus do Sul – PR.

EDITORIAL

Com indisfarçável satisfação e alegria, apresentamos aos estimados leitores o segundo número da nossa revista polônica no Brasil. Esperamos que a diversidade dos textos publicados seja bem recebida pelos leitores e que lhes torne mais próxima a realidade da Polônia e do Brasil, assim como da nossa coletividade polônica.

Iniciamos o presente número com a publicação da correspondência recebida de três hierarcas da Igreja católica. Duas dessas cartas provêm da Polônia, e uma do Brasil. A sequência das cartas segue a ordem cronológica do seu recebimento. As palavras dos nossos Pastores, repletas de benevolência, constituem para a nossa equipe redacional um novo estímulo para prosseguirmos de forma desinteressada no nosso trabalho de pesquisa e jornalismo.

Na seção seguinte, intitulada Polônia, publicamos alguns artigos interessantes procedentes da distante Polônia ou abordando uma temática com ela relacionada. O professor Marcin Florian Gawrycki apresenta-nos as suas reflexões a respeito do Brasil como potência global, naturalmente do ponto de vista polonês. O redator Andrzej Pettyn familiariza-nos com a pouco conhecida história do coração de Frederico Chopin. O texto que publicamos relaciona-se com as comemorações do ano de Chopin, em razão dos 200 anos de nascimento desse eminentíssimo compositor polo-nês. Em vista da comemoração dos 90 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre os nossos países amigos, publicamos um texto do prof. Jerzy Mazurek. Nesse artigo o leitor poderá encontrar muitas informações que nos recordam esse acontecimento histórico que aproximou mais ainda os nossos países. A Redação decidiu publicar o pronunciamento do economista, jurista e político brasileiro San Tiago Dantas que ocorreu na Universidade Jaguiellônica, quando ele obteve o título de doutor honoris causa dessa universidade polonesa em maio de 1962. Certamente no decorrer da leitura desse texto o

leitor perceberá que as palavras desse intelectual brasileiro, pronunciadas há quase cinquenta anos, continuam atuais para as nossas nações amigas. O prof. Mariano Kawka, incansável tradutor da nossa revista e membro da redação, convida-nos para uma reflexão sobre a perversa sombra da Katyn. Recordando o trágico acidente do avião polonês com o presidente Lech Kaczynski, sua esposa e outras 94 pessoas a bordo, o autor familiariza o leitor com uma outra dolorosa ferida que atingiu a nação polonesa, o assassinato de milhares de prisioneiros poloneses na floresta de Katyn, cometido pelos soviéticos. Outro colaborador nosso, Tomasz Lychowski, apresenta-nos a história e os frutos do movimento “Solidariedade”. Neste ano comemoramos justamente os trinta anos da fundação desse movimento. Em seu artigo, Tomasz Lychowski apresenta os frutos desse movimento polonês incruento para a própria nação, bem como sua influência nas mudanças políticas que ocorreram em outros países europeus.

A segunda seção, Artigos, abre-se com um texto do prof. Tadeusz Paleczny apresentando as fases fundamentais latino-americanas que ocorrem nos processos de formação da identidade dos diversos países do continente sul-americano. O prof. Nazareno D. Angulski, em seu texto, apresenta ao leitor a história da imigração polonesa na ilha de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, capital do estado que traz o nome da mesma santa. A presença polonesa na mencionada ilha teve início em 1888. A autora seguinte, Kinga Orzel, transporta-nos ao Sul do estado do Paraná, a uma região onde há cem anos teve início a colonização polonesa. A autora concentra-se na vila de Santana e na região próxima. Esse artigo é o fruto de pesquisas realizadas pela autora em 2010, tendo em vista a preparação da sua dissertação de doutorado. Por sua vez o redator da revista comenta a história da pastoral polonesa em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Os poloneses começaram a estabelecer-se nesse estado já em 1850. A pastoral polonesa permanente teve início com a atividade do pe. João Peters, vigário-geral da arquidiocese de Porto Alegre. Em seu artigo, o autor apresenta também as figuras

de todos os padres que trabalharam na cape-lania polonesa de Porto Alegre.

Na seção Poemas publicamos duas poesias, por coincidência apresentando a criatividade poética de pai e filho. O primeiro poema, *Katyn*, de autoria de Rodrigo Lychowski, é dedicado às vítimas do acidente aéreo ocorrido em Smolensk. O segundo poema, de autoria de Tomasz Lychowski, *Hold (Homenagem)*, é publicado em sua versão polonesa. Esse texto também é dedicado às vítimas do acidente ocorrido no dia 10 de abril de 2010. Por sua vez Francisco José dos Santos dedica o seu texto para homenagear o poeta polonês Józef Baran. A fim de familiarizar o leitor com a criatividade desse poeta contemporâneo, o autor apresenta alguns dos seus versos, que publicamos em polonês e português.

Na seção seguinte da nossa revista, nas Resenhas, são apresentadas duas publicações polônicas. Cláudia Regina Kawka Martins, em seu texto, apresenta-nos a interessante obra de Antônio José Polanczyk *O imigrante polonês e a colônia Guarany*. O município e a região que atualmente leva o nome de Guarani das Missões, no estado do Rio Grande do Sul, foram colonizados por imigrantes poloneses a partir de 1890. O livro de Polanczyk fornece a esse respeito muitas e interessantes informações, historicamente fundamentadas. O livro seguinte mostrado é a obra de Natália Klidzio *Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet*, apresentada por Isabel Cristina Corgosinho. Samuel Rawet, um judeu polonês, nasceu no dia 23 de julho de 1929 em Klimontów. Em 1936, juntamente com a família, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde passou por todo o processo educacional, coroado em 1953 com a obtenção do título de engenheiro. A autora do livro apresenta a rica vida profissional de Rawet, que faz parte do grupo de poetas brasileiros atualmente conhecidos e apreciados. Ele faleceu no dia 25 de agosto de 1984. É altamente desejável que a comunidade polônica brasileira conheça a riqueza literária de Rawet. Além disso, seria bom que a obra de Natália Klidzio fosse publicada também na Polônia, país do nascimento e da infância de Rawet.

Na última seção de revista, Crônicas, apresentamos ao leitor uma diversidade de fatos que ocorreram no Brasil e na Polônia. Os dois primeiros autores dessa seção apresentam as figuras de religiosos falecidos neste ano, membros da nossa comunidade polônica. O pe. Lourenço Biernaski CM fornece a biografia do pe. Eugênio Dirceu Keller CM, que faleceu repentinamente em Curitiba, enquanto exercia o cargo de superior da província meridional dos padres vicentinos. O pe. Zdzislaw Malczewski SChr apresenta a biografia de Dom Domingos Gabriel Wisniewski CM, ordinário emérito da diocese de Apucarana, no estado do Paraná. Stanislaw Pawliszewski descreve a inauguração da exposição “Os poloneses no Brasil” na biblioteca da Universidade de Lodz. O redator da revista, em suas reminiscências, escreve das solenidades em Santana, que se prepara para o centenário da imigração polonesa. O texto seguinte apresenta ao leitor uma palestra da professora Natália Klidzio na Universidade de Passo Fundo sobre o poeta Samuel Rawet. Zdzislaw Malczewski SChr descreve a sua volta sentimental à pátria, bem como o lançamento de livros polônicos publicados em Varsóvia. O membro da equipe redacional prof. Piotr Kilanowski comenta o festival de cinema polonês que foi apresentado em Curitiba.

Na seção Crônicas publicamos também as Efemérides, onde o prezado leitor poderá encontrar muitas informações sobre acontecimentos polono-brasileiros e polônicos. Publicamos também dois textos provenientes do interior, de Erechim-RS e São Mateus do Sul-PR, aquele de autoria de Vanda K. Groch e este, de Sandro Z. Vitonski.

Em nome da equipe redacional e em meu próprio, desejo ao prezado leitor uma boa e enriquecedora leitura neste seu encontro com os textos publicados no presente número de Polonicus.

Zdzislaw Malczewski SChr - redator

WSTEP

Z nieukrywaną satysfakcją i radością przekazujemy Drogim Czytelnikom drugi numer naszego polonijnego pisma w Brazylii. Mamy nadzieję, że różnorodność zamieszczonych tekstów zostanie dobrze przyjęta przez Was i Wam przybliży rzeczywistość naszych krajów Polski i Brazylii, oraz naszej brazylijskiej społeczności polonijnej.

Obecny numer rozpoczynamy od zamieszczenia otrzymanej korespondencji od trzech hierarchów Kościoła katolickiego. Dwa listy pochodzą z Polski, a trzeci z Brazylii. Listy zamieszczamy według daty ich otrzymania. Słowa naszych Pasterzy, pełne życzliwości są dla zespołu redakcyjnego nowym bodźcem do dalszej bezinteresownej pracy badawczej i publicystycznej.

W następnym dziale noszącym tytuł Polska zamieściliśmy kilka interesujących artykułów pochodzących z naszego dalekiego kraju lub traktujących tematykę związaną z Polską. Prof. Marcin Florian Gawrycki snuje przed nami refleksje o Brazylii jako mocarstwie globalnym. Oczywiście postrzegany z polskiej perspektywy. Redaktor Andrzej Pettyn przybliży nam mało znaną historię losów serca Fryderyka Chopina. Publikowanym tekstem nawiązujemy do obchodzonego roku Chopina w związku z 200. leciem urodzin tego najznakomitszego polskiego kompozytora. W nawiązaniu do obchodzonej w naszych zaprzyjaźnionych krajach 90. rocznicy ustanowienia stosunków dyplomatycznych publikujemy tekst prof. Jerzego Mazurka. We wspomnianym artykule znajdzie Czytelnik wiele informacji, które przybliżają ową historyczną rzeczywistość, która zbliżyła do siebie - jeszcze bardziej - nasze kraje. Redakcja podjęła decyzję publikacji wystąpienia ekonomisty, prawnika i polityka brazylijskiego San Tiago Dantas, jakie miało miejsce na Uniwersytecie Jagiellońskim z okazji otrzymania przez niego tytułu doktoratu Honoris Causa w maju 1962 r. Z pewnością Czytelnik w trakcie lektury tego tekstu spostrzeże, że słowa bra-

zylijskiego intelektualisty wypowiedziane przed 50 laty są ciągle aktualne dla naszych zaprzyjaźnionych narodów. Prof. Mariano Kawka, nieustrudzony tłumacz naszego czasopisma i członek redakcji, zaprasza nas do refleksji nad perwersyjnym cieniem Katynia. Wspominając tragiczny wypadek polskiego samolotu z prezydentem Lechem Kaczyńskim, jego małżonką i innymi 94 osobami na pokładzie, autor przybliży Czytelnikowi inną bolesną ranę narodu polskiego. Mord sowietów popełniony na tysiącach polskich więźniów w lesie katyńskim. Inny nasz współpracownik, Tomasz Łychowski przybliży historię i owoce ruchu „Solidarności”. Właśnie w obecnym roku mija 30. rocznica powstania „Solidarności”. Tomasz Łychowski w swoim artykule ukazuje owoce tego bezkrwawego polskiego ruchu dla własnego narodu, jak też jego wpływu na zmiany polityczne w innych krajach europejskich.

Drugi dział Artykuły otwieramy tekstem prof. Tadeusz Palecznego ukazującego podstawowe fazy latynoamerykańskie zachodzące w procesach formowania się tożsamości poszczególnych narodów na tym kontynencie. Prof. Nazareno D. Angulski w swoim tekście przybliży Czytelnikowi historię emigracji polskiej na wyspie św. Katarzyny, w mieście Florianópolis, będącego stolicą stanu noszącego imię tej samej świętej. Polska obecność na wspomnianej wyspie rozpoczęła się w 1888 r. Kolejna autorka Kinga Orzeł przenosi nas na południe stanu Paraná, gdzie przed 100 laty rozpoczęła się w tamtym regionie polska kolonizacja. Autorka koncentruje się na osadzie Santana i jej okolicach. Artykuł jest owocem przeprowadzonych badań terenowych autorki w 2010 r. w ramach przygotowywania doktoratu. Z kolei redaktor czasopisma omawia historię duszpasterstwa polskiego w Porto Alegre, stolicy stanu Rio Grande do Sul. Polacy zaczęli osiedlać się w tym stanie już w 1850 r. Stałe duszpasterstwo polskie rozpoczęło się od działalności ks. Jana Peresa, wikariusza generalnego archidiecezji Porto Alegre. Autor w swoim artykule przybliży także sylwetki wszystkich duszpasterzy posługujących w kapelanii polskiej w Porto Alegre.

W dziale Wiersze publikujemy dwie poezje. Tak się szczęśliwie

składa, że twórczość syna i ojca. Pierwszy wiersz „Katyń” autorstwa Rodriga Lychowskiego dedykowany jest ofiarom katastrofy lotniczej pod Smoleńskiem. Drugi wiersz autorstwa Tomasza Łychowskiego „Hołd” publikujemy w wersji polskiej. Również dedykowany jest ofiarom tego wypadku w dniu 10 kwietnia 2010 r. Z kolei Francisco José dos Santos Braga dedykuje swój tekst dla uczczenia polskiego poety Józefa Barana. Dla przybliżenia Czytelnikowi twórczości tego współczesnego poety autor zamieszcza kilka jego wierszy. Publikujemy je w dwu językach: po polsku i portugalsku.

W kolejnym dziale naszego czasopisma Przeglądzie literackim omawiamy dwie publikacje polonijne. Cláudia Regina Kawka Martins w swoim tekście przybliżyła nam interesujące dzieło autorstwa Antônio José Polanczyka „O imigrante polonês e a colônia Guarany” (Imigrant polski i kolonia Guarany). Municipium i region noszący aktualnie nazwę Guarani das Missões w stanie Rio Grande do Sul był kolonizowany przez emigrantów polskich od 1890 r. Zasłużył sobie na poważne, źródłowe i bogate w informacje historyczne opracowanie książkowe autorstwa Antônio José Polanczyka. Następną prezentowaną książką, to dzieło Natalii Klidzio „Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet” (Miejska wędrówka w życiu i dziele Samuela Raweta) omawiana przez Isabel Cristina Corgosinho. Samuel Rawet, polski Żyd, urodził się 23 lipca 1929 r. w Klimontowie. W 1936 wraz z rodziną przybywa do Rio de Janeiro. Rawet przechodził cały proces edukacyjny, którego uwieńczeniem było uzyskanie w 1953 r. dyplomu inżyniera budownictwa. Autorka książki ukazuje bogate życie zawodowe Raweta, który zaliczany jest do grupy znanych i cenionych współczesnych poetów brazylijskich. Zmarł 25 sierpnia 1984 r. Należy wyrazić życzenie, aby brazylijska wspólnota polonijna poznała bogactwo literackie Raweta. Ponadto było by dobrze, aby dzieło Natalii Klidzio zostało wydane również w Polsce, kraju urodzenia i dzieciństwa Raweta.

W ostatnim dziale czasopisma omawiającym Wydarzenia zapo- zna-

jemy Czytelnika z różnorodnością wydarzeń, które miały miejsce w Brazylii i Polsce. Dwóch pierwszych autorów tego działu zamieszczają sylwetki zmarłych w tym roku duchownych, członków naszej wspólnoty polonijnej. Lourenço Biernaski CM przedstawia życiorys ks. Eugênio Dirceu Kellera CM, który zmarł nagle w Kurytybie w trakcie pełnienia posługi przełożonego południowej prowincji księży misjonarzy. Zdzisław Malczewski SChr prezentuje życiorys biskupa Domingos Gabriel Wiśniewskiego CM, emerytowanego ordynariusza diecezji Apucarana w Paranie. Stanisław Pawliszewski opisuje inaugurację wystawy „Polacy w Brazylii” w bibliotece Uniwersytetu Łódzkiego. Redaktor czasopisma w swoich reminiscencjach pisze o uroczystościach w Santanie przygotowującej się do 100. lecia polskiej kolonizacji. Kolejny tekst przybliży Czytelnikowi wykład prof. Natalii Klidzio na Uniwersytecie w Passo Fundo o poecie Samuelu Rawecie. Zdzisław Malczewski SChr opisuje sentymalny powrót do Ojczyzny oraz prezentację polonijnych książek wydanych w Warszawie. Członek zespołu redakcyjnego prof. Piotr Kilanowski omawia festiwal filmu polskiego, jaki miał miejsce w Kurytybie.

W dziale Wydarzenia publikujemy także Diariusz, w którym Drogi Czytelnik znajdzie wiele informacji o wydarzeniach polsko-brazylijskich oraz polonijnych. Zamieszczamy także dwa teksty z terenu, a mianowicie z Erechim – RS i São Mateus do Sul PR. Pierwszy tekst jest autorstwa Vandy K. Groch, a drugi Sandro Z. Vitonskiego.

W imieniu zespołu redakcyjnego oraz własnym, życzę Drogiemu Czytelnikowi dobrej i ubogacającej lektury w spotkaniu z tekstami publikowanymi w niniejszym numerze Polonicusa -

Zdzisław Malczewski SChr, redaktor

DOM WOJCIECH POLAK
Bispo Auxiliar
da Diocese de Gniezno
Delegado da Conferência do Episcopado Polonês
para a Pastoral dos Emigrados

Gniezno, 14 de julho de 2010.

L. dz. 40/10/D

Minhas cordiais saudações da cidade primacial de Gniezno. Muito obrigado por me ter enviado o primeiro número da revista da comunidade polônica brasileira *Polonicus – Revista de Reflexão Brasil-Polônia*. Fico grato por ter Vossa Reverendíssima empreendido tão interessante iniciativa, que tem por objetivo o aprofundamento e a divulgação da rica realidade da vida religiosa e cultural da comunidade polônica no Brasil.

Espero que, de acordo com as expectativas do Padre Redator, ela atingirá um amplo círculo daqueles que pesquisam a história da coletividade polônica no Brasil e contribuirá para o aprofundamento dos laços existentes entre a Polônia e o Brasil.

Em minha oração, confio as expectativas e as esperanças do Padre Redator ao Bom Deus, e para a sua tarefa redacional concedo a minha cordial bênção pastoral.

+ *Wojciech Polak*
Delegado da Conferência do Episcopado Polonês
para a Pastoral dos Emigrados

DOM JÓZEF KOWALCZYK
Arcebispo Metropolitano de Gniezno
Primaz da Polônia

Gniezno, 19 de agosto de 2010.

N. 1/2010/ArPP

Prezado Padre Redator,

Sou sinceramente grato pelas expressões de proximidade a mim enviadas por ocasião da minha convocação para a sé de Gniezno.

Agradeço cordialmente pela publicação *Echo Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii* (Eco da Missão Católica Polonesa no Brasil) e pelo exemplar de *Polonicus*. Ambos constituem uma interessante fonte de informações a respeito da extraordinária vitalidade da comunidade polonesa no Brasil, além de serem uma ponte a unir a comunidade polônica brasileira com a distante Pátria dos seus antepassados.

Agradeço por esse simpático gesto e peço que a minha nova missão continue a ser apoiada pela oração e pela benevolência.

À Missão Católica Polonesa no Brasil envio minha bênção cordial!

+ José Kowalczyk
Primaz da Polônia

DOM PEDRO FEDALTO
Arcebispo Emerito
de Curitiba

Curitiba, 18 de novembro de 2010

Confesso-me sempre grato ao receber profundos e históricos escritos em Projecoes, Revista de Estudos Polono-Brasileiros.

Eu me delicio ao ler os artigos profundos com o testemunho de tantos poloneses com sua fe, sacrifícios heroicos e atividades dignas de louvor. Encantou-me ler o que foi escrito sobre o Padre Inacio Posadzy, e sobre a migração polonesa, a dominação da Polônia pela Alemanha e Rússia, a partir de 1939, sem contar a anterior dominada por três nações poderosas.

Felicito-o efusivamente, Pe. Zdzislaw e transmito-lhe e a todos os colaboradores sinceros agradecimentos.

Com respeitosa saudação, subscrevo-me atenciosamente.

+ Pedro Fedalto
Arcebispo Emerito de Curitiba

O BRASIL COMO POTÊNCIA GLOBAL – VISTA DA PERSPECTIVA POLONESA

*Marcin Florian GAWRYCKI **

Quando em 1918 a Polônia recuperou a independência, começou a olhar para o mundo, se pudermos utilizar-nos dessa metáfora, da perspectiva de um conviva que se atrasou para o banquete. O mundo já havia sido dividido, e – quando isso aconteceu – o país se encontrava ocupado por potências estrangeiras. A nossa ambição era, entretanto, ocupar um dos lugares mais importantes nas relações internacionais da época, mas o nosso potencial era extremamente limitado. Por exemplo, não possuíamos colônias, o que no contexto europeu daquele tempo nos situava na segunda divisão dos países que podiam desempenhar no mundo um papel importante. Sabe-se que a elite intelectual polonesa, ao menos uma parte dela, sonhava com a possibilidade de criar as suas próprias possessões ultramarinas. Foi com esse objetivo que surgiu a Liga Marítima e Colonial, que em 1934 comprou uma parte do estado brasileiro do Paraná e fundou ali um núcleo para colonos poloneses – Morska Wola. Buscava-se também aproveitar os longos anos de emigração dos nossos compatriotas, alimentando o sonho de fundar em algum lugar próximo à fronteira argentino-brasileira uma colônia polonesa. Naturalmente, esses sonhos apenas numa pequena proporção saíram dos gabinetes dos políticos poloneses que sonhavam com a Polônia como uma potência. O fato é, no entanto, que o Brasil era então percebido em nossa pátria como um país exótico, interessante e promissor de muitas possibilidades, mas apesar de tudo exótico.

Atualmente as autoridades polonesas já não olham para o Brasil

* Professor doutor, trabalha no Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Varsóvia; é diretor do Centro de Estudos Extraeuropeus do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Varsóvia e secretário-geral da Sociedade Polonesa de Estudos Latino-Americanos.

Polônia

como para um parceiro exótico, mas veem nele um sujeito muito importante das atuais relações internacionais, embora, infelizmente, apenas em pequena parte isso se transforme em prática nas ações diplomáticas. Trata-se do nosso maior parceiro na América Latina, e o seu significado se comprova, por exemplo, pelo fato de que nas distâncias médias as Linhas Aéreas Polonesas LOT utilizam agora quase exclusivamente os aviões da Embraer. Em 2008, o valor total das trocas comerciais entre os nossos países atingiu 859 milhões de dólares. Desde 2005 existe a Câmara de Comércio Brasil-Polônia, cuja tarefa é o apoio ao desenvolvimento das relações econômicas e comerciais entre empresas polonesas e brasileiras.

No entanto, na minha opinião, o acontecimento mais importante, infelizmente pouco divulgado na mídia polonesa, foi a abertura em Varsóvia, em setembro de 2009, de um novo centro comercial da Agência Brasileira de Promoção das Exportações e Investimentos Apex-Brasil, cujo objetivo básico é fornecer a firmas brasileiras informações a respeito do mercado polonês e das possibilidades de exportação, bem como o estabelecimento de relações com parceiros comerciais poloneses. Essa Agência deve igualmente facilitar a criação de representações de firmas brasileiras na Polônia. No âmbito das suas tarefas básicas, o centro comercial ApexBrasil promove o apoio a investimentos poloneses no Brasil. E, o mais importante é que, além da Polônia, o Brasil possui apenas quatro escritórios desse tipo no mundo (sic!), em Miami, Dubai, Havana e e Beijing.

O que significa isso? Em primeiro lugar, o Brasil vê o nosso país como um parceiro importante e prometedor. As possibilidades de intercâmbio mútuo na área econômica e comercial são atualmente aproveitadas em escala extremamente reduzida. No futuro, entretanto, no contexto do crescimento da importância do Brasil no mundo e da participação polonesa na União Europeia, essa situação pode sofrer mudanças radicais. Em segundo lugar, o Brasil percebe o nosso país como o mais importante na Europa Centro-

Oriental, de onde pode promover a eficaz promoção dos seus produtos em toda essa região. Em terceiro lugar, finalmente, é o Brasil que se apresenta hoje como um país que – à semelhança da Polônia no passado – sonha em assumir uma posição de potência. A dúvida é se esses sonhos têm a possibilidade de concretizar-se.

O objetivo do presente artigo é uma abordagem honesta das aspirações brasileiras de se tornar uma potência mundial e uma análise das possibilidades da sua realização. O ponto de vista representa o estado de conhecimento de um pesquisador polonês, o que – espero – pode ser interessante para o leitor brasileiro. Com efeito, acredito que, com base na forma como nos veem os outros, independentemente de essa percepção estar próxima da verdade ou dela muito distante, aprendemos a ver quem somos ou o que devemos fazer para que os outros nos vejam realmente da forma como gostaríamos que eles o fizessem.

Rumo a ambições de potência – o Brasil na Liga das Nações

Não gostaria que alguém pensasse – porque talvez essa conclusão se apresente após a leitura dos primeiros parágrafos – que as ambições brasileiras de ser uma potência surgiram apenas recentemente. Na perspectiva de um polonês que por duas vezes visitou esse país, parece ser extremamente acertada a observação de que a convicção dos brasileiros a respeito de seu país tornar-se um dia uma potência global era apenas uma questão de tempo. “Vamos crescer, vamos prosperar. Virá a cultura e a perfeição. Ainda nos encontramos no início da nossa grandeza. Seremos a segunda ou a primeira potência mundial [...]. O Brasil se transformará no verdadeiro Eldorado que era procurado pelos antigos conquistadores” – escrevia Afonso Celso em 1900 em seu trabalho *Por que me ufano do meu país?* (CELSO, 1900). Numa outra passagem o mencionado autor acrescentava: “Deus não nos abandonará, e o futuro será maravilhoso” (CELSO, 1901: 189-190). Nas ruas de Manaus, São Paulo ou Rio de Janeiro, muitas vezes me defrontei com a convicção do

brasileiro comum de que, mesmo que o seu país ainda não seja uma potência, em breve o será.

De que resulta isso? A análise politológica é um instrumento adequado que fornece uma resposta à pergunta assim formulada. O Brasil possui tudo que é necessário a um país para ocupar uma posição de potência. A geografia, a demografia, e economia – todos esses fatores comprovam esse julgamento. Evidentemente existem também problemas, o maior dos quais parece ser o problema das desigualdades sociais, mas trata-se de uma questão que – pelo menos ao que parece a um pesquisador polonês – está merecendo o interesse especial das autoridades brasileiras, que buscam modificar essa situação.

Muitos países europeus (e também os Estados Unidos) voltam o olhar para a sua história. O Brasil, cuja história também registra acontecimentos gloriosos, olha decididamente para o futuro. *O Brasil do futuro* é o título de um livro de Barbara Liberska a respeito das estratégias do desenvolvimento do Brasil como futura potência mundial no período do governo militar nos anos 1964-1985 (LIBERSKA, 1989). Considero esse título como o que melhor sintetiza a maneira como os brasileiros veem a si mesmos e como são percebidos pelas outras nações.

No entanto essa percepção de si mesmo no contexto de um futuro esplendor e de um passado ainda presente é um processo demorado. Eu gostaria de mostrar isso focalizando as aspirações brasileiras no contexto de o Brasil tornar-se um membro permanente do Conselho da Liga das Nações.

Algumas palavras a respeito da própria Liga, que surgiu em decorrência do Tratado de Versalhes em 1919. O seu objetivo era impedir uma nova guerra mundial e ao mesmo tempo estabelecer um sistema de segurança coletiva, envolvendo todos os seus membros. A fraqueza da Liga foi o fato de que muitos países afinal não se decidiram pela participação como seus membros (por exemplo os Estados Unidos, apesar de a própria ideia de tal organização provir do presidente Woodrow Wilson) ou porque lhes foi

negada a participação – inicialmente a Alemanha e a União Soviética. Isso significava, com efeito, que o sistema da segurança coletiva não era completo e que os países não participantes da organização podiam transgredir as normas inscritas no Pacto da Liga das Nações.

Os dois órgãos mais importantes dessa organização eram o Conselho e a Assembleia. Dos trabalhos da segunda instituição participavam todos os países membros, mas era no Conselho que eram tomadas todas as decisões mais importantes relacionadas com o funcionamento do mundo daquela época. Esse órgão compunha-se de membros permanentes e não permanentes. O primeiro organismo era composto inicialmente pelo Japão (até 1933, quando o país abandonou a organização), pela Grã-Bretanha, França e Itália. No caso dos membros não permanentes, a decisão a esse respeito era tomada pela Assembleia através de votação a respeito das candidaturas apresentadas.

A Liga das Nações gozava na América Latina de um interesse moderado, apesar de onze países latino-americanos – Bolívia, Brasil, Cuba, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Uruguai – terem participado da construção do Pacto assinando o Tratado de Versalhes, e de outros seis – Argentina, Chile, Colômbia, El Salvador, Paraguai e Venezuela – terem sido convidados para se tornarem membros. No entanto vale a pena lembrar que não apenas a voz latino-americana foi pouco audível na conferência da paz, mas a própria participação na elaboração do acordo ou da possibilidade de se tornar seu membro era estreitamente regulamentada. Os recentes súditos das metrópoles europeias foram na verdade admitidos aos salões, mas isso não significava que alguém lhes desse muita atenção. No caso da América Latina, tinham voz decisiva a esse respeito os Estados Unidos, que bloquearam, por exemplo, o envio de um convite ao México. Apesar de os Estados Unidos no final não se terem tornado membros da Liga das Nações e de a própria organização ver com bons olhos – ainda que para aumentar a sua legitimação e representatividade – a partici-

pação de um desses maiores países latino-americanos, o México ofendeu-se com o tratamento recebido durante a assinatura do Pacto, tendo permanecido fora dessa organização até o início da década de trinta do século XX. Somente uma resolução especialmente aceita, convidando esse país para se tornar membro da Liga, fez com que o México ingressasse nela em 1931, tornando-se, aliás, um dos seus membros mais ativos.

O país latino-americano que desde o início tratou muito seriamente o surgimento dessa organização que devia assegurar a paz coletiva foi o Brasil. Ao se envolver na Primeira Guerra Mundial (logo após os Estados Unidos, em 1917), esse país como que conquistou o direito de participar da Conferência de Versalhes, que tinha por objetivo criar uma nova ordem mundial. Além disso, no dia 22 de fevereiro de 1919, o Brasil, ao lado da Bélgica, da China, de Portugal e da Sérvia, foi convidado por cinco potências aliadas (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão) para participar dos trabalhos no chamado Hotel Crillon, que prepararia o futuro Pacto da Liga das Nações (mais tarde foram convidadas também – apesar da oposição de Washington e Londres – a Checoslováquia, a Grécia, a Polônia e a Romênia). O Brasil apoiava a visão de Wilson de estabelecer uma nova ordem pós-guerra, e por isso não é de admirar que tenha sido justamente o presidente americano que assegurou um adequado lugar à delegação brasileira, bem como apoiou as suas tendências e aspirações. No dia 18 de abril Woodrow Wilson – tendo conseguido o apoio de outros países – afirmou que o Brasil, ao lado da Bélgica, da Espanha e da Grécia, devia ocupar o lugar de membro não permanente do Conselho da Liga. Essa formulação apareceu no artigo quarto do Pacto.

Como mencionei, os Estados Unidos afinal não entraram na Liga das Nações, de maneira que o Brasil – como o maior país da região e coautor do entendimento – podia sentir-se como o representante de todo o continente americano, e realmente as suas aspirações tomaram essa direção. Em razão da sua posição, o Brasil pertencia ao grupo dos países latino-americanos

mais envolvidos nos trabalhos da Liga e no desenvolvimento dos ideais por ela propostos. Aproveitava-se o fato de que, além dos Estados Unidos, encontraram-se fora da Liga dois outros grandes países do hemisfério ocidental – o México e a Argentina (este país, até os anos trinta, era formalmente membro da organização, mas não participava dos seus trabalhos). Por isso não é de admirar que na Europa o Brasil fosse visto como um importante e valioso aliado, cuja presença nos mais elevados órgãos decisórios da organização era muito desejada. Em consequência disso, nos anos 1920-1925 esse país tem sido coerentemente eleito todos os anos como membro não permanente do Conselho.

A questão da participação do Brasil no Conselho despertava muitas controvérsias, porquanto, do ponto de vista formal, supunha-se a participação rotativa dos membros, de maneira que o maior número possível de países pudesse participar nos trabalhos dos mais elevados órgãos decisórios. No decorrer de Assembleias sucessivas estabeleceu-se, contudo, a tradição de não eliminar durante a votação os membros não permanentes do Conselho que novamente se apresentassem. Em 1922 o número de membros não permanentes foi ampliado de quatro para seis, dos quais uma nova vaga coube à América Latina, concretamente ao Uruguai. Em consequência, os países latino-americanos tinham duas vagas no Conselho. No entanto isso não mudava o fato de que a resistência diante da “ocupação” brasileira do posto de membro não permanente desse órgão fosse cada vez mais forte. Em 1923, as controvérsias entre os países dessa região relacionadas com a composição do Conselho quase conduziram a uma crise. Erguiam-se vozes contra o Brasil, que permanecia ininterruptamente no Conselho, propondo-se em troca o reconhecimento do *status* de membro não permanente a Cuba ou à Argentina.

Os diplomatas europeus observavam com inquietação o desenvolvimento da situação na América Latina, temendo um resultado que os prejudicasse. A pouco significativa Havana não podia gozar do respeito e do prestí-

gio que tinha o Rio de Janeiro. Uma alternativa real seria Buenos Aires, mas, como mencionei, na época a Argentina não manifestava grande vontade de participar nos trabalhos da Liga. Finalmente, e principalmente em razão de pressões das potências europeias, os países latino-americanos concordaram com a prorrogação do mandato do Brasil, ainda que o acordo nessa questão tenha sido alcançado por apenas um voto de diferença.

Mencionei também anteriormente que a Liga das Nações sofria de déficit de representatividade, visto que muitos países essenciais para o funcionamento das relações internacionais da época encontraram-se fora da Liga. É por isso que tiveram um grande significado, aliás não apenas para o posterior desenvolvimento da Liga, os tratados de Locarno, rubricados no dia 16 de outubro de 1925 e assinados no dia 1 de dezembro daquele ano em Londres. Seu objetivo principal era atrair a Alemanha à cooperação internacional. Um dos elementos desse acordo, assinado entre a Bélgica, a França, a Grã-Bretanha, a Itália e a Alemanha, era a aceitação desta na Liga das Nações e a outorga a ela de uma vaga permanente no Conselho. Berlim insistia que o dia da entrada em vigor dos tratados de Locarno fosse ao mesmo tempo o dia da conquista da sua vaga no mais importante órgão da Liga.

Apoiavam Locarno as potências da Europa Ocidental, as quais faziam muita questão de incluir a Alemanha no Conselho como membro permanente. No entanto esse acontecimento despertou as aspirações de outros países (Brasil, Polônia, Espanha, China e Pérsia), que de maneira mais ou menos aberta empenhavam-se por obter um *status* semelhante. Uma parte desses países (como por exemplo a Polônia) buscava o fortalecimento da sua posição enfraquecida após a assinatura dos tratados de Locarno e, no caso de outros (Brasil), o principal motivo da ação era a vontade de aumentar o seu prestígio e a sua posição internacional.

O Brasil sentia-se muito forte no Conselho e queria aproveitar a sua posição. Em razão de talentos pessoais, nos anos 1924-1926 alcançou uma elevada posição nesse órgão da Liga das Nações o representante desse país,

Afrânio de Melo Franco. Ele era um membro do Conselho muitas vezes explorado para cumprir o papel de mediador em diversas disputas entre países europeus. Vale a pena lembrar igualmente que as aspirações internacionais do Brasil eram também profundamente influenciadas pela situação interna do país. Com efeito, no final dos anos vinte e início dos anos trinta do século XX havia ocorrido o ocaso final do poder da velha oligarquia cafeeira e pecuarista dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Em 1922 ainda foi possível eleger para presidente um representante desses estados, Artur Bernardes, mas isso provocou os protestos maciços da população. No estado do Rio Grande do Sul, e depois também em outras partes do país, eclodiram revoltas. Foi então introduzido pelas autoridades o estado de sítio, e qualquer ameaça de perigo era severamente castigada. Por isso o sucesso na arena internacional podia contribuir significativamente para melhorar a situação no país. Parece-me que com isso se explica em grande medida a determinação do Brasil nos seus empenhos por conseguir um assento permanente no Conselho da Liga.

Em meados da década de vinte do século passado, a oposição dos países da América Latina diante da ocupação permanente pelo Brasil de uma vaga permanente no Conselho atingiu o seu ápice. No dia 26 de agosto de 1925, tendo acertado a sua posição antes da VI Assembleia da Liga, os países latino-americanos promoveram um ataque frontal contra a posição privilegiada do Rio de Janeiro. De maneira especialmente firme apresentou então as suas aspirações o Chile. Por isso, foi aceita por unanimidade a proposta venezuelana de que o mandato devido a essa região fosse entregue a outro país. Sem ter outra saída, o Brasil teve de prometer que não se empenharia pela prorrogação do seu mandato para o ano seguinte, afirmando ao mesmo tempo que buscaria alcançar uma vaga permanente no Conselho. De fato, a diplomacia desse país já promovia por trás dos bastidores, tanto na América Latina como na Europa, ações relacionadas com essa questão.

Nesse contexto, é extremamente interessante o memorando secreto

enviado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em julho de 1925 (antes, portanto, da assinatura dos tratados de Locarno) a Genebra propondo às potências aliadas a atribuição ao Rio de Janeiro da vaga no conselho devida a... Washington. Nesse documento se lê: “Ao continente americano não pode ser negado o direito de representação no Conselho, inclusive na forma de seu representante permanente, mesmo levando-se em conta os acontecimentos que fizeram com que os Estados Unidos estivessem dele ausente. [...] Por força do artigo 4 do Pacto, o lugar reservado aos Estados Unidos poderia continuar a ser mantido de prontidão, mas nesse meio tempo seria ocupado pelo Brasil até o momento em que a grande república irmã ingresse na Liga das Nações” (*Confidencial*, 1926: 22).

No entanto as grandes potências não viam com bons olhos uma reforma do Conselho da Liga. É verdade que em 1926, por uma iniciativa franco-inglesa, aumentou-se o número dos membros não permanentes desse órgão, mas isso visava sobretudo a enfraquecer as acusações de utilização de normas não democráticas no funcionamento dessa organização. Com muito mais crítica era vista a questão do aumento do número dos membros permanentes no Conselho. Naturalmente constituía uma exceção a Alemanha, por cuja inclusão se havia empenhado não apenas Berlim, mas também Londres e – talvez com menor intensidade – Paris. A ampliação do Conselho com a inclusão da Alemanha não significava, entretanto, o consentimento geral das potências para uma reforma desse órgão. No dia 4 de março de 1926, o então ministro das relações exteriores da Grã-Bretanha, Joseph Austin Chamberlain, falou na Câmara dos Comuns: “No que diz respeito especificamente a assentos permanentes [no Conselho], qualquer aumento do seu número deve evidentemente ser submetido a uma detalhada análise. Essa restrição diz respeito sobretudo à condição de membro permanente, visto que as nações que ocupam as vagas não permanentes são eleitas pela Assembleia [...]” (MACEDO SOARES, 1928: 124-125).

A questão da inclusão da Alemanha devia ser discutida numa sessão

Polônia

especial da Assembleia convocada em março de 1926. Os relatos desse acontecimento sublinham as ações intensificadas da diplomacia de diversos países, que buscavam alcançar as máximas vantagens para si mesmos. No dia 14 de março a Suécia e a Checoslováquia declararam a prontidão para renunciar à sua vaga permanente no Conselho em favor da Polônia, o que devia assegurar as ambições de Varsóvia, embora dois dias depois se verificasse que tal solução da disputa polono-alemã era impossível.

O Brasil estava preparado para o embate final e contava que as cartas de que dispunha lhe ajudariam a alcançar o sucesso. Como era importante para esse país a questão de alcançar um assento permanente no Conselho é comprovado pelo fato de que o diplomata brasileiro de Melo Franco, conhecido e apreciado em Genebra, perdeu a autonomia de que dispunha até então, e todas as disposições vinham diretamente do presidente Bernardes. Com isso se pode explicar em grande parte a paralisia da diplomacia brasileira durante a conferência, a falta de elasticidade e a inflexibilidade na formulação de exigências. De fato, no dia 15 de março os delegados brasileiros anunciaram que, se as exigências do Brasil relacionadas com a atribuição de uma vaga permanente no Conselho não fossem cumpridas, o Rio de Janeiro proporia o veto contra a aceitação da Alemanha. Como membro do Conselho, o Brasil podia então bloquear a exigida decisão unânime a esse respeito.

Muitos países reconheceram essa forma de apresentar a questão pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil como uma evidente chantagem, incompatível com o espírito da Liga. A Suécia já anteriormente havia anunciado que não concordaria com nenhuma mudança no Conselho antes que a Alemanha se transformasse em seu membro. Na Assembleia essa posição foi apoiada pela Dinamarca, Noruega, Suíça e Finlândia. Outros países sugeriram ao Rio de Janeiro a possibilidade de realizar no futuro esse plano, com a ocupação provisória da vaga que no Conselho cabia aos Estados Unidos, mas o Brasil permaneceu inflexível e o veto não foi afastado.

Em grande medida foi justamente essa posição inflexível do Brasil,

Polônia

que – vale a pena lembrar – era então membro não permanente do Conselho, que levou a um impasse a questão da aceitação da Alemanha e, em consequência, à derrota de uma sessão especial da Assembleia. Decidiu-se transferir a questão da participação da Alemanha no Conselho da Liga para setembro. No encerramento do encontro, de maneira velada muitos delegados culparam o Brasil por esse resultado negativo. Em seu pronunciamento, o ministro das relações exteriores da Grã-Bretanha, Austin Chamberlain, falou da necessidade de opor-se à humilhante paralisia (“humiliating paralysis”) da Liga. A enfurecida e humilhada delegação alemã fez as malas e viajou a Berlim, enquanto as potências europeias procuravam acalmá-la a fim de não desperdiçar os efeitos da cooperação até então alcançados. Embora o Brasil em nenhuma parte tenha sido mencionado como o principal culpado pela situação surgida, os fatos falavam por si mesmos.

Naquele tempo o Rio de Janeiro tinha nomeado a si mesmo para a função de líder e porta-voz do mundo latino-americano no fórum da Liga. No entanto, falando delicadamente, as ambições do Brasil de se tornar uma potência nem sempre caminhavam a par com as aspirações dos outros países dessa região. Na época em que o Rio de Janeiro lutava por um assento permanente no Conselho para o continente americano, no dia 16 de março de 1926 outros países da América Latina promoveram um encontro com o objetivo de acertar uma posição comum relacionada com a reforma do Conselho da Liga. Estabeleceu-se então que, no lugar de uma vaga permanente no Conselho, uma solução muito mais vantajosa para eles seria a obtenção de três vagas não permanentes, rotativas. A delegação paraguaia, em seu nome e em nome do Chile, Colômbia, Cuba, Guatemala, Nicarágua República Dominicana, El Salvador, Uruguai e Venezuela, enviou ao Brasil uma nota em que lhe eram informadas as decisões, ao mesmo tempo negando o apoio às aspirações do Rio de Janeiro no sentido de se transformar numa potência. “As delegações americanas presentes numa sessão especial da Assembleia da Liga das Nações, após troca de opiniões em espírito da mais elevada ami-

zade e solidariedade [...], decidiram o que segue: as delegações americanas, conscientes da seriedade da situação em que atualmente se encontra a Liga, preocupadas com o interesse da paz mundial e conscientes de como deve ser importante para os estados americanos a contribuição para reconciliar as nações da Europa, desejam expressar a Sua Excelência de Melo Franco a sua esperança de que o Brasil tomará os passos que por muitos são considerados como os mais adequados para alcançar a unanimidade no Conselho e com isso superar as dificuldades em que nos encontramos em razão dessa decisão [relacionada com o veto]" (*Verbatim*, 1926: 26).

No dia 17 de março, na sessão plenária da Assembleia, o Brasil encontrava-se então inteiramente isolado. Não foi conseguido o apoio do Chile, com o qual se contava. A derrota do Rio de Janeiro foi recebida com satisfação por Buenos Aires. Por sua vez Washington, naquele tempo um próximo aliado do Brasil, adotou um silêncio embaraçoso para as autoridades brasileiras, sem oferecer o seu apoio e ajuda. O irritado presidente Bernardes declarou então, em junho de 1926, que o embaixador dos Estados Unidos no Rio de Janeiro lhe havia apresentado felicitações pela postura do Brasil na Liga das Nações. Rapidamente, porém, surgiu o desmentido de Washington dizendo que não tinha havido nem haveria nenhum tipo de felicitações (MACEDO SOARES, 128: 142).

O Brasil foi excluído dos trabalhos relacionados com a reorganização da Liga. Um ano antes, no dia 3 de maio de 1925, o presidente Bernardes havia dito no Congresso que "com toda a imperfeição da Liga, não há um motivo que justifique o nosso afastamento dessa maravilhosa instituição, que desempenha um papel tão importante nas relações internacionais entre as nações civilizadas [...]" (MACEDO SOARES, 1928: 142). No entanto no dia 14 de junho de 1926 o governo brasileiro comunicou oficialmente a Genebra o seu desligamento da Liga das Nações. Foi também decidida a partida quase imediata de toda a delegação e negada a continuidade da cooperação com essa organização. Vale a pena acrescentar que até países não pertencentes

à Liga – como os Estados Unidos ou, em certo período, também a União Soviética – colaboraram com alguns comitês e órgãos da organização.

Em 1926 o Rio de Janeiro jogou tudo e perdeu. Foi mal avaliado o próprio potencial, bem como o papel desempenhado e ocupado no mundo da época. O Brasil estava convencido de que a Europa faria tudo (pelo menos muita coisa) para mantê-lo na Liga das Nações. Verificou-se, entretanto, que as potências europeias não fizeram nada. No Rio de Janeiro, a aversão à Liga permaneceu até o fim da existência dessa organização. Por exemplo, foi recebida como uma afronta que, durante o conflito entre o Peru e a Colômbia por Letícia, as partes escolheram a mediação da Liga, e não do Brasil, embora o acordo final tivesse sido assinado graças aos empenhos desse país, em maio de 1934.

Embora as ações do Brasil devam ser avaliadas de forma negativa, visto que testemunham a superposição dos seus próprios interesses ao bem comum, não se pode deixar de perceber a falta de flexibilidade das potências europeias para incluir – além do Japão – mais um país não ocidental a um organismo que pretendia ser o fiador da ordem de Versalhes. No Brasil, quatro anos mais tarde a derrota custou a cabeça do presidente Bernardes e o ocaso da coligação da oligarquia cafeeiro-pecuarista, ao passo que a Liga das Nações perdeu um poderoso aliado que poderia propagar os seus ideais no hemisfério ocidental, ainda que por trás disso estivessem os interesses particulares de um país que desejava ser aceito no clube das grandes potências.

Empenhos do Brasil para alcançar uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU

Após a Segunda Guerra Mundial, a ordem internacional, que havia sido construída com base da Organização das Nações Unidas, passou a funcionar bem melhor do que com base na Liga das Nações. Sobretudo impediu a eclosão de mais uma guerra mundial, apesar da rivalidade às vezes acir-

rada das duas grandes potências – Estados Unidos e União Soviética. No entanto até o final da guerra fria a reconstrução da ordem mundial não foi possível. Contudo o seu encerramento pôde revelar as aspirações de países que nas condições da rivalidade entre os dois blocos tinham a sua voz negada. Um desses países com certeza era o Brasil.

A América Latina sempre tem participado ativamente da discussão dedicada ao funcionamento do Conselho de Segurança da ONU. Em 1956 um grupo de 18 países latino-americanos apresentou pela primeira vez uma proposta formal de reforma desse órgão da organização, cujo efeito foi uma resolução da Assembleia Geral – votada em 1963 – que aumentava o número dos membros não permanentes do Conselho de Segurança de seis para dez. Na época, a reforma desse órgão das Nações Unidas foi motivada pela necessidade de adaptar-se ao número rapidamente crescente dos membros dessa organização. Apesar de que, durante as discussões na Assembleia Geral quatro dos membros permanentes do Conselho (e portanto detentores do direito de veto) se posicionaram contra a reforma, no final todas as potências ratificaram as decisões da Assembleia, graças ao que as mudanças puderam ser postas em prática em 1965.

Postulados subsequentes relacionados com a reforma do Conselho de Segurança têm sido apresentados a partir dos anos setenta do século passado, principalmente pelo movimento dos países não alinhados. No entanto, durante a rivalidade entre os dois blocos, quaisquer mudanças mais sérias no funcionamento desse órgão eram impossíveis. Somente o término da guerra fria, bem como a crescente erosão do poder das potências (dissolução dos impérios coloniais da França e da Grã-Bretanha, dissolução da URSS) fizeram com que no início dos anos noventa do século XX a discussão a respeito da reforma revivesse. Em 1992, o movimento dos países não alinhados conclamou no encontro de cúpula de Jacarta a uma reforma radical do Conselho de Segurança. Um fruto desse apelo foi a resolução 48/26 da Assembleia Geral da ONU relacionada com a criação de um grupo de tra-

balho aberto a todos os estados membros, em que se discutiu a respeito da composição do Conselho, do seu novo papel e da forma de tomar decisões. Durante as conversações a respeito do futuro das Nações Unidas, apontou-se a necessidade de assegurar à organização maior representatividade, responsabilidade, legitimação, espírito democrático, transparência, eficiência e não aplicação de padrões duplos.

Um efeito desses trabalhos foi a proposta apresentada em 1997 pelo presidente da Assembleia Geral Ismail Rozali relacionada com a ampliação do Conselho de Segurança de 15 para 24 membros. O chamado plano Rozali propunha o aumento tanto dos membros permanentes (de cinco para dez) como dos não permanentes (de dez para catorze) desse órgão. Das cinco novas vagas permanentes no Conselho – de acordo com a proposta – três deviam ser atribuídas a países em desenvolvimento. A falta de acordo quanto ao formato da reforma e a oposição dos Estados Unidos diante de tão significativa ampliação do Conselho de Segurança adiaram por alguns anos as decisões a esse respeito.

A discussão a respeito da reforma da ONU acendeu-se novamente após a guerra no Iraque (2003), que evidenciou à comunidade internacional a necessidade de ações preventivas no âmbito do sistema. A partir de 1997 surgiram muitas concepções de reforma das Nações Unidas, e a necessidade da sua realização foi inscrita no ano 2000 na Declaração do Milênio. No entanto, foi somente a convocação pelo secretário-geral Kofi Annan, no final de 2003, de um Painel de Alto Nível composto de dezesseis personalidades, sob a presidência de Ananda Paniarachun, que dinamizou os trabalhos nessa área (SYMONIDES, 2004: 21).

Desde o início do funcionamento da ONU, o Brasil tem sido um membro ativo desse organismo. No entanto, como mencionei anteriormente, foi somente a desintegração do mundo bipolar e a necessidade de reformar a ordem internacional existente que lhe forneceu uma oportunidade para realizar os seus sonhos e objetivos. Iniciou-se uma discussão ativa dedica-

da ao futuro das Nações Unidas, enfatizando-se a necessidade de respeitar os princípios do multilateralismo, de promover a democratização das relações internacionais e de aumentar a representatividade do Conselho de Segurança, o que – na opinião do Brasil – implicava a necessidade de ampliar esse órgão não apenas com os países do rico Norte, mas também do pobre Sul. Desde o início dos anos noventa do século XX o Brasil começou a apresentar-se como candidato natural da América Latina à vaga, a respeito do que devia decidir não apenas o potencial possuído, mas também a sua atividade no fórum da ONU. Aliás, ao lado do Japão, o Brasil era o país mais frequentemente escolhido como membro não permanente do Conselho de Segurança (no total, ocupou essa função no órgão dezenove vezes, e em 2010 foi novamente escolhido para a função). Os dois maiores rivais do país – a Argentina e o México – ocuparam essa função respectivamente por dezesseis e sete anos. A rara presença do México nesse grêmio estava em grande medida relacionada com o forte antiamericanismo na política desse país. Com efeito, vale a pena lembrar que exerceram com muito maior frequência a função de membros não permanentes do Conselho de Segurança países pequenos como o Panamá (dez anos) ou o Peru (oito anos). Isso se devia tanto à aversão do México a envolver-se numa atividade mais ampla na ONU (p. ex. operações de paz) como ao voto das grandes potências, decisivo na eleição para o Conselho. Com efeito, os Estados Unidos preferiam apoiar as ditaduras militares no Chile, no Brasil ou na Argentina a favorecer o Partido Revolucionário Institucional que governava o México (SCHWARTZBERG, 2004: 30).

Um fator adicional – ao que parece – a influenciar positivamente a realização das ambições brasileiras era a progressiva integração dos países do Cone Sul, especialmente a crescente cooperação com a Argentina. A mudança dos dois séculos de rivalidade em cooperação dava ao Brasil a esperança de alcançar o apoio de Buenos Aires para a sua candidatura no Conselho de Segurança da ONU.

Polônia

Já durante o mandato de Fernando Henrique Cardoso têm sido tomadas providências pelo reconhecimento das aspirações brasileiras à posição de membro permanente do Conselho de Segurança. No entanto foi apenas o mandato de Luiz Inácio Lula da Silva que apresentou com toda a força a determinação da diplomacia brasileira na busca de alcançar esse *status*. Alguns chegam a afirmar que se tratou até de uma ação obsessiva. De fato, a fim de granjear o apoio para a sua candidatura, iniciou-se uma ofensiva em todos os campos possíveis: ideológico, político, socioeconômico ou militar.

No que diz respeito à esfera ideológica, o Brasil enfatiza a sua adesão aos países do global Sul, ou seja, aos países em desenvolvimento (em oposição ao México, que se tornou em 1994 membro da Organização da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento – OECD – que assinala a pertinência aos países do desenvolvido Norte). O Brasil dedica muita energia à unificação dos países do Sul e à luta pelo respeito aos seus direitos, tanto econômicos (por exemplo no âmbito da Organização Mundial do Comércio) como políticos (Conselho de Segurança da ONU). Enfatiza o significado do multilateralismo e da necessidade de respeitar o direito internacional. Sendo um porta-voz do Sul, torna-se um candidato natural a ocupar um lugar permanente no mais importante órgão das Nações Unidas.

A atividade política da diplomacia brasileira tem envolvido uma série de questões. Lula da Silva tem viajado pelo mundo inteiro em busca de apoio à candidatura do seu país. Esteve diversas vezes na África (continente extremamente importante para forçar uma reforma da ONU na Assembleia Geral), onde pediu desculpas pela escravidão e falou da necessidade de aproximação com os países africanos, consistindo “numa política mais corajosa e mais positiva do Brasil diante dos países deste continente”. Está sendo desenvolvida igualmente uma animada cooperação com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (ou seja, além do Brasil: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste) e com o fórum IBSA (Índia, Brasil, África do Sul), que tem por objetivo a coo-

peração tanto política como econômica. A isso se adiciona toda uma série de agrupamentos latino-americanos, a começar pelo Mercosul e pela União das Nações Sul-Americanas.

Da mesma forma encontram-se amplamente esboçadas ações na esfera socioeconômica, não apenas restritas à luta no fórum internacional por normas justas de comércio entre o Norte e o Sul. Contribuiu para a imagem internacional de Lula da Silva o encontro mundial de cúpula em prol da luta contra a pobreza e a fome, que no dia 20 de setembro de 2004 realizou-se em Nova York. A convite do presidente brasileiro, vieram à sede da ONU 56 chefes de estado e de governo, a fim de discutir a respeito da luta contra esses problemas. Uma ambição do governo brasileiro é transferir o programa nacional Fome Zero ao nível internacional e dirigir uma campanha pela taxação do comércio de armas pesadas e das operações financeiras nos chamados paraísos fiscais. Trata-se de buscar recursos (segundo a ONU, seriam necessários 50 bilhões de dólares anualmente) que possibilitem alcançar até o ano 2015 os Objetivos Milenares do Desenvolvimento da ONU – a diminuição pela metade do número de pessoas que podem destinar para o seu sustento no máximo um dólar por dia. Apesar da oposição dos países ricos, Lula quis criar uma coalizão dos grandes países em desenvolvimento com o objetivo de exercer influência sobre os países desenvolvidos. Lula tinha igualmente ambições políticas, no sentido de que a questão da pobreza se transformasse novamente em tema de discussões internacionais, que atualmente se concentram quase que exclusivamente em questões de segurança e luta contra o terrorismo. Manifestando o seu apoio ao programa da luta contra a pobreza, o Brasil perdoou as dívidas de Moçambique e do Gabão, anunciando ao mesmo tempo decisões semelhantes diante de outros países em desenvolvimento. Tudo isso para fortalecer a sua imagem de um país que luta pela solução dos problemas globais.

Reconheceu-se também que a generosidade do Brasil diante dos países da América do Sul e outras economias de países em desenvolvimento

atende a esse interesse. Por isso começou a ser introduzido o Programa da Substituição das Importações Competidoras (PSCI). A intensificação do comércio entre os países em desenvolvimento, especialmente com a América Latina, deve fortalecer as alianças entre eles e o Brasil. Pesquisas de mercado têm demonstrado que a Bolívia tem a possibilidade de aumentar as suas exportações ao Brasil dentro de um breve período de tempo em pelo menos 239 milhões de dólares. No caso do Equador, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil apontou para onze produtos de grande potencial de exportação no comércio bilateral, o que aumentaria as trocas mútuas em 121 milhões de dólares. O diretor-geral do Departamento de Promoção Comercial do Brasil, Mário Vilalva, realizou uma série de viagens pelos países sul-americanos, apresentando as vantagens que todos teriam com a introdução do PSCI. Até agora quase todos os países do continente, com a exceção da Argentina, têm demonstrado déficit estrutural nas trocas comerciais com o Brasil. Em 2003 o Brasil teve perto de 1 bilhão de dólares de superávit nas trocas comerciais com o Chile e 650 milhões de dólares de superávit nas trocas com a Colômbia. Na opinião do ministro brasileiro das relações exteriores, Celso Amorim, a intensificação do comércio com os países em desenvolvimento, e em especial com a América Latina, pode fortalecer as alianças entre eles e testemunhar as intenções honestas de Brasília. Segundo o ministro, o intercâmbio comercial numa proporção de 10:1 de saldo positivo em favor do Brasil, que têm ocorrido até agora nas relações com alguns países da América do Sul, é insustentável e traz muitos prejuízos para a diplomacia do país (*Valor Econômico* de 18 de junho de 2004; *Gazeta Mercantil* de 17 de junho de 2004).

Apesar dos protestos da oposição no país, Lula da Silva decidiu assumir – pela primeira vez na história – a chefia da missão de paz no Haiti (*UN Stabilization Mission in Haiti*, MINUSTAH). A oposição argumentava que com isso o presidente brasileiro se tornava um instrumento na realização da política americana no Mar das Antilhas. Decidiu-se, porém, que o Brasil devia enviar a essa ilha das Antilhas 1.500 soldados, a fim de compro-

var a sua capacidade de assumir a responsabilidade pela paz e segurança no mundo. Com efeito, um membro permanente do Conselho de Segurança tem outras obrigações além daquelas que cabem aos demais países pertencentes à ONU.

Um acontecimento significativo no apoio das ambições brasileiras para assumir a posição de membro permanente no Conselho de Segurança foi a instituição, no dia 21 de setembro de 2004, do G-4, um grupo informal que, além do Brasil, congrega a Alemanha, a Índia e o Japão, isto é, os quatro mais importantes candidatos dos três continentes para assumir um assento permanente no Conselho. Torna-se aparente a falta de um representante da África, o que ocorre principalmente pela falta de um líder visível no Continente Negro (são levados em consideração sobretudo três países: o Egito, a Nigéria e a África do Sul). Os países do G-4 estabeleceram que se apoiarão mutuamente e que se apresentarão juntos na luta pela reforma das Nações Unidas. Para o Brasil, um grande sucesso propagandístico, que confirma o crescimento do significado desse país na arena internacional, foi o convite para participar dos trabalhos do mencionado grupo. Afinal, a Alemanha, a Índia e o Japão podiam ter estabelecido a cooperação nessa questão com o México ou a Argentina. A escolha do Brasil comprova – segundo o Ministério das Relações Exteriores desse país – que ele é tratado como o mais importante candidato latino-americano a ocupar uma vaga de membro permanente no Conselho de Segurança da ONU.

O grupo desses quatro países elaborou a sua própria concepção de reforma do mais importante órgão das Nações Unidas, oficialmente anunciada no dia 6 de julho de 2005 em forma de proposta de resolução da Assembleia Geral da ONU. Essa proposta pressupõe a ampliação do Conselho de Segurança de 15 para 25 membros, entre os quais seis permanentes e quatro não permanentes. As propostas do G-4 procuraram sair ao encontro de diversos países, para aumentar as chances de aceitação dessa resolução. Com efeito, vale a pena lembrar que dos 191 membros da organi-

Polônia

zação ela deve receber o apoio de 2-3 deles (128 países). Aos países africanos foram propostas duas vagas permanentes no Conselho de Segurança, além de uma não permanente. Os países da Europa Oriental foram conquistados pela manutenção da antiga divisão regional e pela atribuição de uma vaga adicional não permanente no Conselho de Segurança. Por isso não é de admirar que tenham sido coproponentes da proposta de resolução do G-4 a Polônia, a República Checa e a Ucrânia. Um gesto diante dos atuais membros permanentes do Conselho foi a suspensão do direito de voto para os novos países aceitos. Na proposta de resolução foi anotado, na verdade, que os novos membros permanentes devem ser tratados de forma igual e ter os mesmos direitos e obrigações. No entanto aceitou-se “não exercer o direito de veto” (*not exercise the right of veto*) por um período de pelo menos quinze anos (após esse período a questão da reforma da ONU deveria ser novamente analisada).

Durante um ano o G-4 procurou convencer a comunidade internacional da sua concepção de ampliação do Conselho de Segurança. Dos membros permanentes, asseguraram o seu apoio apenas a França e a Grã-Bretanha, mas apenas Paris concordou em ser coproponente da resolução. Outros países que adicionaram as suas assinaturas a esse projeto não desempenham papel essencial no palco político internacional. São eles, além dos países anteriormente mencionados: Afeganistão, Bélgica, Butão, Haiti, Honduras, Dinamarca, Fidji, Geórgia, Grécia, Islândia, Kiribati, Letônia, Maldivas, Nauru, Palau, Paraguai, Portugal, Ilhas Salomão e Tuvalu.

Vale a pena enfatizar mais uma vez o fato de que essa proposta foi apoiada pela Polônia. Infelizmente, ela não fez isso por ter reconhecido o Brasil como um país que cumpre os critérios de uma potência global e ao qual cabe um lugar no Conselho de Segurança da ONU, mas porque prometeu isso à Alemanha, a qual, falando coloquialmente, deu a partida com o Brasil da mesma lista.

Contra a candidatura dos países que formam o G-4 apresentaram-se

outros países, que temiam o seu fortalecimento na arena internacional. A Itália e, em menor grau, a Espanha são contrárias ao crescimento do significado da Alemanha; o Paquistão, com o apoio de alguns países muçulmanos – da Índia, a Coreia do Sul – do Japão, o México e a Argentina – do Brasil, a Argélia, o Quênia e o Marrocos também pertencem a essa coalizão, visto que se dão conta de que as suas candidaturas não têm chances em comparação com o Egito, a Nigéria ou a África do Sul. Por isso convocaram a coalizão Unidos para o Consenso (*Uniting for Consensus*). As propostas dessa coalizão pressupunham a ampliação do Conselho para dez membros não permanentes, sem o aumento do número dos membros permanentes. Portanto congrega os Unidos para o Consenso sobretudo a aversão a medidas que sem dúvida enfraqueceriam a sua posição internacional.

Analisando criticamente os esforços da diplomacia brasileira, constata-se que não lhe foi possível alcançar um entendimento entre os países da América Latina no sentido de essa região do mundo alcançar a sua representação permanente no Conselho de Segurança. O principal obstáculo nesse sentido é sobretudo a desconfiança quanto aos reais estímulos do Brasil, que com frequência manifesta as suas ambições de potência no continente. Despertou muitas dúvidas na América Latina o envolvimento do Brasil, no início de 2005, na solução de conflitos internos no Equador e na Bolívia. A Argentina – que parecia já se ter reconciliado com as aspirações brasileiras e apoiá-las em nome do interesse comum – em maio de 2005 acusou o seu vizinho de estar agindo pelo enfraquecimento do Mercosul, de se guiar por interesses particulares e de utilizar-se da União das Nações Sul-Americanas para conquistar a vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. O então ministro das relações exteriores da Argentina, Rafael Bielsa, anunciou publicamente “adotar passos decisivos nos contatos com o Brasil”. Alguns meses antes, durante a formação do G-4, o ministro das relações exteriores do Brasil, Celso Amorim, convencia os jornalistas de que não devia ocorrer uma disputa com a Argentina pela vaga permanente, visto que já existia uma

“aliança estratégica” entre os dois países.

Importa afirmar criticamente que o Brasil não apresentou aos países da América Latina nenhuma proposta que fornecesse a esperança de que ele representaria no Conselho de Segurança da ONU toda a região, e não apenas os seus próprios interesses. Uma análise crítica dos empenhos do Brasil leva à conclusão de que não lhe foi possível elaborar uma concepção que induzisse os países latino-americanos a apoiar a sua candidatura.

A sexagésima sessão da Assembleia Geral da ONU, que se realizou os dias 14-16 de setembro de 2005, encerrou-se sem qualquer decisão na questão da reforma do Conselho de Segurança. No documento final encontraram-se na realidade palavras a respeito do apoio dos países membros a uma “rápida reforma do Conselho de Segurança”, no entanto o postulado do G-4 a respeito do registro da necessidade de uma reforma do Conselho antes do final de 2005 não foi levado em conta. Os países obrigaram apenas a Assembleia Geral a realizar uma análise dos progressos na reforma do Conselho de Segurança. Acordou-se que o objetivo da reforma devia ser o aumento da representatividade e a transparência nas ações do Conselho. A declaração a respeito da reforma do Conselho não define a forma e a época da sua realização e constitui unicamente uma autorização e um estímulo para a continuidade dos esforços em prol da sua realização no futuro. Até o presente momento não tem sido realizada uma nova discussão a esse respeito.

Em busca de novas possibilidades

A derrota de 2005 desencorajou o Brasil a empreender qualquer tipo de ação visando à reforma do atual sistema mundial em questões institucionais. A questão da ampliação do Conselho de Segurança da ONU deixou de ser objeto de discussões (pelo menos oficiais) em qualquer tipo de fórum internacional. A ampliação de um órgão que dispõe do direito de veto

significaria a democratização das relações internacionais, mas para isso as principais potências ocidentais – Estados Unidos, França e Grã-Bretanha –, a Rússia e a China não estão preparadas. Paradoxalmente, no entanto, desde aquele ano de 2005 a posição do Brasil na arena internacional nitidamente se intensificou.

A crise financeira do Ocidente em 2008 mostrou que ele já não dispõe da força que parecia possuir. A partir de então, cada vez mais claramente se fala do “ocaso” ou da “queda” do Ocidente como força dominante nas relações internacionais. Como sucessores da nova ordem internacional mencionam-se sobretudo a China e a Índia, mas também o Brasil é considerado como um sério pretendente a aumentar a sua participação nas decisões a respeito do destino do mundo.

Uma manifestação disso é a instituição do agrupamento G-20, que congrega as vinte maiores economias do mundo. Inicialmente, no âmbito dessa iniciativa, têm-se encontrado os ministros das finanças e os presidentes dos bancos centrais das dezenove maiores economias do mundo (mais as instituições da União Europeia), debruçados sobretudo sobre os aspectos técnicos das relações financeiras internacionais. No entanto, a partir de 2008 o G-20 tornou-se também o lugar de encontros de cúpula dos chefes de estado e de governo dos mencionados países. Em setembro de 2009 sugeriu-se que essa iniciativa poderia substituir o G-8, que congrega as sete maiores economias do mundo mais a Rússia. Parece que o Ocidente, se quiser manter as suas influências (ainda que diminuídas) no mundo, deve admitir as maiores economias não ocidentais do mundo a cooperar nas decisões a respeito das mais importantes questões internacionais.

Considero, aliás, que a atribuição de uma posição adequadamente elevada a esse agrupamento é uma manifestação de sabedoria do Ocidente. Embora tenham sido bloqueadas as tentativas de ampliação do Conselho de Segurança da ONU com novos membros, foram criados mecanismos para atrair aqueles sujeitos das relações internacionais que são os mais fortes. O

momento em que isso ocorreu pode sugerir o grande significado da crise de 2008 para a moldagem de uma nova ordem internacional, sendo ao mesmo tempo a prova de uma análise fria da realidade realizada nas capitais ocidentais. Em consequência disso, participam desse fórum – além da União Europeia, Austrália, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Grã-Bretanha, Estados Unidos e Rússia – igualmente a Argentina, o Brasil, a China, a Índia, a Indonésia, o México, a Arábia Saudita, a África do Sul, e Coreia do Sul e a Turquia.

Uma outra manifestação do crescimento da importância do Brasil nas atuais relações internacionais é o surgimento da concepção do BRIC, congregando o Brasil, a Rússia, a Índia e a China, que, segundo previsões, até 2050 vai dominar na economia global. O interessante é que esse grupo foi “criado” em 2001 pelo economista ocidental Jim O’Neill, que trabalhava para o banco de investimentos Goldman Sachs, no relatório *The World Needs Better Economic BRICs* (O’NEILL, 2001). A tese principal dessa concepção pressupunha que esses quatro países dominariam a economia, através do fato de que a Índia e a China se tornariam os líderes na produção de bens e serviços, ao passo que o Brasil e a Rússia liderariam o mercado das matérias-primas.

Na realidade o Goldman Sachs não pressupunha a criação de estruturas institucionais para o BRIC, mas a realidade fugiu ao controle do banco americano e em 2008 ocorreu um encontro de cúpula dos quatro mencionados países na cidade russa de Ekaterinburg e um ano depois em Brasília. Com isso surgiu uma estrutura alternativa de cooperação para os fóruns até agora existentes, nos quais têm dominado os países do Ocidente. E o Brasil ganhou a possibilidade de uma influência maior nas atuais relações internacionais. A respeito da importância conferida na Polônia ao rápido desenvolvimento do Brasil testemunha o fato de que as firmas que se dedicam à consultoria financeira no meu país oferecem papéis da dívida do BRIC (e portanto também do Brasil), reconhecendo nisso uma aplicação vantajosa do capital, com perspectivas de alcançar rápidos lucros.

O Brasil como potência global

No final do presente artigo gostaria de permitir-me algumas observações pessoais, que, espero, fundamentarão a abordagem desse tema de pesquisa. Como professor no Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Varsóvia, dirijo um seminário dedicado à América Latina. Analisando o interesse por essa região das autoridades polonesas (que infelizmente é pequeno e cada vez menor), poderia parecer que isso se refletiria no número de participantes do meu seminário. Mas o que ocorre não é isso. A América Latina goza de um crescente interesse dos estudantes poloneses e não apenas deles. Gostamos de aprender a seu respeito, gostamos de ler a respeito dela (o que pode ser testemunhado pela popularidade da literatura polonesa de viagens dedicada a essa região), bem como assistir a filmes de ficção e documentários. Com frequência cada vez maior, os estudantes que deixam as salas das universidades começam a pensar também que o fortalecimento das relações entre a Polônia e os países latino-americanos pode ser vantajoso para ambas as partes, que se trata de um potencial que deve ser aproveitado se ambas as partes pretendem continuar a desenvolver-se. Trata-se de uma postura edificante, que confere sentido à continuidade do meu trabalho na universidade. Proporciona também a esperança de um fortalecimento nas relações polono-latino-americanas.

Além disso, um número cada vez maior de estudantes quer escrever as suas dissertações de mestrado justamente sobre o Brasil. Anteriormente despertavam maior interesse Cuba, o México ou a Venezuela. Isso certamente se explicava pelo fato de que se trata de países muito “expressivos”, e em parte também pelo fato de que a língua espanhola está se tornando em nosso país cada vez mais popular. No caso do Brasil, a sua língua portuguesa constituía certa barreira. Mas também isso está mudando. No meu seminário estou orientando neste momento alguns trabalhos que dizem respeito ao Brasil, tais como: *O Brasil como uma potência do século XXI, Determinantes cul-*

turais do Brasil potência, Relações franco-brasileiras, A influência da cultura do café na posição econômica do Brasil e Política comercial e econômica do Brasil rumo a uma posição de potência global. Escrevo sobre isso para mostrar duas questões. Em primeiro lugar, a variada temática dos trabalhos de mestrado dedicados ao Brasil demonstra que os poloneses querem saber mais a respeito desse país (e afinal esse é apenas um dos muitos seminários na universidades polonesas; torna-se difícil calcular quantas pessoas estão neste momento escrevendo dissertações de mestrado sobre esse tema). Em segundo lugar, que a consciência da posição de potência desse país é universal e os estudantes querem pesquisar a respeito da influência isso trará para o funcionamento das atuais relações internacionais.

O presente artigo tinha por objetivo mostrar a evolução da posição do Brasil nas relações internacionais, apresentando ao mesmo tempo o estado do conhecimento sobre esse tema na Polônia. Pode ser que a percepção da condição de potência desse país da perspectiva por mim apresentada esteja sujeita a uma falsa percepção. É possível que um brasileiro possa fornecer outros argumentos que falem a favor (ou contra) essa visão de que o Brasil é hoje uma potência global. Realizando há alguns anos as minhas pesquisas sobre esse tema, não tenho dúvida de que esse país merece desempenhar um papel mais importante nas atuais relações internacionais. O fato de isso não ocorrer é o resultado da ação das potências do momento, que temem a concorrência da parte de potências emergentes. No entanto torna-se cada vez mais difícil manter o seu domínio no mundo e torna-se cada vez mais visível a tendência ao estabelecimento de uma nova ordem internacional.

A Polônia deve conscientizar-se mais das mudanças da geometria no palco político internacional e do surgimento de novas potências. Apenas a participação da União Europeia não vai garantir a realização de todos os interesses do meu país. A grande e ativa colônia polonesa no Brasil pode servir de trunfo para o estreitamento das relações mútuas. Viajando pelos países latino-americanos, inclusive pelo Brasil, muitas vezes tive provas de

que a Polônia é vista de forma muito positiva naquela região do mundo. Isso ocorre tanto em razão de uma ativa comunidade polônica, que trabalha honestamente em prol das suas novas pátrias, como em razão da atividade missionária dos padres e missionários poloneses, que são os melhores embaixadores poloneses. Se as autoridades polonesas se conscientizassem mais disso, poderíamos estabelecer relações mais próximas e mais profundas com uma das potências emergentes nas atuais relações internacionais. E quanto ao fato de que o Brasil já é tal potência agora, e não no futuro – não tenho a menor dúvida.

BIBLIOGRAFIA

CELSONO, A. *Por que me ufano do meu país*. Rio de Janeiro, 1900.

_____. *Das grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro, 1901.

Confidential Memorandum of July 1925 from the Brazilian Government to the States Members of the Council. Geneva, 1926.

LIBERSKA, B. *Brazylia przyszłości*. Warszawa, 1989.

MACEDO, Soares de J. C. *Brazil and the League of Nations*. Paris, 1928.

O'NEILL, J. Building Better Global Economic BRICs. *Goldman Sachs Global Economics Paper*, n. 66, 2001.

SCHWARTZBERG, J. E. *Revitalizing the United Nations. Reform Through Weighted Voting*. New York he Hague, 2004.

SYMONIDES, J. Narody Zjednoczone wobec wyznań i zagrożeń XXI w. Między koniecznością a możliwością reformy. *Stosunki Międzynarodowe – International Relations*, n. 3-4 (t. 30), 2004.

Verbatim Reports of the Special Meeting of the Assembly (1926), Geneva.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor przedstawia ewolucję stosunków bilateralnych między Polską i Brazylią po pokoju wersalskim w 1919 roku. Polska chciała być obecna w Brazylii poprzez tworzenie polskich kolonii. W polskiej mentalności obraz Brazylii szybko się zmieniał, a to dzięki wielkiemu wzrostowi znaczenia tego kraju na arenie międzynarodowej. Polska obserwowała wysiłki rządu brazylijskiego, który dążył, by stać się potęgą światową. Droga nie była łatwą. Wśród zwycięstw i porażek Brazylii umacniała swoją pozycję. Weszła do Ligi Narodów, a po II wojnie światowej, jako członek ONZ, nie udało się jej wejść jako stały członek do Rady Bezpieczeństwa. W stosunkach między Brazylią i Polską otwierają się wielkie możliwości w dziedzinie handlu, wymiany naukowej i kulturalnej. Obecność w Brazylii licznej grupy potomków polskich emigrantów, może stać się dodatkowym elementem wzrostu i zbliżenia.

“ONDE ESTÁ O TEU TESOURO AÍ ESTARÁ TAMBÉM TEU CORAÇÃO”

Andrzej PETTYN*

Muitos habitantes da nossa cidade não imaginam que entre as localidades ligadas com Chopin encontra-se também Milanówek. Será por um acaso ou em razão do proverbial “dedo de Deus” que a urna com o coração do grande compositor, retirada da igreja de S. Cruz, queimada e semidestruída durante o Levante de Varsóvia, no dia 9 de setembro de 1944 tenha ido parar em Milanówek? Foi o acaso ou o destino que fez com que o bispo Dom Antônio Szlagowski – que em 1926 havia pronunciado na igreja de S. Cruz um sermão no 70º aniversário da deposição nesse santuário da urna com o coração de Chopin – pudesse muitos anos depois levar essa relíquia nacional da capital em chamas e guardá-la no subúrbio varsoviano de Milanówek?

Seria interessante descobrir se Chopin, que residiu na vizinha Zelazowa Wola, esteve algum dia na propriedade de Milanówek ou se ele conheceu o então proprietário dessas terras, João Nepomuceno Kwilecki¹. É difícil responder com certeza a essa pergunta, visto que faltam documentos que possam comprovar isso. Mas também isso não pode ser excluído. Jarosław Iwaszkiewicz, ao apresentar em *Przekrój*² o que havia acontecido com a urna após o Levante, escrevia em 1945:

_____ Aquela região não era estranha a Chopin. Perto de Milanówek, em

* O autor do texto, nascido em 1938, é um jornalista de múltiplos interesses, contemplado com prêmios jornalísticos nacionais e internacionais, inclusive com o prêmio de paz japonês Onisaburo Deguchi (Valencia 1993), pela sua contribuição para a edificação da compreensão entre as nações. É autor de vários livros sobre Milanówek, de livros dedicados à anedota literária e histórica e de manuais da língua esperanto publicados na Polônia, na Finlândia, nos Estados Unidos, na China e no Japão.

1 J. Nepomuceno Kwilecki em 1832 vendeu a sua propriedade ao seu dono seguinte – Carlos Skalski. Cf. JABŁOŃSKI, Lech T. *Rzecz o pułkowniku Karolu Skalskim*, dat.

2 IWASZKIEWICZ, Jarosław. Serce Chopina. *Przekrój*, 24.10.1945.

Polônia

Brwinowo, encontra-se no cemitério uma capela fundada por seu amigo de infância Eustáquio Marylski. Na próxima Peciny, no velho e bonito parque, ele passeava quando jovem, por ocasião de visitas a essa família Marylski, e afinal nas proximidades passa também aquele pequeno rio Utrata, em cujas margens nasceu e deu os primeiros passos...

A melancolia de Chopin, o seu “pesar” e a sua tristeza certamente estão relacionados com a paisagem daquela região. Aqueles raros capões de amieiros, aqueles espelhos de água em cujas margens crescem salgueiros, aqueles prados verdes, baixos e recendendo a trevo e que se estendem nas margens do Utrata nas proximidades de Pruszków ou de Sochaczew e sobre eles a música de verão dos insetos que sibilam e de vez em quando o som de uma flauta pastoril feita de casca de salgueiro; aqueles casamentos, ruidosos e alegres, repletos do tinido dos violinos e do rumor dos baixos; aquelas festas – festividades quase pagãs, grinaldas lançadas nas águas dos rios com o acompanhamento dos esquecidos cânticos nos campos – tudo isso até hoje continua sendo o fascínio daquela região. Isso devia ter deixado um profundo vestígio na alma do jovem e sensível rapaz, que lá ia passar as suas férias. Mais tarde ele sentia saudade de tudo isso em Paris e – sem jamais imitar e conscientemente evitando citações de canções populares – extraía da sua alma aquelas melodias que, até hoje ouvidas ou tocadas nessa paisagem, adquirem uma melancolia especial.

*

Transportemo-nos a Paris. Outubro de 1849. O doente Chopin – sentindo o fim que inexoravelmente se aproximava – despede-se dos familiares e amigos transmitindo-lhes seus últimos desejos, inclusive com relação às cerimônias fúnebres, durante as quais, a pedido seu, devia ser executado o *Requiem* de Mozart. Nas últimas horas da sua vida revela a sua irmã, Luísa Jedrzejowicz, mais um pedido – o pedido de que o seu coração fosse

transportado à Polônia³. “Sei que o Paszkiewicz não lhes permitirá que me transportem a Varsóvia, então levem para lá pelo menos o meu coração”⁴. Segundo palavras da irmã de Chopin, foram justamente essas as palavras do compositor agonizante. Anteriormente teria expressado o desejo de ser sepultado no bairro de Powazki, ao lado do pai e da irmã Emília. “O coração de Chopin – escreve em seu livro sobre Chopin Igor Belza⁵ – foi mergulhado num vaso com álcool, e seu corpo foi embalsamado.”

A Senhora Jedrzejowicz cumpre escrupulosamente todos os desejos do irmão e dois meses após a sua morte, nos primeiros dias de janeiro de 1850 – juntamente com sua filha – viaja de trem de volta à Polônia. Belza escreve: “Quando estavam atravessando a fronteira, com receio da revista na alfândega, ela escondeu sob o vestido o pequeno cofre de carvalho. Dentro dele encontrava-se um estojo de madeira de ébano contendo um valioso recipiente no qual se encontrava o coração de Chopin – mais tarde lembrança nacional da Polônia.” Esse cuidado, como se verificou depois, era extremamente necessário. Durante a viagem a irmã de Chopin viveu momentos de grande tensão, principalmente quando durante a passagem da fronteira da Austro-Hungria passou por um controle alfandegário.

No entanto o recipiente com o coração do compositor chegou com segurança a Varsóvia. Durante algum tempo permaneceu numa cômoda na casa de Kalasanty e Luísa Jedrzejewicz. Mais tarde a urna foi transportada à igreja de S. Cruz e depositada nas catacumbas da igreja, situada nas proximidades da última residência de Chopin na cidade. Um pouco depois a urna revestida de carvalho – em cuja parede havia um coração em miniatura forjado de prata – foi parar na sacristia da igreja. Mas, antes que a urna pudesse chegar à parte superior da igreja era preciso convencer disso o clero, que se

3 BELZA, Igor. *Fryderyk Chopin*, Instytut Wydawniczy Pax, 1969; WIERZYŃSKI, Kazimierz. *Życie Chopina*, Wydawnictwo Literackie Kraków, 1978, p. 372.

4 MAZAN, Leszek. Gdzie są serca sławnych Polaków? – *Fryderyka Chopina. Przekrój*, 13.02.1983.

5 BELZA, Igor. *Fryderyk Chopin*, op. cit.

opunha, visto que o seu dono não era um santo. No entanto os adversários são convencidos pelo argumento de que já havia um precedente na catedral de Wawel, em Cracóvia, onde se encontrava o coração de Clementina Tanski Hoffman. Finalmente a urna encontra um espaço na parte superior da igreja. Ela é transportada até lá e ali depositada em novembro de 1856, em grande segredo, na presença de apenas alguns amigos e membros da família. Havia necessidade de proceder com tanto cuidado com receio de que a notícia a respeito chegasse ao conhecimento das autoridades imperiais russas, que podiam requisitar essa valiosa lembrança familiar e nacional.

Em 1880, sobre o murado coração de Chopin foi levantado um monumento, esculpido em mármore de Carrara, que foi encomendado pela irmã do compositor em Lvov, ao famoso escultor Leonardo Marconi. Tratava-se de um empreendimento tão caro que para isso não foram suficientes os recursos da família. Por sorte, veio em sua ajuda um comitê social, que com o objetivo de angariar dinheiro organizou um concerto beneficente especial. Esse concerto autorizou que numa placa fosse inserida a inscrição: “A FREDERICO CHOPIN – OS COMPATRIOTAS”⁶. Numa outra placa foi colocada uma citação do Evangelho de S. Mateus: “Onde está o teu tesouro aí também estará teu coração”⁷ e “Aqui descansa o coração de Frederico Chopin”.

No dia 14 de novembro de 1926, isto é, depois que a Polônia reconquistou a sua independência, ocorre o descerramento do monumento a Frederico Chopin no Parque Lazienkowski em Varsóvia. Isso aconteceu num ensolarado domingo de outono, memorável para a capital e para toda a Polônia.

As solenidades iniciaram-se com uma missa na igreja de S. Cruz, na qual havia 70 anos descansava o coração do compositor – com a participação do presidente da República Inácio Moscicki, do cardeal Alexandre Kakowski, de representantes das mais elevadas autoridades do país, diplo-

6 MAZAN, Leszek. *Gdzie są serca...*, op. cit.

7 Citação do Evangelho de S. Mateus (6:21).

matas e delegações nacionais e estrangeiras⁸. Durante a solenidade, pronunciou um discurso o Pe. Antônio Szlagowski, conhecido, em razão dos seus belos e poéticos sermões, como “Pregador de Varsóvia”. Ele não podia imaginar que muitos anos depois deveria proteger a urna de Chopin na suburbana Milanówek. Em 1926 o Pe. Szlagowski falou:

Ressurgiu imortal. Cem anos depois ressurgiu, encantado numa estátua: Ressurgi e ainda estou contigo, Varsóvia, saudade da minha alma, urna do meu coração. Volta o vate dos tons e das canções, e das melodias, ouvindo os ecos dos séculos passados, contemplando os fantasmas das vivências e dos pressentimentos da nação, ora mergulhado nas profundezas do próprio ser, ora elevando-se acima de tudo que é humano, que é terreno – buscando o infinito.

A todas as pessoas fala em polonês e todos o compreendem; comunica-se pela melodia das mazurcas, das polonesas; cria poemas curtos como curto é o grito da alma, como é insondável o suspiro do coração enlevado, e misteriosos como é misteriosa a dor e o desespero da nação.

Todo o nosso passado nele canta, toda a nossa escravidão nele chora, o coração da nação palpitando, o grande rei da dor. [...]

Pai da música polonesa, soberano do pensamento polonês, arcanjo da filosofia da nação, por ti a música polonesa eleva-se aos píncaros e não abaixa o seu voo universal. Por ti a filosofia da nação aprofunda a sua consciência e aponta caminhos para o nosso destino.

Nessa música haurimos o estigma do polonismo. Tu, nas profundezas do nosso ser, despertas a eterna pertinência racial, animas o que em nós existe de mais humano, e nesses mais escondidos recônditos da nossa alma falas a cada um de outra maneira – e cada um de outra maneira te ouviu, de outra maneira de sente, compreende, ensina. Porque cada um encontra em tua música a sua alma e contigo pela centésima vez vivencia o que nem é capaz de expressar, mas o que sente na hora solene. E o teu poder não cessará

8 WOJDECKI, Waldemar, Pe. Serce Fryderyka Chopina. *Gość Niedzielny*, 17.11.1996.

Polônia

nunca, como não muda o caráter da Nação, como não muda a alma humana em sua essência.

Tu fornecerás aos séculos futuros a inspiração e permanecerás na nação o vate que inflama os espíritos e o feiticeiro que escraviza os corações⁹.

Após a missa matinal na igreja de S. Cruz, naquele mesmo dia, às 12 horas, no Parque Lazienkowski ocorre o solene descerramento e a bênção do monumento a Chopin, cujo autor é Venceslau Szymanowski. Discursando em nome do governo polonês, diz João Skotnicki:

A nação polonesa – ao erguer este monumento – quis ao menos em parte pagar a dívida de gratidão a Chopin por ele ter testemunhado e porque testemunhará pelos séculos diante do mundo a grandeza do espírito polonês e a estranha poesia desta terra. [...] Após a grande guerra e após essas gigantescas lutas do mundo inteiro, a Polônia ergue um monumento não aos seus chefes, aos heróis das armas – nas a um criador – a um artista.

Que estranha nação!

Porque a nação polonesa, após enxugar a espada ensanguentada, ansiosa pela paz e pela concórdia, deu início ao trabalho criativo. [...]

Erguemos um monumento em que Chopin, ouvindo a música da natureza, em êxtase, cria uma canção eterna, e o autor do monumento, localizando-o nas margens de uma fonte transparente, forneceu com isso um símbolo da pura e límpida alma polonesa.

Que este monumento aqui permaneça e testemunhe a grandeza da cristalina e pura alma de Chopin, o seu gênio, o seu polonismo, e também que fale bem daquelas gerações que foram capazes de sentir e compreender o som da sua nobre e grande palavra.

Com certeza ninguém dos membros das delegações de vinte e cinco países que no encerramento da solenidade depositaram grinaldas aos pés do

9 WOJDECKI, Waldemar, Pe. *Arcybiskup Antoni Szlagowski kaznodzieja Warszawy*. Warszawa, 1997. No livro é apresentado o texto completo do sermão.

monumento em homenagem ao grande compositor, nem ninguém dos cerca de cinquenta mil participantes dessa solenidade podia imaginar que alguns anos depois um destino tão cruel estava à espera tanto do monumento como da urna com o coração de Chopin.

Após a conquista de Varsóvia em 1939, os alemães fecham o Instituto Frederico Chopin, destroem o monumento no Parque Lazienkowski, exigem a entrega de todos os manuscritos de Chopin e proibem a execução da sua música. O inimigo fechou o Instituto, destruiu o monumento, mas não foi capaz de aniquilar as forças encantadas em sua música.

*

A Segunda Guerra Mundial vai chegando ao fim. No dia 1 de agosto de 1944 eclode o Levante. Lutas sangrentas travam-se na região da Rua Krakowskie Przedmiescie, onde se encontra igreja de S. Cruz. Os alemães conquistam a igreja, onde da coluna da nave central retiram a urna com o coração de Chopin. Foi testemunha desse acontecimento o Pe. Aloísio Niedziela¹⁰, que especialmente para este trabalho concedeu-me, em abril de 2000, uma entrevista telefônica:

Eu cheguei à igreja de S. Cruz para exercer o ministério sacerdotal durante a guerra, em 1943. Durante o Levante, em 1944, do nosso porão, onde se encontrava a casa paroquial, passávamos até a igreja, que estava então completamente vazia. Estavam comigo dois padres, nenhum dos quais atualmente está vivo. Quando pela segunda vez me encontrei na igreja semidestruída, aproximou-se de mim um capelão alemão – como a mim se apresentou – chamado Schulze¹¹. E ele me falou:

10 O Pe. Aloísio Niedziela veio à paróquia de S. Cruz no dia 20 de dezembro de 1943 e encerrou nela o seu ministério em 1960. Nesse ínterim, foi perseguido primeiramente pela Gestapo (prisão de Pawiak) e depois pelas autoridades comunistas, tendo sido aprisionado em locais como Rawicz, Wronki e Mokotów.

11 Segundo o relato da irmã de caridade Anna Jurczak (filme documentário *O coração de Chopin*), que se baseia num relato da Madre Cláudia, superiora das Irmãs Visitandinas, que descreveu o que havia acontecido naquele tempo, o Pe. Schulze

Polônia

– Com certeza logo serão travadas lutas pela igreja de S. Cruz. Eu sou, como muitos alemães, um apreciador da música de Chopin. Por isso, se vocês concordarem, gostaríamos que essa relíquia, essa urna com o coração do grande compositor não seja destruída. Estamos prontos a retirar essa urna, salvá-la da destruição e levá-la a um lugar seguro.

Nós ficamos pensando um pouco a respeito disso, mas depois de dois dias demos uma resposta positiva. Os alemães apareceram na igreja – juntamente com o Pe. Schulze¹² – retiraram a urna e levaram à sede do seu estado-maior, que então se localizava em frente às Irmãs Visitandinas, na Casa sem Cantos. Os alemães queriam uma vitória propagandística pelo fato de entregarem a urna às autoridades eclesiásticas polonesas. Com esse objetivo estabeleceram contato com o bispo Antônio Szlagowski, que então se encontrava em Milanówek. O bispo, juntamente com a pessoa que o acompanhava, foi trazido a Varsóvia, para que fosse filmada a cerimônia da transmissão da urna. Eu fui uma das testemunhas desse acontecimento.

Muitos anos depois Heinz Reinefarth, chamado “Carrasco de Varsóvia”, numa entrevista concedida a Cristóvão Kakolewski¹³, dirá:

Tive um ataque de disenteria. Eu estava deitado em meu alojamento. Apresentou-se um oficial comunicando que o destacamento dele, após várias horas de luta, havia conquistado a igreja, onde encontrou uma relíquia, e o oficial colocou diante da minha cama um estojo de couro¹⁴. Nesse estojo,

era amigo dos poloneses, lamentava muito o que estava acontecendo em Varsóvia durante o Levante e queria salvar o que fosse possível dos bens da Igreja. Pode-se supor que o seu coração estivesse repleto de sentimentos de vergonha e dor e que, com os seus atos, ele quisesse apagar ao menos um pouco a culpa dos compatriotas.

12 Conforme me informou depois o Pe. Aloísio Niedziela no dia 15.04.2000 – o Pe. Schulze pereceu em Varsóvia quando teve início a ofensiva soviética (AP).

13 KAKOLEWSKI, Krzysztof. Generale Reinefarth, zna Pan swój przydomek. *Literatura*, n. 22, de 31-05.1973.

14 Segundo SZTABA, Zygmunt (Tym żyła Warszawa. *Stolica*, 19.03.1983), isso aconteceu provavelmente na noite de 7 para 8 de setembro de 1944.

numa pequena placa havia um nome. Mandei que o colocasse no armário. O arcebispo de Varsóvia estava fora da cidade e von dem Bach estabeleceu contato com ele, mas o arcebispo disse que não havia um santo com esse nome. Então abri o estojo, e dentro dele havia um recipiente. Verificou-se que o nome no estojo pertencia ao seu fabricante e era uma publicidade da firma. O nome no recipiente era “Chopin”. Porque sempre gostei de música e eu mesmo toco, imediatamente me lembrei do testamento de Chopin: “O corpo em Paris, o coração em Varsóvia”. Em seu coração Chopin permaneceu polonês.

O comandante dos exércitos alemães que sufocaram o Levante de Varsóvia, general Erich von dem Bach, tinha consciência de que a derrota do III Reich era inevitável e que ele teria de assumir a responsabilidade pessoal pelos crimes de guerra cometidos durante o Levante. Quando soube do descobrimento da urna (pode-se supor que o intermediário em tudo isso foi o Pe. Schulze), von dem Bach decide-se por um gesto inteiramente inesperado, que tinha por objetivo diminuir a própria culpa e mostrar-se ao mundo de uma forma mais benevolente¹⁵. Enquanto os seus soldados assassinavam barbaramente os revoltosos e a população civil de Varsóvia e transformavam em ruínas antigos prédios, santuários, museus e bibliotecas, ele se propõe demonstrar uma cortesia incomum naqueles tempos. Decide utilizar-se habilmente do inesperado despojo de guerra. Alguns anos mais tarde, num relatório à Sociedade Frederico Chopin¹⁶, o chopinólogo Bronislau Eduardo Sydow¹⁷, residente em Milanówek, faz a seguinte ano-

15 PODLEWSKI, Stanisław. Relikwie świętego Chopina. *Za i Przeciw*, 16.09.1973.

16 SYDOW, Bronislau Edward. *Raport dla Towarzystwa im. Fryderyka Chopina*. Milanówek, 12.10.1951 (original no arquivo da Sociedade, registrado no dia 5 de novembro de 1951, cópia em posse de A. Pettyn).

17 Bronislau Eduardo Sydow (1886-1952) atuou na administração do reativado Instituto Frederico Chopin (a partir de 1950 – Sociedade Frederico Chopin) em Varsóvia, em 1946 como secretário, e a partir de 1947 como membro da administração.

tação a respeito das ações de von dem Bach: “[...] No dia 9 de setembro ele enviou dois oficiais seus de automóvel a Milanówek com a ordem de convocar o arcebispo Antônio Szlagowski, que residia na casa paroquial local e que naquele tempo cuidava das igrejas de Varsóvia. Em companhia desses oficiais, o arcebispo Szlagowski teve que ir a Varsóvia.”

O Pe. Estanislau Markowski, na época secretário particular do arcebispo Szlagowski, ao lembrar a inesperada visita dos alemães a Milanówek, disse que, tendo chegado à casa paroquial, os oficiais o informaram de que “dentro dos muros de uma igreja destruída em Varsóvia, os nossos soldados encontraram a urna com o coração de Chopin. Sabemos que se trata de uma grande e cara lembrança para os poloneses. Decidimos salvá-la e queremos entregar o coração de Chopin nas mãos mais dignas, ao arcebispo de Varsóvia”¹⁸. Momentos depois apareceu o arcebispo Szlagowski e, após uma breve conversa com os oficiais alemães, expressou a prontidão para receber a urna. Então lhe foi dito que era preciso ir apanhá-la em Varsóvia. Os alemães estavam preparados para isso, visto que um carro adicional para o arcebispo já estava à espera, e em seguida todos se dirigiram a Varsóvia.

Estanislau Podlewski¹⁹ descreve isso detalhadamente:

Juntamente com o bispo foram o Pe. João Michalski e o Pe. Dr. Jorge Modzelewski, substituto do pároco da paróquia de Milanówek, que então se encontrava no campo de concentração em Dachau²⁰. Durante a viagem todos ficavam imaginando se os nazistas não estariam preparando alguma “surpresa”. [...] Os religiosos chegaram até o bairro de Wola. Os automóveis pararam diante de uma casa moderna à beira da estrada, onde se situava o

18 A citação provém do pronunciamento do Pe. Estanislau Markowski no filme *O coração de Chopin*, 1995.

19 PODLEWSKI, S., op. cit.

20 Trata-se do Pe. Walenty Zasada, cura da paróquia de S. Edviges em Milanówek, detido no dia 18 de julho de 1940, levado à prisão de Pawiak e depois transferido primeiro ao campo de concentração de Auschwitz e a seguir a Dachau, onde permaneceu até a libertação.

Röumungsstab der Ziwilverwaltung²¹. Diante da casa havia uma guarda de honra armada, e das paredes pendiam bandeiras vermelhas com a suástica negra. Os oficiais conduziram o bispo e os padres até uma sala no primeiro andar. Holofotes inundaram a sala de ondas de luz deslumbrante, ouviram-se os ruídos das filmadoras. A esse acontecimento os alemães queriam atribuir uma ampla divulgação. Mas, no momento em que devia ocorrer a entrega da urna com o coração, de repente todos os holofotes se apagaram, permanecendo apenas a luz fraca das lâmpadas. Os eletricitistas não conseguiram remover o defeito. O bispo dirigiu-se aos padres:

– Graças a Deus. Desta vez esses bárbaros não poderão contar com um lance de propaganda.

Após longos momentos de espera, um dos oficiais mais graduados do estado-maior de von dem Bach aproxima-se do bispo e diz:

– Nesta guerra o Grande Reich tem sempre feito tudo que estava ao seu alcance para preservar do extermínio e da destruição os mais valiosos bens da cultura humana para as futuras gerações. No leste, o soldado alemão defende a antiga cultura cristã do extermínio e da barbárie... Cumprindo uma ordem do Obergruppenführer e do general de polícia von dem Bach, transmito a Vossa Excelência o bispo a urna com o coração do santo Chopin, encontrado pelos nossos soldados.”

Após essas palavras ele entregou ao bispo a urna de carvalho em forma de prisma e faz uma saudação nazista.

O bispo – profundamente irritado com a cínica mentira e a insolência desses bárbaros – para contornar a situação pronunciou apenas uma palavra em polonês:

– Obrigado.

No rosto macilento do inquebrantável velhinho, administrador da arquidiocese no mais trágico período da história da nação e da Igreja Polonesa, desenha-se uma profunda emoção. Ele aperta a urna ao coração e

21 Repartição que cuidava da evacuação dos bens culturais das ruínas de Varsóvia.

quer quanto antes abandonar aquele lugar²².

No mesmo automóvel e com a mesma escolta, o bispo voltou com os padres a Milanówek.

A urna com o coração do grande compositor já se encontra em Milanówek. Em seu relatório, Bronislau Sydow lembra que “no entanto o arcebispo Szlagowski não confiava na ‘nobreza’ de von dem Bach e temia pela sorte da urna. Por isso, na noite do mesmo dia ela foi transferida secretamente à casa do Prof. Antoniewicz, na Rua Sosnowa em Milanówek, onde permaneceu por pouco tempo, para a seguir ser novamente levada à casa paroquial, onde permaneceu na capela particular do arcebispo Szlagowski, colocada sobre um piano, até o dia 17 de outubro de 1945.”²³

Nos dias 12-15 de setembro de 1944 o Pe. Jorge Modzelewski convidou para a casa paroquial de Milanówek o senhor Antônio Nowak, mestre de construção de pontes. Depois que ele se comprometeu a manter o segredo, foi-lhe confiada a execução de uma escrivaninha-estojo para guardar a urna com o coração de Chopin. Belamente polida, com marchetaria de madeira simbolizando árvores meridionais ornamentando as suas paredes, esse armariozinho serviu para guardar a urna até a sua volta à igreja de S. Cruz.²⁴

22 Segundo o relato do Pe. Estanislau Markowski (Relikwie Chopina. *Za i Przeciw*, 16.09.1973).

23 Segundo relato de Hanna Szczepkowska-Mickiewiczowa, em entrevista a mim concedida, a urna foi guardada na residência da pianista Maria Findeisen, na Rua Mickiewicz n° 12. Tanto as informações de Szczepkowska-Mickiewiczowa como de Bronislau Sydow são fidedignas (B. Sydow inclusive baseia-se no arcebispo Szlagowski), Por isso, não é de excluir que, por motivos de segurança, a urna tenha sido sucessivamente guardada em dois lugares diferentes. Isso me foi confirmado por Hanna Szczepkowska-Mickiewiczowa, numa entrevista que me concedeu alguns anos antes da sua morte.

24 Segundo relato redigido por Zenon Nowak, filho de Antônio.

*

Ano de 1945. No dia 18 de setembro, surge em Varsóvia o Comitê Executivo²⁵ das Solenidades Nacionais da Volta do Coração de Chopin a Varsóvia. O Comitê e o Instituto Chopin dirigem aos habitantes da capital um manifesto, no qual lemos:

Nos trágicos dias de 1944, quando os Teus muros se transformavam no nada da morte, e os Teus habitantes, expulsos de suas casas pelo bárbaro inimigo, tinham de enfrentar a mais monstruosa vida errante, teve de abandonar esses Teus muros também o coração de Chopin. Preservado com reverência fora da cidade, volta no dia 17 de outubro de 1945, no 96º aniversário da morte de Frederico Chopin, ao seu antigo lugar de descanso entre os muros da igreja de Santa Cruz. Volta como voltaram aos Teus muros milhares de outros corações, corações vivos, impelidos à cidade pelo mais ardente desejo de construir uma nova e mais bela Varsóvia. O dia 17 de outubro de 1945 será o dia da Tua homenagem ao gênio imortal de um de Teus filhos. Será a festa de Varsóvia – cidade de Chopin.

Quando anos depois se lê esse manifesto, sente-se nele um exagerado *páthos*, mas naquele tempo isso era oportuno, porquanto servia para animar os corações dos varsovienses, que liam esse manifesto em meio às ruínas de uma cidade terrivelmente destruída. Na intenção dos organizadores da solenidade, esse manifesto era o lema do renascimento e da massificação da cultura, e as solenidades da volta da urna tinham de tornar-se e tornaram-se uma manifestação patriótico-cultural nos escombros da cidade.

25 *Sprawozdanie Sekretarza Komitetu Wykonawczego Uroczystości Narodowych Powrotu Serca Chopina do Warszawy* – de 9 de fevereiro de 1946 (original no arquivo da Sociedade Frederico Chopin em Varsóvia).

Chopin, inicialmente admirado apenas nos salões, após 1945 tornou-se patrimônio de amplas camadas da sociedade, o que é plenamente confirmado pela posterior difusão da sua música.

Antes que ocorresse a volta da urna de Milanówek a Varsóvia, foram tomadas algumas medidas preparatórias. Lembra o membro do Comitê Executivo das Solenidades Nacionais da Volta do Coração de Chopin a Varsóvia Bronislau E. Sydow, que então residia em Varsóvia:

Quando em 1945 decidimos no Instituto Frederico Chopin²⁶ a solene volta do coração de Chopin a Varsóvia, tendo sido delegado pela administração do Instituto, fui me encontrar com o arcebispo Szlagowski a fim de analisar e acertar essa questão. Naquela oportunidade pedi para verificar o estado dessa relíquia, que me fosse mostrada a urna.

A urna compunha-se de uma caixa exterior de carvalho, polida, envernizada de escuro, dentro da qual se encontrava uma outra caixa de mogno e marchetada. Na tampa havia uma chapa de prata em forma de coração, com uma inscrição gravada contendo as datas do nascimento e da morte de Frederico Chopin. Para proteção contra umidade, essa caixa estava revestida de placas de chumbo. No interior dessa caixa encontrava-se um grande vidro de cristal hermeticamente fechado, dentro do qual, em álcool transparente, encontrava-se o coração de Chopin perfeitamente conservado. Era impressionante o tamanho do coração, que, para uma pessoa de estatura média, parecia exageradamente grande. Provavelmente isso deve ser atribuído à doença cardíaca, que contribuiu muito para a prematura morte de Chopin, além da tuberculose.

Foi elaborado um detalhado cenário das solenidades da volta da urna a Varsóvia. Queria ganhar com isso, com uma publicidade a ele favorável, o então presidente do Conselho Nacional do Estado, Boleslau Bierut. No 26 Até o ano de 1950, a Sociedade Frederico Chopin, fundada em 1934, funcionou como Instituto Frederico Chopin.

entanto ele não se dispôs a vir a Milanówek para ali, na igreja de S. Edvigés da Silésia, tomar posse da urna entregue pelo bispo Antônio Szlagowski, levá-la a Varsóvia e entregá-la ao cura da paróquia de S. Cruz. Ele escolheu uma outra variante, com Zelazowa Wola a caminho. E foi apenas em razão dessa programação extraeclesial que ele apareceu. O jornalista Sigismundo Sztaba²⁷ cita as memórias de Bronislau Sydow:

Estava previsto e previamente estabelecido que era preciso chegar a Zelazowa Wola às 9 horas. Por isso, no dia anterior realizou-se um ensaio geral da viagem de automóvel Milanówek-Zelazowa Wola, com o relógio na mão e com o motorista informado a respeito da velocidade. Eu fiz esse ensaio em companhia do Prof. Henrique Sztompka.

[...] No dia 16 de outubro de 1945 o Prof. Sztompka ensaiou em Zelazowa Wola o programa que devia realizar no dia 17 de outubro.

No dia 17 de outubro de 1945, às 7 horas da manhã, uma delegação composta pelo Prof. Woytowicz, pelo Pe. Petrzyk, cura da paróquia de S. Cruz em Varsóvia, e pelo abaixo assinado²⁸, após uma solene transferência a ela, pelo bispo Antônio Szlagowski, no pátio da igreja paroquial de Milanówek, da urna com o coração de Frederico Chopin, deslocou-se de automóvel em direção a Zelazowa Wola, onde devia ocorrer, na casa em que nasceu Frederico Chopin, a entrega dessa lembrança ao Cidadão Presidente do Conselho Nacional do Estado Boleslau Bierut.

Ao entregar a urna ao cura Pe. Leopoldo Petrzyk no pátio da igreja de S. Edvigés em Milanówek – logo após a missa – o arcebispo Szlagowski disse:

Há um ano, da Varsóvia em chamuscas, eu retirei este coração do Grande

27 SZTABA, Zygmunt. Tym żyła Warszawa. *Stolica*, 19.03.1983.

28 As recordações aqui citadas foram registradas pelo autor, ou seja, por B. Sydow, na forma do documento anteriormente citado.

Polonês e durante o ano todo fui o guardião deste tesouro nacional. Hoje o entrego a Ti, Padre Reitor da igreja da Santa Cruz em Varsóvia, leva-o para o seu lugar. Que esse sublime penhor de um futuro melhor seja novamente a imagem dos elevados voos da Capital, que seja o símbolo do inquebrantável espírito da nossa nação. Tenho dito.²⁹

O automóvel com a delegação que levava a urna partiu de Malinówek para Zelazowa Wola através de Grodzisk Mazowiecki e Blonie, e a seguir pela rodovia Varsóvia-Sochaczew em direção de Paprotnia e Zelazowa Wola. Voltemos às memórias de B. Sydow:

Vínhamos então no dia 17 devagar, exatamente de acordo com o cronômetro. Em todo o percurso as casas estavam adornadas de bandeiras de cor branca e vermelha, e ao longo das ruas, nas cidades pelas quais passava o automóvel com a urna, as pessoas formavam alas – solenes e silenciosas. Em silêncio tiravam os chapéus e inclinavam as cabeças, de vez em quando alguém se desprendia da multidão e, às flores com que estava adornado o carro com a relíquia nacional, adicionava o seu pequeno buquê.

Depois de Paprotnia o automóvel com a urna foi ultrapassado pelos carros que traziam os representantes das mais altas autoridades do país, mas, tendo avançado algumas centenas de metros, eles se detiveram, deixando o Coração de Chopin passar para a frente da coluna.

Em Zelazowa Wola as pessoas já esperavam desde as primeiras horas da manhã. Esperavam delegações, esperavam centenas de pessoas que tinham vindo até lá em caminhões, carroças, bicicletas...

Longos discursos não eram ali necessários. Todos os presentes se davam conta do significado do momento, do fato de que o Coração que sob o teto daquele palacete cercado de videiras tinha palpitado pela primeira vez havia 135 anos descansaria ali por um momento a caminho da capital.

29 WOJDECKI, Waldemar, Pe. Serce Fryderyka Chopina. *Gość Niedzielny*, 17.11.1996.

Polônia

Através das saletas de tetos baixos de vigas os participantes da solenidade passam a uma sala maior, onde num ambiente adornado de flores, diante de um retrato de Frederico Chopin, já havia sido colocado numa base de coluna a urna com o coração do Grande Compositor.

O cura da paróquia de S. Cruz, Pe. Leopoldo Petrzyk, entrega a urna a Boleslau Bierut, que a seguir a entrega ao prefeito de Varsóvia, Stanislaw Tolwinski, e este – a uma delegação de estudantes do Conservatório Musical e da Escola de Música de Varsóvia. Logo a seguir realiza-se um breve concerto de câmara chopiniano. Para o grupo de convidados o Prof. Henrique Sztompka executa as mazurcas de Chopin, o noturno em dó sustenido menor e a polonesa em lá bemol maior.

Dos relatos preservados ficamos sabendo que logo após o concerto a coluna de automóveis, precedida de um carro belamente adornado e enfeitado de bandeiras nacionais, onde num lugar de honra se encontrava a urna, partiu em direção a Varsóvia. Na própria capital, nas ruas por onde a coluna passava – ao verem o automóvel florido que majestosamente se deslocava – grupos de pessoas descobriam as cabeças. “Vejo – lembra Sigismundo Sztaba³⁰ – quando uma menina vestindo um paletó grande demais para ela, arrebatada pela solenidade do momento, ajoelha-se de repente na margem da rua e como delicadamente a mãe a faz levantar-se, com a outra mão enxugando as lágrimas...”

Os automóveis se detêm na antiga barreira no bairro de Wola, nas esquinas das ruas Chlodna e Okopowa, onde em 1830 um grupo de amigos se despediu de Chopin que deixava Varsóvia, José Elsner e o coral do Conservatório executaram uma cantata de despedida³¹ para ele especialmente composta, e onde para a viagem – da qual nunca mais voltou – foi-lhe entregue um torrão da terra de Varsóvia. No lugar da saudação da urna um

30 SZTABA, Zygmunt. Kiedy serce Chopina wracało do Warszawy. *Stolica*, 19.03.1983.

31 Serce Wielkiego Polaka wróciło do Stolicy. *Słowo Powszechne*, 23.10.1970.

Polônia

ambiente solene, em toda a parte bandeiras nacionais, estandartes de organizações sociais, uniões e associações. O presidente do Conselho Nacional de Varsóvia, Vítor Grodzicki, diz em seu discurso de saudação:

Este coração bateu pela primeira vez há 135 anos, na vizinha Zelazowa Wola, e em breve começou a palpitar mais vivamente ao ouvir a canção popular que ressoava nas cabanas dos camponeses e, quando se passaram alguns anos, essa mesma canção mazuriana, camponesa, mil vezes intensificada pelo coração e pelo gênio de Chopin, já ressoava por toda a Europa, e hoje, 96 anos depois que este coração já deixou de palpitar – ressoa pelo mundo inteiro, testemunhando os valores imortais da nossa canção, da nossa cultura e da nossa nação.

A carreato se põe em movimento em direção da igreja de S. Cruz. As multidões ao longo do caminho se tornam mais compactas. O automóvel com a urna para na Rua Krakowskie Przedmiescie, diante da Igreja da S. Cruz. Após algumas saudações, a urna encontra o seu lugar na igreja e inicia-se a solene missa. Um solene sermão – segundo informação do Pe. Aloísio Niedziela – é pronunciado pelo Pe. Jerônimo Feicht, professor de musicologia (deu aulas na Universidade Católica de Lublin e em algumas outras instituições de ensino superior de Varsóvia e de Poznan). O Pe. Feicht lembrou que o coração do grande artista, juntamente com outras lembranças, havia sido trazido de Paris a Varsóvia por sua irmã, Luísa Jedrzewiczowa. Dentro dos muros daquele digno santuário, sob a proteção dos padres missionários de S. Vicente de Paulo, havia permanecido até setembro de 1944. Esse sermão – como informava o jornal *Życie Warszawy*³² –

foi uma profunda análise dos valores artísticos da música chopiniana e um arguto esclarecimento do seu papel, da sua influência na música de

32 *Życie Warszawy*, 18 de outubro de 1945, p. 2.

outras nações, a constatação de que essa música, nascida da inspiração da alma do povo, havia sido conscientemente criada por Chopin como música nacional, música polonesa. O testemunho para a criatividade de Chopin assim compreendida são as suas próprias palavras, quando diz: “Cheguei à compreensão da música nacional...”³³

Após o sermão, os jovens das escolas musicais transportam a urna até a coluna na nave principal, onde – diante do absoluto silêncio da multidão reunida no santuário – ela é murada sob uma placa comemorativa na qual está gravado o versículo bíblico: “Onde está o teu tesouro, aí estará também teu coração”. Encontra-se ali também um busto de Frederico Chopin, obra do escultor Andrzej Pruszyński.

Na conclusão do seu relatório da missa solene na igreja da S. Cruz, o repórter de *Zycie Warszawy* escrevia: “O coração de Chopin voltou de sua vida errante aos muros da heroica Varsóvia, comprovando com a sua eterna presença as palavras do padre pregador de que cada tom da música de Chopin ensinará às nações que a Polônia é e será imortal.”

O missa foi abrilhantada pela apresentação do excelente coral Harpa.

Vale a pena acrescentar que participou da missa um grupo de escoteiros de Milanówek. No boletim da equipe feminina, anos depois encontramos esta comovente descrição:

De uma grande cratera (vestígio de uma bomba dos tempos do Levante) sopra um frio penetrante. Dos abismos dos fundamentos destruídos parece espiar o recente horror. Começa a missa. Não podíamos concentrar a atenção nem rezar como se devia, visto que o nosso olhar passeava pelas paredes, pelas imagens e esculturas do santuário. Aqui se vê um pedaço queimado do altar lateral, lá adiante a imagem desfigurada de um anjo. Em

33 Infelizmente, apesar das buscas, não foi possível encontrar o texto desse sermão, ainda que o caráter extraordinário dessa missa solene nos faça supor que o seu conteúdo tenha sido detalhadamente planejado e, portanto, formulado por escrito.

Polônia

volta as paredes destruídas, rachadas e enegrecidas pelo fogo, e nelas – aqui e acolá – vestígios de balas. E esse interior demolido pelo inimigo tem em si algo de intangível, invisível, mas algo que se sente: sente-se dentro desses muros uma espécie de tristeza, seriedade e força – tanto maior porque os muros do santuário, destruídos e rachados, lembram o Cristo crucificado, atormentado e ferido como eles...

E não ficaram nisso as solenidades da volta do coração de Chopin de Milanówek a Varsóvia. Na tarde daquele mesmo dia, no salão “Roma”, na Rua Nowogrodzka, realizou-se uma Academia Chopiniana com a participação de representantes das autoridades da época, de dirigentes de partidos políticos e do mundo artístico. Na parte artística o eminente ator Henrique Ladosz recitou a poesia de Cyprian Norwid *O piano de Chopin*, e na parte musical os mais ilustres intérpretes da música de Chopin daquele tempo – Wojtowicz, Rabcenowicz, Zurawiew e Ekier – executaram algumas obras do compositor. No Museu Nacional foi aberta a exposição “Chopin e sua Varsóvia”. Em Paris, no túmulo do grande compositor, foi depositada uma coroa de flores em nome da nação polonesa. Vale a pena lembrar que dois dos pianistas que então se apresentaram, o Prof. Boleslau Woytowicz e a Profa. Sofia Rabcewicz, tinham ligações com Milanówek. A Profa. Rabcewicz, havia anos residente na vila “Pilawin”, era membro da administração da Sociedade Veranista de Milanówek, e o Prof. Woytowicz dava aulas a estudantes da Escola Superior de Música Frederico Chopin, que nos anos 1945-1947 se encontrava em Milanówek.

*

A memória sobre a urna com a coração de Chopin guardada em Milanówek está sempre viva. Em volta da igreja de S. Edviges e da casa pa-

roquial murmuram silenciosamente os seculares carvalhos. Pela espessura da folhagem passam os raios do sol primaveril e incidem sobre uma placa colocada na entrada que lembra os acontecimentos dos anos 1944-1945³⁴ com as palavras: “NESTA CASA PAROQUIAL FOI GUARDADA A URNA COM O CORAÇÃO DE FREDERICO CHOPIN NO PERÍODO DE 9.9.1944 A 17.10.1945”. Diante do prédio da casa paroquial, ao lado da igreja, um busto de Frederico Chopin³⁵, ali localizado em 1998 em razão do festival “Inspirações chopinianas” realizado na cidade por ocasião dos preparativos para o 70º aniversário da paróquia de S. Edviges. A respeito do significado que isso tem para a paróquia e para Milanówek, o Pe. Zbigniew Szysz, cura da paróquia de S. Edviges e ao mesmo tempo decano de Grodno, disse:

Aquela placa desperta o interesse e muitas vezes provoca a pergunta: Por que esteve ali o coração do grande compositor? Encontra-se ali também um busto de Chopin. Surgem perguntas a respeito da ideia de ali localizá-lo. Os folhetos informativos sobre Milanówek não têm fornecido até agora respostas às perguntas desse tipo que sem dúvida surgem. Foi somente o autor do trabalho *Onde está o teu tesouro, aí estará também teu coração* que lembrou isso. Devemos a guarda com o coração de Chopin ao arcebispo Antônio Szlagowski, que no período 18.9.1942-?-5.1946 administrou a arquidiocese de Varsóvia. No ano acadêmico 1927/28 ele exerceu o cargo de reitor da Universidade de Varsóvia. Quando em 1928 foi nomeado bispo, renunciou ao cargo de reitor³⁶. Ele era um eminente conhecedor da literatura polonesa, da Sagrada Escritura e, além disso, um excelente orador e pregador. Protestava corajosamente diante dos crimes cometidos contra a população polonesa e contra o desrespeito aos direitos da Igreja. Durante

34 A placa, projetada por Ana Czapska, foi benta pelo Pe. Jorge Modzelewski no dia 19 de outubro de 1986: ZULAWSKA, Z. *Parafia św. Jadwigi w Milanówku*, p. 22.

35 Os financiadores do busto foram Joana e André Nowak, de Milanówek.

36 *Jubileuszowy Rocznik Archidiecezji Warszawskiej*, 1998, ed. I, p. 28.

o Levante de Varsóvia foi levado pelos alemães a Milanówek³⁷. Quando a potência nazista foi arrasada, von dem Bach, que, como foi assinalado no citado trabalho, tinha consciência de que “teria de assumir a responsabilidade pessoal pelos crimes de guerra cometidos durante o Levante de Varsóvia”, decidiu aproveitar-se espertamente do inesperado despojo que era a urna com o coração de Chopin e entregá-la para ser guardada pela Igreja, que no nosso país gozava de grande autoridade, e um ilustre representante da qual era sem dúvida o arcebispo Szlagowski, por ele odiado. Ele sabia que a Igreja sempre esteve com a nação, daí a consciente escolha desse carrasco de Varsóvia de entregar o coração de Chopin nas mãos do bispo.

A Igreja tem sido e continua sendo um mecenas da arte e procura preservar na memória dos seus fiéis o que enriquece e engrandece a Polônia. Durante o sermão pronunciado por ocasião do descerramento do monumento a Frederico Chopin no Parque Lazienkowski, em Varsóvia, o Pe. Prof. Adão Szlagowski disse que Chopin “fala a todas as pessoas em polonês e todos o compreendem”; “todo o nosso passado nele canta, toda a nossa escravidão nele chora nos corações da nação que palpitam”. Podíamos então deixar passar a ocasião que se oferecia em 1998 e deixar de propor aos prezados financiadores que o busto fosse colocado justamente diante da casa paroquial, que durante um ano guardou o coração do Grande Polonês? Que também deste respeitável lugar Ele continue a falar a respeito da Polônia.

*

Fazem parte das páginas interessantes da história de Milanówek também as suas relações com Chopin e a sua música. Mencionaremos brevemente algumas delas.

Durante a ocupação nazista eram organizados em nossa cidade concertos chopinianos clandestinos na execução dos mais eminentes pianistas

37 Ibidem, p. 130.

poloneses, entre os quais Sofia Rabcewicz, dos quais surgiu em Milanówek uma filial da Escola Superior de Música Frederico Chopin, que funcionou nos anos 1945-1947. Estudaram nela o famoso musicólogo José Kanski e o Prof. Zbigniew Sliwinski, em muitas ocasiões jurado de concursos chopinianos e professor em escolas de música nacionais e estrangeiras. Ligado com a nossa cidade, porque aqui frequentou o liceu, é também o Prof. Casimiro Gierzod – eminente pianista e pedagogo. Em 2002 ele foi eleito presidente da Sociedade Frederico Chopin e contribuiu para a unificação do movimento chopiniano na Polônia.

Residiu em Milanówek o editor da correspondência de Chopin – Bronislau Sydow. Por iniciativa de Ricardo Szadkowski, a Sociedade Cultural de Milanówek por três vezes organizou o festival intitulado “Inspirações chopinianas”. A conhecida escritora Maria Morozowicz-Szczepkowska, residente em nossa cidade na vila “Waleria”, escreveu três peças teatrais sobre Chopin e foi autora do cenário para um filme sobre a juventude de Chopin. Finalmente é preciso mencionar Sigismundo Hofmokl-Ostrowski, possivelmente o mais famoso advogado polonês, que foi ao mesmo tempo escritor e dedicou a Chopin muitas das suas poesias, cuja inspiração era a música de Frederico Chopin. Hofmokl-Ostrowski escreveu também o cenário para um filme biográfico sobre Chopin, mas esse projeto não chegou a ser realizado. Em 1950 participou do concurso para o monumento de Chopin, infelizmente sem sucesso. Também escreveu poesias dedicadas ao compositor a poetisa local Bozena Starosciakowa e a jornalista oriunda de Milanówek Joana Wronkowska. Esta, com um grupo de escoteiros de Milanówek, participou da despedida da urna com o coração de Chopin.

Criou um elo que une a terra natal de Chopin com Milanówek o fundador da nossa localidade, Miguel Lasocki, originário de Brochowo, onde na igreja local foi batizado Frederico. E finalmente há mais um ponto de ligação interessante. Em Milanówek reside Vitoldo Olpinski, cujo tio José Antônio Miguel Olpinski, vice-prefeito de Varsóvia de 1932 até a eclosão da guerra,

foi quem apresentou a proposta de comprar Zelazowa Wola de particulares e de ali instituir o Museu Frederico Chopin. As lembranças do tio – um belo retrato e o piano em que o seu tio gostava de tocar – são cuidadosamente guardadas nas coleções da família Olpinski.

Vale a pena saber que em Milanówek, junto à casa paroquial, encontra-se um busto do grande compositor, obra de Janusz Tomaszynski. O busto foi colocado em 1998, por iniciativa da Sociedade Cultural de Milanówek, nas proximidades da casa paroquial onde por mais de um ano (de 9.9.1944 a 17.10.1945) havia sido guardada a urna com o coração do grande compositor. O busto foi encomendado e localizado em Milanówek em razão do festival “Inspirações chopinianas”, por ocasião dos preparativos para as comemorações dos 70 anos da paróquia de S. Edwiges da Silésia, em 1998. O autor do busto é o escultor e pintor varsoviano Janusz Tomaszynski, e os financiadores foram a Sociedade Cultural de Milanówek e Joana e André Nowak, de Milanówek.

Tomaszynski estudou pintura e escultura com a Profa. Bárbara Zbrozyna (aluna de Ksawery Dunikowski) e o Prof. Leon Machowski, que o inspirou com a obra e a personalidade de Frederico Chopin, o que fez com que em anos posteriores Tomaszynski executasse um busto do compositor para Milanówek, o que ele fez com tanto maior disposição porque havia reunido um amplo material iconográfico relacionado com o compositor. Hauriu conhecimentos sobre Chopin também com o seu professor Leon Machowski, que participou da reconstrução do monumento de Frederico Chopin no Parque Lazienkowski.

A primeira versão do busto de Chopin para Milanówek – com a qual o artista não estava plenamente satisfeito, embora fosse bem avaliada por especialistas – foi parar no Conjunto Escolar nº 1 Frederico Chopin, na Rua Zabie Oczko nº 1, em Milanówek, ao passo que a segunda foi localizada junto à casa paroquial da paróquia de S. Edwiges. Vale a pena saber que os trabalhos de Tomaszynski distinguem-se por um cuidadoso estudo do ros-

to das pessoas retratadas. Além disso, o artista é famoso pelas suas perfeitas cópias de antigos quadros dos grandes mestres. No Conjunto Escolar Frederico Chopin encontra-se também um retrato do compositor realizado pela conhecida pintora Janina Królikowska, que durante anos residiu em Milanówek e que ofereceu a obra à juventude estudantil.

*

Na história da nossa cidade há muitas belas e interessantes páginas. Delas faz parte também aquela relacionada com a urna com o coração de Frederico Chopin que ali foi guardada. Preservemos, portanto, a sua memória. Vale a pena que saiba disso todo morador de Milanówek. E quando nos vierem visitar amigos ou conhecidos, mostremos-lhes a placa na entrada da casa paroquial, o busto de Chopin e a igreja da qual o coração do grande compositor, maravilhoso enriquecedor da cultura nacional, em 1945 partiu de volta à igreja de Santa Cruz em Varsóvia.

RESUMO – STRESZCZENIE

Fryderyk Chopin, którego serce spoczywa w kościele św. Krzyża w Warszawie, jest symbolem kultury i odnośnikiem nieśmiertelnych wartości narodu. Autor przedstawia nam całą drogę wędrówki serca Chopena z Paryża aż do definitywnego jego spoczynku w kościele św. Krzyża. Życzeniem pianisty było, by jego serce wróciło do ojczyzny. Spełniła to życzenie jego siostra. Poprzez ogrom trudności i niebezpieczeństw ze strony zaborców, wojen światowych, licznej grupie ludzi oddanych udało się uratować to serce. Wielką zasługę w tym mają przedstawiciele Kościoła. W roku 1945 serce Chopina powróciło na swoje miejsce, gdzie do dziś jest otaczane miłością i szacunkiem całego polskiego narodu.

BRASIL E POLÔNIA
– 90 ANOS DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

Jerzy MAZUREK*

Em 1822, quando o Brasil alcançou a independência, a Polônia não existia nos mapas políticos do mundo. Nos anos 1795-1918 o território polonês esteve ocupado pelos países vizinhos – Rússia, Áustria e Prússia. A luta pela independência, empreendida por sucessivas gerações de poloneses, provocava reações de simpatia em muitas sociedades, inclusive a do imperador do Brasil D. Pedro I, que durante um espetáculo em Paris, promovido em apoio aos participantes do Levante de Novembro (de 1831), exclamou: “Vive La Pologne!” (Viva a Polônia!). O seu sucessor, por sua vez, D. Pedro II, concordou em ser sócio de uma associação patriótica de emigrados poloneses com sede em Rapersville, na Suíça, o que é confirmado hoje por um diploma conferido pela *Société Nationale Polonaise et des Amis de La Pologne* (Sociedade Nacional Polonesa e dos Amigos da Polônia). Em 1907, na II Conferência Internacional da Paz, em Haia, o representante do Brasil – Rui Barbosa, um eminente jurista e político, em seus inflamados discursos diversas vezes pronunciou-se pela independência da Polônia.

Por isso não admira o fato de o Brasil ter sido o primeiro país da América Latina a proclamar que “reconhece o surgimento de uma Polônia unida e independente”. Essa posição foi apresentada no dia 17 de agosto de 1918 numa nota do ministro das relações exteriores do Brasil Nilo Peçanha ao legado francês no Rio de Janeiro, Paul Claudel. Nesse documento encontra-se também a afirmação de que o Brasil reconhece, “juntamente com os demais países aliados, como o seu [isto é, da nação polonesa – JM] órgão legal o Comitê Nacional em Paris. Confere ao Comitê Central no Brasil,

* Professor doutor. Leciona na Universidade de Varsóvia. Vice-Diretor do Museu Histórico do Movimento Polonês Camponês em Varsóvia.

Polônia

escolhido pelos poloneses em eleições livres, a plenipotência para se apresentar em nome da Nação Polonesa e expedir certidões de nacionalidade”.

O Brasil reconheceu *de iure* o estado polonês, concretamente o governo de Ignacy J. Paderewski (16 de janeiro a 9 de dezembro de 1919) no dia 15 de abril de 1919. O estabelecimento oficial de relações diplomáticas entre a Polônia e o Brasil, em nível de legações, ocorreu um pouco mais tarde. A solene apresentação das credenciais pelo primeiro representante da República da Polônia, o legado Ksawery Orłowski, ao presidente dos Estados Unidos do Brasil, Epitácio Pessoa da Silva, realizou-se no dia 27 de maio de 1920. Por sua vez as credenciais do primeiro legado extraordinário e ministro plenipotenciário dos Estados Unidos do Brasil, Rinaldo de Lima e Silva, foram aceitas pelo Chefe de Estado polonês, Józef Pilsudski, no dia 3 de junho de 1921.

Ao acreditar o Legado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário – disse durante a primeira dessas solenidades Ksawery Orłowski – o Governo da República da Polônia deseja com

provar quanto lhe era importante o estabelecimento de relações oficiais entre ambos os países – relações que *de facto* existem entre os nossos estados já há mais de um século. Há 52 anos, da Polônia riscada dos mapas da Europa partiram pela primeira vez filhos seus para no Brasil buscar um céu mais sereno e um destino melhor que aquele que lhes oferecia o jugo dos invasores. A Polônia não deixou de interessar-se pelos seus filhos forçados à emigração, que com a etiqueta de russos ou alemães trabalharam pelo desenvolvimento da riqueza do vosso maravilhoso país, tendo encontrado aqui o pão e uma segunda Pátria.

Nessas palavras transparece o reconhecimento aos brasileiros de origem polonesa, que à hospitaleira terra brasileira vieram já no período colonial e, a seguir, durante todo o século XIX e XX. Impossível seria nomear to-

Polônia

dos os militares, engenheiros, médicos ou artistas que desempenharam um importante papel em diversas áreas da vida brasileira. Vale a pena lembrar também os agricultores poloneses, que em busca de pão e liberdade vieram ao Brasil em escala maciça desde 1869, colonizando os três estados meridionais desse país. Até 1914 estabeleceram-se ali mais de 100 mil pessoas.

No período de entre-guerras (1918-1939) a Legação da República da Polônia no Rio de Janeiro estava subordinada ao Consulado Geral em Curitiba, aberto já em 1919, e aos Vice-Consulados da Polônia (que atuavam inicialmente como agências consulares) em Porto Alegre e São Paulo. À Legação do Brasil em Varsóvia estavam subordinados os Consulados em Varsóvia e Gdynia. As representações diplomáticas eram significativamente apoiadas por iniciativas sociais que se proponham como objetivo a popularização de conhecimentos sobre os seus países, a sua cultura, as relações polono-brasileiras e a colônia polonesa no Brasil. Em 1929 surgiu no Rio de Janeiro a Sociedade Cultural e Econômica Brasil-Polônia, chefiada pelo vice-presidente do Brasil Fernando de Mello Viana. Nesse mesmo ano foi fundada em Varsóvia, por iniciativa do prof. Juliusz Szymanski, presidente do Senado nos anos 1928-1930, a Sociedade Polono-Brasileira Rui Barbosa, que continua atuante até os dias de hoje.

O clima de simpatia e amizade é visível na correspondência entre os políticos de ambos os países e mostra-se presente também durante as primeiras visitas mútuas, acompanhadas de um suntuoso cerimonial diplomático. Em 1934 esteve no Brasil o presidente do Senado da Polônia Wladyslaw Radkiewicz, que foi recebido pelo presidente do Brasil Getúlio Vargas. Em maio de 1934 esteve na Polônia uma missão militar presidida pelo general Leite de Castro, com a qual se encontrou o Marechal Józef Pilsudski, que já em 1922 havia condecorado o presidente do Brasil Epiácio Pessoa da Silva com a Ordem da Águia Branca. Alguns anos mais tarde, em 1935, recebeu uma distinção semelhante Getúlio Vargas. E a mais alta distinção brasileira – a do Cruzeiro do Sul – foi conferida em 1922 a Józef Pilsudski, em 1934 ao

prof. Juliusz Szymanski e em 1935 ao presidente da Polônia – Ignacy Mosciki.

O período dos anos vinte e trinta do século XX é também o tempo dos primeiros acordos e contratos comerciais entre ambos os países. O mais importante deles foi o acordo sobre taxas alfandegárias, assinado no dia 22 de agosto de 1929 (e que entrou em vigor no dia 4 de março de 1932). Naquele tempo a Polônia exportava ao Brasil principalmente carvão, cimento, tubos, trilhos de estrada de ferro e zinco. E importava café, cacau, fumo, algodão, couros crus e minério de ferro. Diante do grande desemprego nas cidades e do superpovoamento das aldeias polonesas, as autoridades governamentais polonesas apoiavam a emigração ao Brasil. Contribuía para isso também o Tratado sobre a Imigração, assinado no dia 19 de fevereiro de 1927 entre o Departamento de Emigração em Varsóvia e o Departamento do Trabalho do Estado de São Paulo. No total, no período 1919-1939 viajaram da Polônia ao Brasil mais de 41 mil pessoas. Esses emigrantes eram transportados pela sociedade de navegação Gdynia-América Linhas Marítimas (GAL), fundada em 1934 e que possuía uma representação também no Rio de Janeiro.

A existência de uma numerosa coletividade polonesa no Brasil levou cientistas, viajantes e escritores poloneses a adotar a temática brasileira. Isso resultou numa enorme massa de trabalhos científicos, reportagens, memórias, contos e romances que abordavam não apenas as condições de vida dos colonos poloneses, mas também o exotismo, a beleza e a riqueza da natureza brasileira.

No dia 4 de setembro de 1939, após o ataque da Alemanha contra a Polônia, o Brasil proclamou a sua neutralidade. A postura da sociedade brasileira, no entanto, não deixava dúvida quanto ao lado do conflito que contava com a sua simpatia. A imprensa brasileira, que relatava amplamente os acontecimentos na Polônia, lhe era bastante favorável. “Bárbaro bombardeio da Lourdes polonesa – Czestochowa”, “Inominável agressão”, “A Polônia defende a liberdade e a honra” – eis apenas algumas das manchetes do memorável setembro de 1939.

Polônia

Um grande sucesso da Legação no Rio de Janeiro foi a organização do Comitê de Ajuda às Vítimas da Guerra na Polônia, em cuja composição entraram simpatizantes da causa polonesa recrutados em meio à sociedade brasileira, bem como entre a colônia polonesa. Esse Comitê atuou até 1945 e recolheu cerca de 4 milhões de cruzeiros, recursos que foram destinados para prisioneiros de guerra, para a ajuda à população civil na Polônia, para as vítimas de deportações à Rússia e para as crianças polonesas refugiadas na África e em outras partes do mundo. Além da ajuda monetária, o Comitê enviou também muitas toneladas de alimentos, vestuário e remédios.

O Brasil recebeu também muitos refugiados de guerra poloneses, cujo número é calculado entre 2 a 3 mil pessoas. Encontramos nesse grupo representantes do exército, da aristocracia, das antigas esferas governamentais ou do abastado comércio judeu. Desse último grupo fazia parte o grande patriota polonês Stanislaw Fischlowitz (1900-1976), descendente de uma família judaica que se estabeleceu na Polônia ainda na época dos Jaguelões (século XVI). Em 1959 ele publicou em português uma biografia de Krzysztof Arciszewski, o primeiro polonês ilustre a pisar em terra brasileira. Geralmente esses emigrantes se agrupavam em torno da Legação ou faziam parte do círculo da senhora Stefania Plaskowiecka-Nodari (1892-1973), uma grande filantropa polonesa residente no Rio de Janeiro.

Entre os refugiados políticos que no dia 5 de agosto de 1940 vieram ao Rio de Janeiro a bordo do navio *Angola* havia grandes personalidades da cultura polonesa, como os poetas Julian Tuwim (1894-1953) e Jan Lechon (1899-1956) e a atriz Irena Eichler (1908-1990). Eles encontraram ali seus antigos amigos e eminentes artistas poloneses, vindos anteriormente, entre os quais Jan Kiepora (1902-1966), Witold Malczuzynski (1914-1977), Kazimierz Wierzynski (1894-1969) e August Zamoyski (1893-1970).

Muitos refugiados da guerra ligaram o seu destino para sempre com o Brasil. Zbigniew Ziembinski (1908-1978), um conhecido ator dos palcos poloneses, veio ao Rio de Janeiro em 1941 e dois anos mais tarde fez

Polônia

no Teatro Municipal do Rio de Janeiro a primeira montagem da peça de Nélson Rodrigues *Vestido de Noiva*, que deu início a uma “revolução teatral” no Brasil. Após a II Guerra Mundial ele também dirigiu espetáculos teatrais e televisivos, tendo formado toda uma geração de atores e diretores brasileiros.

Um pequeno número de poloneses estabelecidos no Brasil participou, nas fileiras das Forças Armadas Polonesas, das lutas nas frentes da Europa Ocidental. O recrutamento em território brasileiro teve início em julho de 1940. Até o final de 1943 foi transportado à Grã-Bretanha um total de 371 voluntários. No dia 22 de agosto de 1942, quando o Rio de Janeiro anunciou a Berlim e a Roma o estado de guerra, o Brasil foi o único país da América Latina a enviar os seus soldados à Europa envolvida pela guerra. No Corpo Expedicionário Brasileiro, que contava 25 mil soldados, não faltaram evidentemente brasileiros de origem polonesa. No outono de 1944 eles travaram pesadas batalhas no norte da Itália, entre Pisa e Bolonha. Apesar das grandes perdas, deram conta da tarefa que lhes havia sido confiada – conquistaram Monte Castello, um importante ponto da defesa alemã na Península Apenina.

Nos anos 1944-1989 a Polônia encontrou-se na área de influência soviética, sendo portanto um estado de soberania limitada, condenada ao sistema comunista, degradante do ponto de vista econômico e civilizacional. No dia 12 de setembro de 1945 o Brasil retirou o seu apoio ao governo da República da Polônia no exílio, em Londres, e reconheceu o Governo Provisório da Unidade Nacional em Varsóvia. Alguns dias depois os governos de ambos os países estabeleceram que as relações entre eles permaneceriam na mesma condição de antes da guerra, isto é, em nível de legações. Em consequência disso a legação da Polônia no Rio de Janeiro reiniciou os seus trabalhos no verão de 1946, e a legação do Brasil, apenas um ano depois. Naquela época funcionavam os consulados gerais em Curitiba e em São Paulo. A partir de 1948 as representações diplomáticas polonesas passaram a

Polônia

cuidar dos interesses da União Soviética, com a qual o Brasil havia rompido as relações diplomáticas em outubro de 1947. As diferenças ideológicas, bem como a guerra fria, não deixaram de lançar uma sombra nas relações mútuas desse período, sobretudo no aspecto político.

A situação se apresentava um pouco melhor na esfera da economia e do comércio. O Brasil, que buscava mercados de consumo para a estratégia de desenvolvimento que estava desenvolvendo, não opunha obstáculos à assinatura de uma série de acordos, tratados e entendimentos com a Polônia comunista. Esses acordos previam o sistema de *clearing* no acerto de contas, isto é, baseado no equilíbrio dos fornecimentos mútuos, sem o envolvimento de recursos em moeda internacional. No início dos anos 60 do século XX o pacote de acordos econômicos foi ampliado com um Acordo de cooperação científica e técnica (25.05.1961 e 09.08.1963) e um outro cultural. Este último foi assinado no dia 19 de outubro de 1961, por ocasião da visita oficial ao Brasil do ministro das relações exteriores da República Popular da Polônia Adam Rapacki. Anteriormente, no dia 18 de janeiro de 1961, as relações entre a Polônia e o Brasil haviam sido elevadas ao nível de embaixadas.

Nesse período ocorreram também os primeiros contatos interparlamentares, bem como o avivamento dos contatos intergovernamentais. Em março de 1960, a convite da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, veio ao Brasil uma delegação do Parlamento da República Popular da Polónia, presidida pelo deputado Oskar Lange. Essa delegação foi recebida pelo presidente do Brasil Juscelino Kubitschek de Oliveira e pelo vice-presidente do país e presidente do Senado – João Goulart. Em 1962 esteve na Polónia, numa visita oficial, o ministro das relações exteriores do Brasil Francisco Clementino de Santiago Dantas. Nesse mesmo ano fez uma visita ao Brasil o ministro do comércio exterior da República Popular da Polónia Witold Trampczynski.

Após a tomada do poder no Brasil pelos militares em 1964, entre ambos os países ocorreu um retrocesso nas relações políticas. No entanto

Polônia

desenvolvia-se bem a cooperação econômica – especialmente intensa na passagem dos anos 70 para 80, quando as transações mútuas chegaram a 700 milhões de dólares anuais. A estrutura mercadológica da exportação polonesa concentrava-se no enxofre e carvão, nos produtos químicos e navios. A Polônia importava do Brasil principalmente produtos agroalimentares (como o café, o farelo de soja e o algodão), o minério de ferro e magnésitas. O Brasil concedia à Polónia elevados créditos para a compra dos seus produtos, o que levou Varsóvia a um sério endividamento. Essa foi a causa principal do impasse nas relações bilaterais, apesar de que nesse tempo houve um encontro no nível mais elevado na história das relações mútuas. No dia 25 de setembro de 1985, em Nova York, durante a 40ª sessão da Assembleia Geral da ONU, houve um encontro entre o primeiro-secretário do Partido Unificado Trabalhista Polonês Wojciech Jaruzelski e o então presidente do Brasil José Sarney. Somente o acordo prevendo 50% da redução e a reestruturação da dívida polonesa, assinado no dia 28 de julho de 1992, e a seguir, em 2001, o resgate pela Polónia da parte restante da dívida no Banco Central (por 74% do seu valor nominal) encerraram definitivamente a questão da dívida polonesa com o Brasil.

Em 1989 ocorreram na Polónia mudanças institucionais. Um pouco antes, passou pelo caminho à plena democracia o Brasil, cujo coroamento foi a Constituição de 1988. Após libertar-se do comunismo, a Polónia empreendeu ações de integração nas estruturas atlânticas e europeias. Desde 1999 é membro da OTAN e desde 2004 – da União Europeia. Pela primeira vez em séculos não ameaçada por guerras ou partilhas, empreendeu uma corajosa série de reformas, buscando compensar o atraso civilizacional.

No primeiro período após a transformação ocorreu uma dramática redução nas transações mútuas. Em compensação sobreveio uma extraordinária animação nas relações políticas. Elas foram iniciadas pelo presidente do Senado Andrzej Stelmachowski, que em abril de 1991 esteve no Brasil chefiando uma delegação do Senado polonês. Alguns meses depois

Polônia

fez uma visita oficial ao Brasil o ministro das relações exteriores Krzysztof Skubiszewski. Em 1995 veio o presidente da República da Polônia – Lech Walesa. Na história das relações mútuas foi a primeira visita nesse nível. No ano 2000 – no centenário do descobrimento do Brasil – visitou o Brasil o primeiro-ministro Jerzy Buzek. Nesse mesmo ano esteve no Brasil o presidente do Senado, Maciej Plazynski. O coroamento das exemplares relações políticas foi a visita feita à Polônia, em fevereiro de 2002, pelo presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso e, alguns meses mais tarde, a visita oficial do presidente Aleksander Kwasniewski ao Brasil.

Funciona bem a cooperação de ambos os países no fórum das organizações internacionais, onde ocorrem encontros no nível mais elevado. No decorrer da sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro de 2007, em Nova York, o presidente da Polónia Lech Walesa encontrou-se com o presidente do Brasil – Luiz Inácio Lula da Silva. Durante o encontro de cúpula União Europeia-América Latina em Lima (maio de 2008), o presidente Lula encontrou-se por sua vez com o primeiro-ministro da Polónia Donald Tusk. Continua o intercâmbio de visitas de delegações parlamentares. Em abril de 2007 esteve no Brasil o presidente do Senado da Polónia Bodgan Borusewicz.

O efeito de todas essas visitas e encontros são novos acordos e entendimentos, que facilitam os contatos e as relações mútuas. No dia 14 de agosto de 1992 entrou em vigor o acordo de cooperação cultural, e no dia 12 de janeiro de 1998, o acordo de cooperação na área da ciência e da técnica. Em 1993 foi assinado um acordo comercial que se afastou do sistema de *clearing* até então em vigor e atribuiu a ambas as partes a Cláusula do Maior Privilégio. No dia 24 de abril de 2000 entrou em vigor o acordo da extinção dos vistos. Os cidadãos de ambos os países podem agora visitar-se sem excessivas formalidades por um período de 90 dias. Foi assinado também um acordo de cooperação técnica na área de defesa de plantas e procedimento fitossanitário, facilitando a transação de produtos agroalimentares (em vigor

desde 21.04.1999). Está ainda à espera por ratificação o acordo da luta contra o crime organizado (9 de outubro de 2006).

A presença da Polônia na União Europeia favorece a importação de mercadorias brasileiras pela Polônia (em razão das taxas mais baixas adotadas na área da União Europeia). Igualmente as mercadorias polonesas obtiveram ultimamente a possibilidade de mais fácil acesso ao mercado brasileiro, graças aos resultados do encontro de cúpula União Europeia-Brasil no Rio de Janeiro, em dezembro de 2008. Nesse ano as transações comerciais entre ambos os países chegaram a cerca de 1,1 bilhão de dólares, com as exportações polonesas atingindo 440 milhões de dólares, e as importações do Brasil, cerca de 660 milhões de dólares. O item mais importante das importações polonesas do Brasil nos últimos anos foram os aviões de passageiros da Embraer, adquiridos pelas Linhas Aéreas Polonesas LOT.

Como se vê pelo acima exposto, as relações entre a Polônia e o Brasil possuem uma rica tradição. No entanto ambos os lados se dão conta de que as possibilidades não são ainda plenamente utilizadas, especialmente na área do comércio e da cooperação econômica. Nesse aspecto poderão desempenhar um papel importante as agências profissionais de marketing. O primeiro passo nesse sentido foi dado pelo Brasil, que no dia 4 de setembro de 2009 abriu em Varsóvia o Centro Comercial ApexBrasil – uma filial da Agência Brasileira da Promoção da Exportação e Investimentos ApexBrasil.

Nas relações polono-brasileiras, continua servindo de ponte a colônia polonesa no Brasil. Apesar de que há muitos anos não existe o afluxo de nova migração da Polônia ao Brasil, tem ocorrido uma intensificação na atividade entre os descendentes dos antigos emigrantes poloneses. Isso se tornou especialmente visível após a eleição de Karol Wojtyła como papa, e sobretudo graças à sua visita ao Brasil e ao encontro com a comunidade polônica em Curitiba no dia 5 de julho de 1980. Por iniciativa de organizações polônicas, sobretudo da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Braspol), nos núcleos de brasileiros de origem polonesa está sendo

desenvolvida uma ampla atividade sociocultural. Cultivam-se as tradições e os costumes poloneses, são organizados cursos de língua polonesa e comemorações de festas nacionais e eclesíásticas polonesas.

RESUMO - STRESZCZENIE

Jerzy Mazurek przedstawia historię stosunków dyplomatycznych polsko-brazylijskich od chwili odzyskania niepodległości przez Polskę, po obecne czasy, historia pokazującą wysiłki obu narodów w realizowaniu wszelkiego rodzaju projektów tak w handlu, jak i w wymianie kulturalnej i naukowej, w umacnianiu trwałej przyjaźni. Obecność w Brazylii licznych potomków polskich emigrantów jest silnym motywem do wspólnego działania dla dobra obu narodów.

DISCURSO PROFERIDO NA UNIVERSIDADE
DE CRACÓVIA EM MAIO DE 1962

*San Tiago DANTAS**

Magnífico Reitor, Senhor Decano, Senhor Promotor,
Excelência, Professores, Alunos, Senhoras, Senhores,

Não vos é difícil, caros colegas, imaginar o quanto me sinto honrado ao receber da Universidade Jagiellônica o título de Doutor *Honoris Causa*. A reputação desta Universidade há muito atravessou o Oceano. Em toda a parte, ela é considerada não apenas como uma das mais antigas e respeitáveis, dentre as que têm trabalhado pelo futuro da cultura e da humanidade, mas também como um dos centros de estudos que tiveram o privilégio de mudar o curso do pensamento.

Há poucas Universidades no mundo que possam contar, como uma das grandes realizações de seus professores ou de seus alunos, uma transformação radical da cultura mundial. Esse privilégio vos pertence: o nome de vosso ilustre filho Copérnico representa, para o pensamento moderno, o verdadeiro símbolo da mudança. Não é apenas a Europa quem olha para esta Universidade com respeito e admiração; as Universidades da América, as Universidades Brasileiras e, entre elas a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, à qual tenho a honra de pertencer, contam a Universidade de Cracóvia entre os centros de estudos para os quais dirigimos o nosso pensamento, quando ponderamos que as responsabilidades da Universidade no mundo moderno aumentaram, e que é desses grandes centros de estudos

* Francisco Clementino de San Tiago Dantas (1911-1964), economista e político brasileiro. Como ministro das Relações Exteriores (1961-1962), reatou contatos diplomáticos com a URSS. À frente do Ministério da Fazenda (1963), adotou medidas drásticas de estabilização monetária. Em 1962 realizou uma visita oficial à Polônia.

que uma palavra nova, uma orientação segura, poderá um dia surgir.

Insisto em vos dizer, Senhor Decano, que é para mim uma grande honra receber este título, no quadro da Faculdade de Direito. A faculdade de direito foi o berço da minha vida pública; foi na cultura jurídica que tive a felicidade de formar meu espírito e minha visão do mundo; a vida jurídica, o estudo do direito tem o mérito de aproximar os homens e fazer com que todos se possam sentir empenhados na mesma causa, no mesmo ideal, na mesma condição fundamental de vida.

Como Professor de Direito, como Professor de Direito Civil, formei meu espírito nesse mesmo direito romano, nesse mesmo código de Napoleão do século XIX, em que, por toda parte, se lançaram as bases da cultura jurídica mundial. Nesse sistema de normas, que permitiu o reflorescimento de uma nova dogmática dos tempos modernos, os homens que modelaram as ideias jurídicas do meu País e os que criaram a cultura jurídica polonesa, puderam encontrar, há muito tempo uma linguagem comum; essa comunhão nos dá a certeza de que as mudanças do mundo, as transformações da cultura e da sociedade não comprometem jamais as raízes profundas de nossa espécie e o destino permanente de nosso espírito.

Partindo de meios sociais muito diferentes, quer estudando aqui em Cracóvia com a autoridade de um passado que remonta ao século XIV, quer estudando no Brasil numa universidade criada já neste século, mas pela reunião de institutos fundados no começo do século passado, trabalhamos todos na mesma herança.

Estes trajes talarés que vestimos, estas becas com que nos honramos vêm do mesmo passado e das mesmas fontes. Foi privilégio dos países da América Latina realizar esse ensaio – hoje, podemos dizê-lo, coroado de êxito – de transpor a cultura europeia para um novo meio, e tornar essa cultura comum a populações que apenas nasciam, no momento em que vossa civilização já estava na época final do Renascimento.

Essa herança comum, no direito especialmente, permitiu-vos conce-

ber a organização da vida política e da vida social sob a égide de um mesmo princípio, o princípio de legalidade, e esse princípio representou, para o mundo, uma vitória inseparável da ideia de civilização, pois ele pode ser traduzido nessa ideia muito simples que transforma profundamente o sentido da vida social: toda decisão na sociedade civil e organizada, antes de ser tomada por um caso particular, deve ser enunciada como um julgamento universal. Poder pensar, primeiramente, em termos de regra universal, dar a uma decisão do Estado, do organismo político, a amplitude de uma regra que possa ser sempre empregada, que se dirija igualmente a todos e, em seguida, inscrever, no quadro dessa regra, qualquer solução particular de que a sociedade necessite, representou, talvez, para a sociedade humana, alguma coisa que se pode considerar, na perspectiva do tempo, como uma verdadeira revolução copernicana.

Compreendeu-se cedo que essa base universal era indispensável à legitimação de qualquer ato de autoridade, e, sob a égide desse princípio, a civilização criou-se e desenvolveu-se, permitindo aos homens e aos povos que se diversificassem suas instituições.

Essa diversificação é legítima e necessária. Ela traduz a experiência de cada país, a equação das forças vitais de que o organismo político é uma expressão momentânea. É natural, portanto, que países como a Polônia e o Brasil, ligados por uma herança cultural comum e por uma afinidade que se tornou patente em tantos momentos críticos de vossa história, possam ter princípios e objetivos, em parte, coincidentes e, em parte, divergentes, porque nossos países e nossos povos procuraram dar expressão à sua realidade histórica, no momento que vivem.

O Brasil de hoje encara os problemas do mundo sob a mesma luz que rege os passos de vossos estadistas, de vosso povo, de vossos intelectuais; essa luz é a luz da paz. Sabemos todos que a preservação de qualquer valor, de qualquer vida, depende, nos tempos de hoje, de nossa capacidade de tornar a paz invulnerável. As gerações precedentes condenaram certamente

a guerra e amaram a paz; mas existe uma diferença entre o pacifismo de outrora e o pacifismo de hoje; é que, em outros tempos, a paz era um ideal que muitas vezes vinha depois de outros ideais e se aceitava que, em certas situações, um povo ou um estadista pudessem escolher a guerra como alternativa válida. O que se passa hoje, o que dá uma característica especial ao pacifismo de nossa época é não termos alternativa para a paz; é a paz ou o nada. Qualquer virtude, qualquer conceito, qualquer ideal, confrontado com a guerra, está condenado a desaparecer. De tal modo que podemos considerar característico da cultura de nosso tempo ter o ideal da paz cessado de ser um ideal relativo para tornar-se um ideal absoluto. O homem que trabalha contra a paz, que compromete conscientemente a causa da paz é, provavelmente, ou alguém que não chegou a conhecer a realidade do mundo em que vive, ou um inimigo deliberado de sua espécie, alguém que votou o mundo à destruição, ao aniquilamento de todos os valores.

Esse ideal pacifista cria, para as gerações de hoje, uma política que um povo, com a consciência do mundo em que habita, não pode recusar. Essa política é a da aproximação, da coexistência, da diminuição e do desaparecimento gradual dos antagonismos, que hoje ainda separam os povos. Podemos escolher nosso caminho, podemos acreditar na excelência de certas instituições, podemos praticar um sistema e podemos observar certos princípios a que outros não dão o mesmo alcance e valor, mas, seja qual for o caminho escolhido por um povo, tem ele o dever, e mesmo a necessidade, de entrar cada dia em contato mais estreito com aqueles que pensam de maneira diferente. Essa necessidade de aproximação representa uma fatalidade de nossa época e é através da confrontação cada dia mais íntima dos contrários que faremos nascer a fórmula o futuro.

Durante séculos a sociedade aceitou a ideia de sua própria imperfeição e não esperou para as suas contradições internas mais que uma solução fora da história, fora do tempo. Admitia-se que a realidade plena do destino da nossa espécie não se pudesse consumir no quadro da história, mas a essa

concepção já se substituiu, há muito, a de que existe um desfecho histórico possível para as contradições sociais e de que cabe com nossos meios impelir a sociedade e nossa própria vida no sentido da perfeição.

Se ousar trazer a esta universidade uma mensagem, uma mensagem que não tem outro valor senão o de provir de outra universidade longínqua, que olha com respeito e compreensão esta velha e nobre Academia, essa mensagem será de confiança, de certeza – ousar dizer – de que o futuro da humanidade está em nossas mãos e de que não estamos votados à destruição como etapa para atingi-lo.

Essa confiança no futuro é a base de onde pode nascer uma verdadeira cultura; nenhuma época, nenhum povo, nenhum homem poderá edificar uma cultura válida, se em sua base se encontrar a desconfiança. Nossa época não poderá criar uma verdadeira cultura, não poderá deixar às gerações seguintes uma herança legítima, sem encontrar primeiro a confiança, sem se certificar que não é a morte, mas a vida, que está no fim do nosso caminho.

A Polônia é para nós um exemplo e um símbolo dessa confiança; não é preciso vir ao vosso país para sabê-lo, mas quando se vê o milagre da vossa capacidade de reviver e de recomeçar a vida com a mesma confiança, sentimos que o que esse grande povo pôde fazer do seu destino nacional, toda a humanidade pode fazê-lo de seu destino comum.

É neste espírito polonês de confiança, de perseverança, de vitória sobre a destruição, que a humanidade de hoje poderá fazer face ao perigo que a ameaça e estabelecer os fundamentos sólidos da sociedade do futuro.

O Brasil deseja cooperar nessa tarefa. A sorte de seu povo numeroso, que aumenta dia a dia rapidamente, modelado pelo desejo, que se afirmou desde cedo, de tornar-se uma nação, depende em grande parte dos centros de estudos, das Universidades, que lá como aqui têm representado papel decisivo.

Esse papel deve estar presente ao espírito de cada um de nós nos tempos de hoje. A Universidade tem momentos de glória e momentos de hu-

milhação. Se considerarmos as diferentes épocas da cultura humana, temos de reconhecer momentos de grandeza da Universidade como instituição, nos quais ela logra conduzir o mundo para o futuro, e épocas de mediocridade, em que as Universidades se têm profissionalizado, em que o homem de ciência se tem tornado muitas vezes homem de carreira, em que o verdadeiro espírito da Universidade, que é a confiança pela verdade, pôde ser substituído por outras preocupações.

Como universitários, como professores, temos o direito e o dever de nos dizermos essas coisas e de confessarmos que no mundo contemporâneo a Universidade poderá realizar uma tarefa decisiva ou, senão a realizar, a desaparecer. A Universidade há de estar na vanguarda do pensamento humano, guiada pela fidelidade à verdade. É dessa fidelidade que ela poderá tirar forças para repetir em outras épocas da humanidade, abrindo para as gerações seguintes as portas da vida.

O título de Doutor *Honoris Causa* desta Universidade, as palavras pronunciadas pelo Magnífico Reitor, pelo Senhor Promotor e pelo Senhor Decano da Faculdade de Direito, representam, para mim, uma recompensa que ultrapassa, de muito, os meus méritos pessoais. Eu a aceito, contudo, em nome dessa comunidade de espírito universitário que faz com que, na América do Sul ou na Polônia, sejamos todos trabalhadores da mesma causa. Essa causa é, antes de tudo, a da justiça social e da igualdade, do desaparecimento de tudo o que signifique privilégio e opressão, do estabelecimento das condições de uma verdadeira liberdade, fundada sobre a verdade e o reconhecimento a cada um dos direitos idênticos aos atribuídos aos demais.

Nessa causa eu me sentirei, de agora em diante, Senhores Professores, não apenas como me sentia até hoje, um filho espiritual de minha Universidade, mas também um filho de Cracóvia, e é nesta qualidade que vos saúdo e agradeço.

Nota: O texto aqui apresentado foi também publicado na *Revista*

Brasileira de Política internacional – setembro de 1962, ano VII, nº 2, e em: DANTAS, San Tiago. *Palavras de um professor*. 2.ed. Rio de Janeiro, Forense, 2001.

RESUMO - STRESZCZENIE

San Tiago Dantas, minister spraw zagranicznych Brazylii w latach 1961-1962, złożył wizytę oficjalną w Polsce w 1962 r. Z tej okazji otrzymał od Uniwersytetu Jagiellońskiego tytuł doktora Honoris Causa. W swoim przemówieniu Profesor Dantas przypomina rolę cywilizacyjną, jaką odegrała uczelnia krakowska, cytując Kopernika jako osobistość, której przypadło zmienić kurs myślowy świata. Mówi o odpowiedzialności uniwersytetów w ich roli społecznej, w awangardzie myśli ludzkiej i poszukiwaniu prawdy. Wypowiada się pochlebnie o narodzie polskim z racji jego ufności w przyszłość i zdolności w odbudowie kraju. Nawiązując do roli uniwersytetów w krzewieniu prawdy, sprawiedliwości społecznej, wolności i pokoju, identyfikuje się, jako profesor prawa, od tej chwili także jako syn Krakowa.

A PERVERSA SOMBRA DE KATYN

*Mariano KAWKA**

Nos dias que se seguiram à tragédia polonesa do dia 10 de abril deste ano – na qual perderam a vida o presidente da Polônia Lech Kaczynski e outras 95 pessoas que se encontravam no avião que o transportava –, o nome Katyn ocupou as manchetes dos jornais e foi objeto de notícias da televisão do mundo inteiro. Para os poloneses, o nome dessa pequena localidade na Rússia, situada 20 quilômetros a oeste de Smolensk, relaciona-se com o destino de milhares de seus concidadãos ali massacrados durante a Segunda Guerra Mundial pelos soviéticos.

Assassinatos em massa

Em setembro de 1939, na parte oriental da Polônia, ocupada pelo Exército Vermelho, havia cerca de 200 mil soldados poloneses. Entre outubro de 1939 e maio de 1940 quase todos os oficiais, bem como alguns milhares de soldados, passaram por três campos de internamento, situados em antigos conventos abandonados nas localidades de Kozielsk (250 quilômetros a sudeste de Smolensk), Ostashkov (cidade histórica situada nas margens do rio Seliger, 300 quilômetros a noroeste de Moscou) e Starobielsk (nas margens do rio Aidar, 200 quilômetros a sudeste de Kharkov). No início de 1940 havia nesses campos um pouco mais de 15 mil prisioneiros. Destes salvaram-se apenas 448 oficiais e soldados, que foram internados em Griazovietz e em prisões de Moscou. O restante desses prisioneiros (cerca de 15 mil) simplesmente “desapareceu”. As famílias na Polônia deixaram de receber cartas deles a partir do fim de março de 1940. Desde então nenhum desses “internados” deu sinal de vida.

* Mariano Kawka é professor e tradutor.

Polônia

Em 1943, após a entrada dos alemães na União Soviética, foram desenterrados em Katyn os restos de cerca de 4.400 oficiais poloneses. Todos eles haviam sido prisioneiros no campo de Kozielsk e exterminados pela NKVD (sigla em russo para Comissariado do Povo para Assuntos Internos). Os prisioneiros internados em Starobielsk (cerca de 4 mil) foram assassinados em Kharkov, hoje Ucrânia, e os de Ostashkov (cerca de 7 mil) foram eliminados em Tver, nas margens do Volga, e sepultados em Mednoie.

Entre esses cerca de 15 mil prisioneiros poloneses exterminados, havia milhares de oficiais do serviço ativo e da reserva, além de 600 pilotos e mais de 800 médicos, muitos eminentes professores, funcionários da polícia, do Corpo de Defesa da Fronteira, do serviço secreto polonês, bem como funcionários públicos em geral e religiosos (padres e pastores). Tratava-se, enfim, da elite intelectual e profissional polonesa.

Calcula-se que o massacre de Katyn ocorreu nos meses de março e abril de 1940. Com intervalos de alguns dias, grupos de dezenas ou até centenas de pessoas eram removidos de Kozielsk. Os prisioneiros eram transportados de trem até a estação de Gniezdovo. Dali eram conduzidos em caminhões até o mato, a um lugar retirado chamado Kosogory, perto de Katyn, onde eram eliminados com um tiro na nuca e enterrados em valas comuns. Em 1943, por ocasião da exumação, foram encontrados documentos pessoais que permitiram a identificação de alguns deles. Foram encontradas cartas de família, cadernetas com anotações, enfim coisas que um militar pode trazer consigo no bolso do uniforme. É justamente pela datação desses documentos que se pode determinar com maior precisão a data do extermínio dos prisioneiros de Kozielsk.

O crime desvendado

As primeiras notícias a respeito dos túmulos de Katyn surgiram entre a população local. No verão de 1942, na região de Smolensk havia muitos poloneses mobilizados para trabalhos forçados nas equipes de construção

da Organização Todt. Foram eles que ficaram sabendo de pessoas do lugar a respeito dos túmulos e fincaram na floresta de Katyn as primeiras cruzes de bétula.

Os alemães, que ocupavam a região, abriram os túmulos só na primavera do ano seguinte, com o objetivo de alardear essa descoberta entre os aliados, o que conseguiram em parte. No início os trabalhos de exumação foram realizados pelos alemães. Mais tarde apareceu uma comissão técnica da Cruz Vermelha Polonesa. Foi feita uma inspeção por médicos legistas poloneses e alemães, e também por uma comissão médica internacional. As investigações dessa comissão internacional apontam para a primavera de 1940 como a data do assassinato.

O mundo recebeu a primeira notícia sobre a descoberta das valas comuns de Katyn através da rádio de Berlim, no dia 13 de abril de 1943. Dois dias depois um comunicado de Moscou “desmentiu” essa notícia, afirmando que esses oficiais, ocupados em trabalhos de construção na região de Smolensk, haviam sido presos pelos alemães, no verão de 1941, e por eles massacrados.

Uma comissão russa, composta exclusivamente de cidadãos soviéticos, divulgou um comunicado, no dia 24 de janeiro de 1944, afirmando que os culpados do massacre eram os alemães. A União Soviética insistiu nessa versão até quando foi possível...

Apesar de esse crime ter sido atribuído pelos russos aos alemães, nas atas do processo de Nuremberg não se faz nenhuma referência a ele, e o crime de Katyn também não foi mencionado no texto da sentença final desse julgamento, lida nos dias 30 de setembro e 1 de outubro de 1946.

Eryk Lipinski, que foi um dos correspondentes poloneses no processo de Nuremberg, relata que perguntou ao procurador soviético Smirnov (os procuradores poloneses não foram admitidos ao processo, sendo representados pelos soviéticos) por que o crime de Katyn, que oficialmente era atribuído aos alemães, não constava da detalhada relação dos crimes nazistas

apresentados no processo. A essa pergunta o tenente Smirnov lhe respondeu: “Katyn – eta drugoie diela” (Katyn é uma outra história). De fato, era uma outra história...

Durante décadas a União Soviética tem negado esse crime, atribuindo-o aos alemães, e – em todo o caso – não permitindo sequer que fosse pronunciado o nome Katyn. Também durante todo o período da República Popular da Polônia essa palavra era cuidadosamente vigiada pela censura e não tinha o direito de aparecer nas páginas dos jornais ou dos livros. Um exemplo significativo. Na *Pequena enciclopédia universal*, um volume de 1.200 páginas publicado em Varsóvia em 1969 (em 200 mil exemplares!), não consta não consta nenhuma informação a respeito de Katyn, Ostashkov ou Starobielsk¹. Hoje, naturalmente, tais informações podem ser facilmente encontradas, inclusive na internet².

Em busca da verdade e da reconciliação

Somente no período da Perestroika, em abril de 1990, durante uma visita do presidente Wojciech Jaruzelski a Moscou, Mikhail Gorbachev reconheceu que o crime havia sido cometido pela NKVD e entregou ao presidente polonês os primeiros materiais arquivísticos, inclusive duas pastas com os nomes de cerca de 10 mil oficiais poloneses assassinados. Neste ponto talvez seja oportuno lembrar que o primeiro representante da Polônia livre que visitou Katyn, acompanhado de uma guarda de honra, e depositou ali uma coroa de flores foi o presidente Jaruzelski, no dia 14 de abril de 1990.

Mais tarde Boris Yeltsin entregou ao presidente Lech Walesa mais uma série de arquivos relacionados com o crime de Katyn, inclusive a decisão de Stalin ordenando o fuzilamento dos prisioneiros poloneses.

Com o tempo surgiu em Katyn um complexo de monumentos ofi-

1 Cf. *Mala encyklopedia powszechna*. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe, 1969.

2 Por exemplo, na enciclopédia virtual em: www.encyklopedia.wp.pl.

cialmente visitado por delegações políticas polonesas e por turistas.

As solenidades do dia 10 de abril de 2010, com a participação de autoridades polonesas e russas, encerrariam um período de vinte anos de desvendamento da verdade sobre Katyn. A presença do primeiro-ministro Vladimir Putin tinha um significado especial. Era a primeira visita oficial de um representante tão elevado das autoridades russas nesse lugar. Além disso, a solenidade significava a prontidão – da parte das autoridades russas – para normalizar as relações com a Polônia.

O discurso de Putin em Katyn pode constituir um momento decisivo nas relações polono-russas. O primeiro-ministro começava afirmando que ele havia sido trazido a Katyn pela memória comum, por uma dívida histórica e pela fé no futuro. Putin condenou os crimes de Stalin, cujas vítimas foram milhares de poloneses, mas também milhões de russos e pessoas de outras nacionalidades. Dessa forma – chamando o crime pelo seu nome – ele confirmou a responsabilidade soviética por esse massacre, que durante décadas lançou uma sombra nas relações polono-russas.

Três dias antes da catástrofe já havia ocorrido em Katyn um encontro histórico do primeiro-ministro Vladimir Putin com o chefe do governo polonês Donald Tusk junto aos túmulos dos prisioneiros poloneses assassinados. Um outro detalhe significativo nesse processo de distensão é que antes da catástrofe os cidadãos russos puderam finalmente ver o filme *Katyn*, de Andrzej Wajda, em que esse cineasta polonês faz um retrato cinematográfico do triste episódio.

Das boas relações com a Rússia depende em grande medida o futuro da Polônia na Europa e na União Europeia. Para o bem da Polônia e a Europa, é bom que essas relações sejam de cooperação e amizade. Talvez a tragédia de Smolensk, ocorrida setenta anos após o crime cometido em Katyn – e que está longe de ser a primeira tragédia na conturbada história da nação polonesa – contribua para que a perversa sombra de Katyn se dissipe

e para que esse ideal se torne mais próximo.

RESUMO - STRESZCZENIE

Nawiązując do katastrofy w Smoleńsku, która się wydarzyła dnia 10 kwietnia 2010 r., zbiegając się z 70-tą rocznicą mordu katyńskiego, autor przedstawia historyczne tło zbrodni dokonanej podczas II wojny światowej. Omawia również sposób jej traktowania przez władze radzieckie, a później przez rząd rosyjski, wyrażając nadzieję, by te wydarzenia, które przez dziesiątki lat rzucały złośliwy cień na stosunki polsko-rosyjskie, przemieniły się wreszcie w nową erę współpracy i przyjaźni.

A história do mundo sugere que não apenas cada homem tem a sua vocação, mas que cada nação, cada país também tem a sua. O homem cordial brasileiro, por exemplo, faz parte de uma nação que prima por sua índole pacífica. Ao olharmos para além das fronteiras deste país- continente, vamos nos defrontar com conflitos bélicos, ideológicos e sociais. Estamos num oásis cercados por barris de pólvora.

Da mesma forma, ao falarmos da Polônia, podemos afirmar que, ao longo de sua conturbada história, ela tem desempenhado o papel de eficaz baluarte contra ameaças não apenas à sua integridade territorial e à sua identidade cultural, mas também como anteparo à expansão imperialista dos seus vizinhos a outros países da Europa e até mesmo para além da Europa. Poderíamos, ousadamente, sustentar que, modernamente, a Polônia contribuiu para a formação de uma nova geopolítica do mundo.

Em 1683, o então rei da Polônia Jan Sobieski, comandando os exércitos alemão, austríaco e polonês, derrotou o poderoso exército turco, impedindo assim o avanço do Império Otomano para o resto da Europa. Essa batalha ficou conhecida como a Batalha de Viena. Em tempos mais recentes, em outra batalha, não menos famosa, o Marechal Pilsudski derrotou o exército bolchevique, muito mais numeroso, na Batalha de Varsóvia, conhecida também como o Milagre do Vístula. Com isso impediu o domínio da Europa pela Rússia liderada então, entre outros, por Stalin. Enfraquecida pela I Guerra Mundial, a Europa teria sido uma presa fácil. Sobretudo a Alemanha, debilitada pela fragilidade da República de Weimar. O meu pai, fazendo aqui um link histórico muito pessoal, foi um dos oficiais do exército do Marechal Pilsudski.

* Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa no Rio de Janeiro.

Polônia

Hoje, estamos aqui reunidos para celebrarmos os 30 anos do *Solidarność*, o Sindicato Solidariedade. Graças à união dos trabalhadores poloneses, o governo ditatorial comunista foi obrigado a ceder, aceitando os chamados Acordos de Gdansk de agosto de 1980. O grande líder desse movimento sindical e posteriormente nacional, Lech Walesa, era então um metalúrgico – vejam que coincidência! – dos estaleiros de Gdansk. De um estaleiro que tinha o nome de Lenin – vejam que ironia! O operário Lech Walesa, Prêmio Nobel da Paz, liderava então um movimento popular que contava com 10 milhões de membros efetivos.

E assim, mais uma vez, os ventos libertários, que tiveram o seu início na Polônia, sopraram também nos países vizinhos. Comemorando esse feito numa solenidade em Berlim, Walesa derrubou a primeira pedra de um domínio gigante, que foi derrubando, sucessivamente, as demais pedras. Um simbolismo que prescinde de qualquer explicação. Na primeira pedra, a da Polônia, estava escrito em alemão: “Tudo começou aqui”. Um dos lemas dos movimentos libertários poloneses tem sido, aliás, justamente este princípio: “Pela vossa e pela nossa liberdade”.

O logotipo do Solidariedade, a palavra *Solidarność*, é bem significativo: cada letra da palavra está apoiada em outra, sua vizinha mais próxima, representando um múltiplo indivisível. Sem perder a força individual de cada uma, mas formando um todo coeso, forte e solidário. Foi, sem dúvida, graças a isso que pôde acontecer essa revolução pacífica em fins do século passado. Uma revolução sem que fosse derramada uma gota de sangue. E assim a Polônia reconquistou a sua liberdade e a sua independência.

Acredito que além da música de Chopin, que além do poder das palavras de seus poetas, a Polônia oferece algo ao mundo que vale a pena levar em consideração: a ideia-solidariedade feita carne. Palavra-ideia que se revelou mais forte do que os tanques na Praça da Paz Celestial. Mais forte do que os tanques-ideias de todos os quadrantes.

RESUMO – STRESZCZENIE

Tomasz Lychowski działacz polonijny w Rio de Janeiro, pisarz i poeta, mówi o Solidarności i przedstawia nam jej siłę, która zmieniła oblicze Wschodniej Europy i doprowadziła do upadku komunizmu. Tak jak w przeszłości Polska umiała przeciwstawić się wielkim potęgom, które zagrażały Europie, dzięki solidarności wielu, tak dzisiaj dokonujące się zmiany też mają miejsce dzięki solidarności.

AS PRINCIPAIS FASES DOS PROCESSOS LATINO-AMERICANOS DE FORMAÇÃO DE NACIONALIDADES

*Tadeusz PALECZNY**

O conceito de “fase” não implica apenas uma definição cronológica, relacionada com a sequência do tempo. Qualitativamente significa também estados distintos de avanço nos processos de formação de nacionalidades, que ocorre em relação a sociedades concretas em diferentes períodos de tempo.

Nos processos de desenvolvimento das sociedades civis latino-americanas, das nações-culturas e nações-civilizações, podem distinguir-se as seguintes fases:

Fase I – Etnocentrismo, iberoconformismo, domínio dos modelos culturais ibéricos, assimilacionismo. Essa fase, que coincide com todo o período colonial e com o início da independência dos países da América Latina, ou seja, que se estende entre o início do século XVI e o final do século XIX, caracteriza-se por um domínio absoluto dos conquistadores-colonizadores hispânicos (castelhanos, aragoneses) e portugueses (lusitanos, luso-açorianos). Outras potências europeias, a França, a Inglaterra e a Holanda, rivalizavam com os espanhóis e os portugueses pelas influências em ambas as Américas. Enquanto o continente norte-americano foi dominado, no decorrer do tempo, pelas influências britânicas, a sua parte meridional permaneceu na esfera das influências exclusivas das culturas ibéricas. A divisão administrativa das

* Universidade Jagiellônica, Cracóvia.

colônias ibéricas na América do Sul em vice-reinos nas de língua espanhola e em capitanias nos domínios de língua portuguesa pressupunha o seu caráter explorador. Com o passar do tempo a orientação exploradora começou a equiparar-se com a orientação colonizadora.

A população autóctone, da mesma forma que os escravos negros trazidos às colônias, foi subordinada social e culturalmente aos modelos culturais ibéricos. Diante da população indígena e dos escravos africanos eram utilizadas duas políticas de assimilação: aculturação e exclusão, marginalização, desalojamento aos espaços das reservas da monoetnicidade tribal. Transformaram-se em instrumentos de aculturação, ou seja, de incorporação das culturas genuinamente indígenas pelos colonizadores brancos, por um lado a administração branca e, por outro, as instituições da Igreja católica, as missões e as estruturas paroquiais locais. As tribos que dentro dos processos de expansão econômica, territorial e cultural se encontravam no campo dos interesses dos colonos eram submetidas à cristianização e à iberização, e aquelas que se localizavam fora do âmbito das suas influências diretas transformavam-se em potenciais reservas de uma população trabalhadora, de uma população conquistada e explorada.

Na primeira fase dos processos de formação de nacionalidades, na iberoconformista, na qual a única cultura habilitada ao desenvolvimento e hegemônica era a herança trazida da Europa pelos colonos brancos, aplicavam-se diante das culturas autóctones duas táticas: a paternalista e a autoritária. O porta-voz e o representante da primeira tornou-se Bartolomé de las Casas, e o da segunda – Juan Ginés de Sepúlveda. A primeira pressupunha a possibilidade da aculturação, da integração da população autóctone com os colonos com a condição de que ela adotasse a religião, a língua e os valores culturais da cultura dominante. A segunda, orientada exclusivamente à exploração e à expansão territorial, cultural e econômica, impelia a população aborígene a um papel subalterno, com a sua exclusão e marginalização e com a extinção da sua categoria social. Como afirma Leopoldo Zea:

No período da primeira onda de expansão os conquistadores ibéricos – espanhóis e portugueses – tentaram impor os seus ideais aos indígenas conquistados, principalmente com a sua cristianização. Não havia a preocupação de preservar a sua identidade cultural, porquanto se acreditava que as formas superiores de cultura não podiam misturar-se com as inferiores. O mundo espiritual dos indígenas era a tal ponto alheio à cultura cristã e anormal que chegava a ser considerado como satânico. Por isso tentava-se erradicar os seus valores e impor-lhes a cultura ibérica trazida pelos conquistadores. [...] O objetivo da conquista ibérica era a total incorporação do aborígene, o que constituía uma parte do projeto de expansão. Ao mesmo tempo deviam ser sepultados os seus modelos e as suas convicções. Tratava-se de evitar a contaminação da cultura cristã. No entanto, apesar da destruição dos templos e da supressão das divindades, a eliminação das tradições e do imaginário local mostrou ser impossível (ZEA, 1993: 48-49).

Com o passar do tempo, através dos processos de amalgamação, os aborígenes começaram a misturar-se com os descendentes dos colonos brancos, dando origem a uma nova categoria, importante nos processos subsequentes de formação de nacionalidades, e criando posteriormente o grupo cultural dos mestiços. A mestiçagem fazia surgir aos poucos um espaço de “ponte” cultural, que possibilitaria reunir numa única sociedade cívica e numa única comunidade nacional pessoas de origem racial distinta. Após os mestiços e os mulatos no Brasil, igualmente os indígenas tornaram-se membros com igualdade de direitos nas sociedades civis, o que, no entanto, só ocorreu no final do século XX.

Fase II – Nacionalismo, homogeneização cultural, ideologia e política de formação de nacionalidades. Trata-se da fase da independência, da fase republicana em todos os países da América Latina, inclusive no Brasil, que coincide com a primeira metade do século XX. Os maiores países do

continente, o México e o Brasil, formulam os princípios da construção de uma sociedade civil nova e homogênea, transformando-se na direção de uma cultura nacional. O ponto crucial dessa fase foi a política nacionalista de Porfirio Díaz e Francisco I. Madero no México e de Getúlio Vargas no Brasil.

Os processos de nacionalização, de formação de novos tipos de identidade cultural do tipo nacionalista, assumiam um caráter conservador ou liberal. As revoluções populares nos países da América Latina no início do século XX estavam fortemente relacionadas com ideologias socialistas e conduziam à difusão dos princípios da democracia entre as categorias populacionais anteriormente excluídas dos processos de formação de nacionalidades: entre a população de cor mais pobre e racialmente mista, especialmente entre os mestiços e os indígenas. Na opinião de Leopoldo Zea:

As nações que se encontravam sob o domínio colonial ibérico tentarão transformar esse projeto em seu próprio. A revolução nos Estados Unidos de 1776 e a Revolução Francesa de 1789 fornecem legitimações ideológicas ao projeto libertário latino-americano. No entanto a metrópole espanhola mantém uma posição inflexível na questão do reconhecimento da equiparação de direitos entre os hispano-americanos e os espanhóis. A Espanha tentará preservar o projeto colonial, em torno do qual travou-se no século XVI uma violenta polêmica entre Juan Ginés de Sepúlveda e Bartolomé de las Casas. Os partidários do projeto libertário vão pronunciar-se a favor de uma destas duas variantes: a conservadora ou a civilizacional. Diante da posição inabalável da metrópole, o projeto conservador propõe a manutenção do sistema cultural e político herdado da colonização ibérica, mas já independente da metrópole. Esse será o projeto de diversos grupos de conservadores em muitos lugares dessa América (ZEA, 1993: 23).

Nessa fase dos processos de formação de nacionalidades das sociedades latino-americanas ocorre a consolidação da sociedade civil em torno

dos valores nacionais relacionados com a ideologia estatal, a unidade territorial, linguística e religiosa e a igualdade legal dos cidadãos. Em consequência da política da “nacionalização”, basicamente levada a efeito, na maioria dos países da América Latina, até os anos oitenta do século XX, ocorreram os seguintes fenômenos:

1. A continuidade da preservação do aumento da esfera cultural e da identidade nacional nos diversos países da América Latina. A ampliação desse espaço identificador e cultural ocorria com base na construção ideológica e na unidade axiológica em torno dos interesses representados pelas sociedades civis na maioria monolíngüísticas, com a diferenciação de classes e grupos étnicos. Transformaram-se em porta-vozes do nacionalismo das sociedades, que congregavam política e culturalmente grupos sociais racial e etnicamente muitas vezes distintas, tanto intelectuais, escritores, artistas e cientistas como representantes das elites governamentais.

2. A redução dos regionalismos e das tendências separatistas das diversas regiões, estados e províncias no México, no Brasil e em todos os países menores do continente. Nessa fase, o integracionismo territorial, que se mantinha e intensificava, encontrava a sua expressão na difusão da consciência cívico-estatal, que levava ao surgimento de espaços comuns de cultura simbólica e de massa. Os territórios estatais transformavam-se, para as elites intelectuais, em pátrias ideológicas.

3. A consolidação social e cultural contra a diversidade grupal – especialmente na dimensão ideológica e territorial – das minorias étnicas e raciais. A partir dos anos oitenta, surge uma corrente que busca a defesa e a preservação da identidade étnica dos grupos indígenas, com a política de neutralidade (o que em princípio significa a sua ausência) diante do exclusivismo cultural dos outros, inclusive dos grupos étnicos brancos.

4. A construção da unidade ideológica da sociedade civil, consistindo numa tentativa de eliminar os efeitos de um modelo da estrutura de classes e camadas bipolar ou polarizada. Isso tem sido e continua sendo o maior obstáculo na edificação de uma unidade cultural e ideológica plena da nação mexicana, brasileira, chilena ou argentina, no entanto não suficientemente significativo para interromper esse processo. Apesar disso, as desigualdades na escala da riqueza, do prestígio e do poder dividem as sociedades latino-americanas em visíveis segmentos culturais. Uma boa parte dos mexicanos e dos brasileiros (alguns cálculos falam até de um terço da população) vive à margem das sociedades civis, criando vínculos e identidades próprias das comunidades marginalizadas dos guetos étnicos. Além disso, em alguns espaços estreitamente delimitados das favelas e aglomerados de minorias indígenas, mestiças ou afro-brasileiras alienadas, ocorre o desenvolvimento de uma identidade separatista, do tipo híbrido, característico também dos grupos criminosos e das gangues. Trata-se de um fenômeno comum nos países da América Latina, que se manifesta igualmente na superposição das estruturas étnico-tribais nas hierarquias de grupos criminosos ou de comunidades religioso-culturais.

5. A criação de uma orientação ideológica fortemente centralizada, consistindo na expulsão e eliminação da vida social e da circulação cultural e ideológica de todos os tipos de radicalismo social, localizados nos extremos tanto da direita como da esquerda da cena política. A criação das bases da unidade nacional à custa de minorias ideológico-culturais radicais e belicosas, do tipo socialista, feminista, anarquista, ecológico ou pacifista, tem conduzido e continua conduzindo a resultados opostos aos pretendidos. Torna-se impossível na América Latina a eliminação, ou mesmo o controle, de diversos tipos de movimentos de “libertação civil” (como por exemplo o representado pela versão da “teologia da libertação”), dos camponeses sem terra, da revitalização da consciência pan-indigenista ou da emancipação

das minorias culturais.

6. A propagação dos elementos populares da cultura de massa, de simbologia nacional, através da participação na sua difusão dos meios de comunicação, que se intensifica em seu alcance e seu significado. É a televisão que molda atualmente, na maior medida, o âmbito dos conteúdos e dos valores difundidos pelas emissoras nacionais e comerciais. A participação dos meios de comunicação na criação da cultura nacional cresce continuamente. As redes de televisão subordinadas aos poderes governamentais são, por um lado, um instrumento de propaganda ideológica e, por outro, um meio que conduz à padronização da língua e dos costumes, da mesma forma que à homogeneização no campo dos valores.

7. O desenvolvimento tecnológico-industrial, bem como o progresso e a modernização, deram origem a novas correntes literárias e artísticas na arte. Um símbolo dessas transformações modernistas foi, por exemplo, a futurista capital do Brasil. Essas tendências modernistas nem sempre estiveram funcionalmente relacionadas com as necessidades e as aspirações dos latino-americanos comuns, mas atendiam às aspirações culturais e políticas das elites do poder e dos intelectuais dos ambientes criativos. Apesar disso, o típico modernismo e pós-modernismo, como uma das reações à herança europeia e às influências norte-americanas, têm assinalado um caminho original de desenvolvimento cultural – nacional e continental (URBANSKI, 1981; PALECZNY, 2004).

Fase III – Multiculturalismo, pluralismo, sociedades civis “abertas”. Nessa fase começam a predominar os fenômenos da amalgamação racial, do pluralismo, da unidade linguística, do sincretismo religioso, do hibridismo. A falta de uma unidade racial, étnica e nacional como elemento fundamental das novas sociedades nacionais na América Latina tem sido uma barreira

nos processos da integração social e da homogeneização cultural. Os modelos ideológicos dos processos de formação de nacionalidades impostos pelos colonos europeus têm excluído nas primeiras fases, lançado à margem da comunidade cívica e cultural numerosas coletividades autóctones e africanas. A raça era o principal obstáculo no processo da aculturação aos modelos nacionais espanhóis e portugueses. Antes que tivesse surgido o ideal do novo estado-nação, formulado pelo “Libertador” Simón Bolívar, predominavam as ideologias estreitas, particulares e exclusivas da dominação cultural dos crioulos e lusitanos, descendentes dos colonos brancos na América Latina. Na opinião de Leopoldo Zea:

A diversidade de raças, culturas e pessoas, que na Europa não impediu a formação de culturas e impérios, na América Latina seria um obstáculo, em razão da forma da conquista e da colonização realizada pela Europa nessa parte do mundo. A mesma diversidade que na Europa contribuiu para a união de forças e a consolidação das características nacionais na América provocaria apenas divisões e, com elas, as infundáveis guerras domésticas (ZEA, 1993: 95).

Por outro lado, porém, a diversidade racial, étnica e de nacionalidade, com a presença das línguas dominantes e da religião católica, transformou-se em motivo da busca de caminhos próprios de integração social. Imitando os modelos europeus dos processos de formação de nacionalidades, os representantes das elites políticas, econômicas e culturais têm buscado uma forma de promover a integração desse mosaico social multicultural. A base do caminho latino-americano do desenvolvimento nacional foi a utopia de Simón Bolívar, que consistia na propagação da visão e da ideologia de um único estado federado latino-americano, graças ao qual poderia surgir e desenvolver-se – a exemplo dos Estados Unidos – uma única nação latino-americana. Essa utopia estava próxima das concepções americanas do

cadinho e da americanização através da assimilação das diversas minorias culturais não ao modelo espanhol ou português, mas a uma identidade pluralista, multicultural de modelo nacional-civilizatório. A utopia de Simón Bolívar transformou-se na propagação de um ideal que não tinha chances de realização no contexto dos interesses particulares das elites governantes, das divisões raciais, étnicas, políticas e classistas, dos conflitos sociais e das disputas partidárias. Apesar disso, foi esse modelo utópico de Simón Bolívar que no final do século XX e no início do século XXI se tornou útil na busca de um caminho novo, intermediário entre o universalismo ocidental, europeu e americano e o particularismo racial, étnico, político e econômico.

Fase IV – Globalização, universalismo e latino-americanização. Os fenômenos da integração política e econômica, do funcionamento da Organização dos Estados Americanos, o papel político-econômico do Mercosul, o desenvolvimento de mercados comuns do tipo NAFTA e muitas outras iniciativas institucionais na área das relações internacionais conduzem – independentemente da unidade linguística e religiosa da Hispano-América e em grande parte também do Brasil – à intensificação do sentimento dos vínculos civilizacionais continentais. Na opinião de Samuel Huntington, a América Latina está demonstrando uma configuração própria e singular de vínculos interestatais, territoriais e históricos, que se baseia principalmente na língua e na religião e que leva ao funcionamento de sociedades civis num “espaço civilizacional” típico (HUNTINGTON, 2000). A América Latina está moldando, dentro de um longo processo histórico, a sua própria tradição supranacional e civilizacional de unidade cultural. Essas tendências foram primeiramente expressas pelo filósofo mexicano Leopoldo Zea: “Assim, pois, por um lado temos a história europeia, a história da inclusão e da assimilação, e – por outro – a história latino-americana da superposição de diversas realidades, de uma forma ou de outra alheias ao sujeito que as rejeita e adota” (ZEA, 1993: 19).

Artigos

Na passagem do século XX para o XXI, a América Latina ingressou em seu próprio caminho de desenvolvimento civilizacional, distinto do sistema ocidental, capitalista, racional de organização internacional. Localizando a civilização latino-americana no contexto da tendência espiritual, ideológica e cultural à antiocidentalização e da antiamericanização, Leopoldo Zea, bem antes que Samuel Huntington, afirmava:

Opõe-se a ele [ao modelo ocidental – T. P.] um projeto civilizacional que rejeita toda a herança da colonização ibérica na América. De acordo com tal premissa, postula-se a necessidade da transformação utilizando-se dos modelos do presente alheio, aliado ao simultâneo rompimento com o próprio passado. Isso se situa exatamente no projeto da expansão da Europa Ocidental iniciada no século XVII, após o período da expansão ibérica. Esse projeto, partindo de uma concepção puritana, apresenta os seus autores como sujeitos privilegiados, predestinados a realizar uma atividade que ultrapassa muito aquilo que é temporário e que resulta das circunstâncias. Os filósofos iluministas do século XVIII transformariam esse projeto numa missão civilizadora, que seria plenamente realizada no século XIX, quando se formariam os grandes impérios da Europa Ocidental. Os Estados Unidos da América do Norte, com a sua clara predestinação como o país que representa a suprema forma do imperialismo, participariam da nova divisão do mundo. E os latino-americanos favoráveis ao projeto civilizacional adotariam o projeto ocidental e buscariam a sua realização numa América dominada até havia pouco pelo anacrônico e conservador projeto ibérico e mergulhada na barbárie indígena, e conseqüentemente localizada à margem da civilização. Para essa marginalização contribuía também a mestiçagem, que era o resultado da realização do projeto ibérico. A realização de um projeto civilizacional alheio às experiências daqueles que procuram assimilá-lo levaria a uma imitação irracional (ZEA, 1993: 23).

Em outras palavras, após a fase do iberoconformismo, da ocidentalização, da modernização e da racionalização das sociedades latino-americanas, ocorre o processo da construção de vínculos do tipo civilizacional. Na opinião de Leopoldo Zea: “Ao ignorar as próprias experiências, o projeto civilizacional latino-americano tenderá a assimilar experiências que nunca antes estiveram ao seu alcance” (ZEA, 1993: 23).

A latino-americanização significa sobretudo a amalgamação racial, a homogeneização linguística, o pluralismo étnico, o sincretismo religioso, o hibridismo cultural, com as diferenças sociais nas escalas da riqueza, do poder e do prestígio. São elementos do novo “mosaico cultural”, do pacto integracionista supranacional e intercultural as sociedades civis que no final do século XX atingem o status de nações. Os brasileiros, os mexicanos, os chilenos, os argentinos, os paraguaios ou os venezuelanos não são apenas sociedades civis compostas de diversos grupos raciais, étnicos e religiosos, de categorias sociais – camadas, classes, oligarquias, habitantes de favelas – integradas política e territorialmente, são também sociedades de uma cultura nacional (ZNANIECKI, 1990). A latino-americanização não significa um salto da fase das comunidades locais autóctones ou dos grupos raciais regionais à fase civilizacional, com a ausência de vínculos do tipo nacional. A edificação de diversos tipos de vínculos e da identidade cultural envolve diversos fenômenos, tanto de regionalização como de manutenção da diversidade étnico-tribal e racial, da nacionalização e edificação, acima da unidade nacional, de uma solidariedade civilizacional. Os fenômenos da diversidade das comunidades locais autóctones, regionais ou raciais fazem parte dos fenômenos que perdem o significado e que se localizam à margem dos processos de integração e assimilação. As comunidades raciais e étnicas locais distintas relacionam-se fortemente com critérios econômicos e sociais de estratificação. Os particularismos étnicos e raciais são definidos hoje na América Latina não tanto pela origem, pelo lugar de nascimento ou pela pertinência étnico-racial quanto principalmente pela localização na estrutu-

ra social, pela inserção nas escalas da riqueza, do poder e do prestígio.

BIBLIOGRAFIA

HUNTINGTON, Samuel P. *Zderzenie cywilizacji i nowy kształt ładu światowego*. Trad. H. Jankowska. Warszawa: Warszawskie Wydawnictwo Literackie MUZA SA, 2000. (Título original: *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, 1996.)

ZEA, Leopoldo. *Filosofia dziejów Ameryki*. Sel. e red. J. Wojcieszak; trad. J. Hintz. Warszawa: Centrum Studiów Latinoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego, 1993. (Título original: *Filosofia de la historia americana*, México, 1978.)

ZNANIECKI, Florian. *Współczesne narody*. Trad. Z. Dulczewski. Warszawa: PWN, 1990. (Título original: *Modern Nationalities. Sociological Study*, Urbana, 1952.)

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor powyższego tekstu analizuje procesy tworzenia się w Ameryce Łacińskiej tożsamości poszczególnych narodów. Przedstawia cztery etapy procesu narodowościowo twórczego, które charakteryzują się swoistymi cechami. Najpierw następuje całkowite podporządkowanie się odkrywcom nowego kontynentu tubylczej ludności, asymilacja kulturalna, bezwarunkowe przyjmowanie iberyjskich wzorców. Następny krokiem jest tworzenie się świadomości narodowej. Jest to okres republikański, okres zdobywania niepodległości wszystkich krajów Ameryki Południowej. Przewodzą tu Meksyk i Brazylia, tworząc zasady budowy nowej tożsamości cywilnej, skierowanej ku kulturze narodowej. Następnym etapem jest otwieranie się społeczności cywilnej na przyjmowanie innych kultur. Jest to okres pluralizmu rasowego, wzajemnej tolerancji i wysiłku do jednolitości językowej na obszarze całego kraju. Ostatnim etapem jest globalizacja, którą charakteryzuje wieloetniczność, oddalenie się od europejskich wzorców dążenie do umocnienia świadomości znaczenia i wielkości kontynentu południowoamerykańskiego.

POLONESES NA ILHA DE SANTA CATARINA
- FLORIANÓPOLIS

Nazareno Dalsasso ANGULSKI *

A colonização oficial do Estado de Santa Catarina, sob a orientação do Governo Imperial, teve a participação de colonos de várias nacionalidades, que penetraram em massa desde a época da Independência do Brasil. Câmara (1940, p. 20) destaca que,

[...] de todas as etnias, de todas as nacionalidades, aqui aportaram elementos, fixando-se uns, regressando outros. Maiores contingentes numéricos ofereceram, no entanto, alemães, italianos, poloneses, austríacos e russos, revelando concomitantemente maior capacidade de fixação.

A este mosaico de povos devemos acrescentar os gregos, japoneses, árabes, tchecos, húngaros, espanhóis, holandeses, belgas, franceses e letos. A herança deixada pelos colonizadores, ao lado da cultura indígena e afro, conferiram a Santa Catarina uma identidade fundamentada na diversidade.

Importa esclarecer que algumas cidades catarinense, embora não constituíssem núcleos de colonização, receberam imigrantes poloneses que se estabeleceram, colaborando expressivamente para o seu desenvolvimento, como é caso de Florianópolis, a capital dos catarinenses. Neste sentido, Titericz (1994, p.34) observou que [...] em 1888, os livros de registro da Paróquia Matriz de Nossa Senhora de Desterro, a Cadetral de Florianópolis, assinalam o início da presença de imigrantes poloneses na Ilha de Santa Catarina. Assim a cidade de Florianópolis, no limiar do século XIX e no início do século XX, também já convivia com várias famílias de origem polonesa, cujos sobrenomes com sons sibilantes já ciciavam nas rodas sociais, culturais

* Pesquisador da imigração polonesa em Santa Catarina.

Artigos

e comerciais destacando-se os Kowalski, Dobes, Szpocanicz, Sobierajski, Maykot, Wolowski, Grams, Berka, Opulska, Szymanski, Dubiela, Ostrowski, Kaminski, Levendoski, Ligocki, Mironski, Kinceski, Drill, Kliemazok, Konescki, Rubik, entre outras.

Sobrinho (1990), por sua vez demonstra que [...] por volta de 1890 desembarcaram no Brasil quatro irmãos da família Kowalski, oriunda da cidade de Lódz, no centro da Polônia. Do grupo, apenas o mais jovem Antônio, optou pelo Paraná, encerrando sua viagem em Curitiba. Os demais, João, José e André, aportaram na Ilha de Santa Catarina, então Desterro, onde começaram a formar um sólido e respeitado núcleo de pioneiros poloneses.

Unindo-se em propósitos comuns, os poloneses que optaram por Florianópolis chegaram a ter uma Associação Cultural e Social, fundada no dia 16 de julho de 1899, chamada “Sociedade 3 de Maio”, a qual funcionava na Rua Duarte Schutel, no 55, bem no centro da capital dos catarinenses, cuja construção arquitetônica ainda permanece incólume, sobrevivendo aos arranhas céus construídos ao seu redor. Trata-se, pois, do único ícone existente, que marcou a presença dos poloneses no longínquo ano de 1899 em Florianópolis.

De acordo com Titericz (1994) merece registro especial que o primeiro polonês a pisar na Ilha de Santa Catarina foi o emigrado político, jovem e nobre Roberto von Trompowsky, que chegou a vila do Desterro por volta de 1830. Originário da região da Cracóvia, posteriormente casou com Dona Felicidade Prudência da Costa, gerando ilustres descendentes de poloneses no magistério, magistratura, forças armadas e belas artes.

Confirmando a presença dos poloneses em Florianópolis, o Jornal O Dia, editado no dia 22 de setembro de 1918 e que circulava na capital catarinense, registrava a seguinte notícia em suas páginas:

Pelo facto do reconhecimento da independência da gloriosa Polônia pelo governo brasileiro, esteve em Palácio uma comissão do Centro Polaco desta Capital que foi levar ao Sr. General Felipe Schmidt, Governador do Estado, a seguinte moção: “Exmo. Sr.”. General Governador do Estado. O Centro Polaco “Constituição 3 de Maio”, aqui constituído há dezenove annos, sempre respeitador das leis deste nobre e hospitaleiro paíz tem a honra de significar a V. Exa. os protestos de sua especial consideração em face do acto do Governo Federal, reconhecendo a Independência da Polônia, solidária ao gesto das nações alliadas, a cujo número o Brasil se incorporou com a divisão de uma armada, ligando o sangue generoso de seus marinheiros ao caudal de sangue que tinge as terras da Europa. Digne-se V. Ex. aceitar os protestos de nossa mui carinhosa consideração com a nossa absoluta fidelidade ao Brasil. Saúde e Fraternidade. (Ass) Presidente Miguel Kaminski; Secretário João Maykot; Porta Bandeira, José Kliemazok; Membro da Syndicancia, André Kowalski.

Barreto (2006), identifica que no ano de 1895 o Sr. Miguel Sobierajski já vivia em Florianópolis, trabalhando na recém fundada Fábrica de Pontas “Rita Maria”, sendo considerado um operário pioneiro que ajudou a implantar esta atividade fabril na Capital dos Catarinenses. Havia também na subida do “Morro do Céu”, na atual Rua Jairo Callado, a Rua dos Polacos, onde morava o Senhor Wenceslau Kinceski e, que segundo moradores, o pioneirismo na parte baixa deste “Morro” histórico de Florianópolis está associado aos brancos de origem italiana e polonesa. Houve mesmo, os que, como os Grams, vieram dos Estados Unidos, como operários especializados, com vistas à montagem da Ponte pênsil Hercílio Luz, inaugurada em 1926, e que depois decidiram permanecer na cidade.

Deve-se também lembrar, segundo Wachowicz (1970, p.43) “[...] da mesma forma e com a mesma rapidez com que resolveram emigrar, após as primeiras adversidades no Brasil, mudavam de idéia e desejavam voltar à terra natal. Na cidade de Desterro, atual Florianópolis, na hospedaria local, os pedidos nesse sentido dirigidos às autoridades brasileiras também eram numerosos [...]”

Artigos

Assim, conforme afirma Titericz (1994, p.39), “um grande número de imigrantes poloneses se estabeleceram provisoriamente em Desterro até que a situação acalmasse na Polônia”. Com os ganhos do trabalho, pretendiam retornar um dia, porém este sonho não se realizou, restando tão somente permanecer definitivamente no Brasil e como observa Titericz (1994, p. 40) “[...] em conseqüência estabeleceram uma pequena colônia polonesa em Florianópolis.”

Posteriormente, nos anos seguintes como refluxo das colônias polonesas do interior do Estado de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, registra-se a vinda de várias famílias de descendentes de poloneses, que se estabeleceram na Ilha de Santa Catarina: Falkoski, Angulski, Zuchowski, Iacovski, Brzezinski, Przysiada, Domareski, Szulc, Rathje, Zytkevewisz, Studinski, Wiecko, Blaskiviski, Jenczak, Rzatki, Piasecka, Till, Kozuchowski, Roczanski, Piscorski, Wosgraus, Abramovicz, Skrenski, Schivinski, Laskos, Makowiecky, Wosny, Bilinstk, Walendowsky, Slovinski, Novacki, Kukulkla, Labanowski, Iaczinski, English, Woyakewicz, Slepach, Dobrowolski, Maciorowski, Milak, Rossa, Guzanski, Wyrobek, Niedezielski, Witoslawski, Tarnowski, Wolski, Novakoski, Cizeski, Palanowski, Rutkowsky, Kurzawa, Pundek, que contribuíram nas mais diversas áreas do conhecimento, para o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade de Florianópolis.

Dentro deste contexto, um grupo de idealistas resolveu fundar no dia 06 de março de 1991 a Sociedade Polônia - Towarzystwo Polonia, com a finalidade de congregar, agora no limiar do século XX, poloneses, seus descendentes e simpatizantes, visando preservar e difundir os valores da milenar cultura polonesa no seio da sociedade Florianopolitana, editando inclusive a partir de julho de 1992 um jornal em língua portuguesa, denominado “Gazetka Polska”.

Importa destacar que graças ao Papa João Paulo II, ocorreu um renascimento dessa consciência étnica e a Sociedade Polônia de Florianópolis, fundamentalmente foi criada por um novo despertar do espírito de ser polo-

nês, onde a auto-estima do grupo foi visivelmente externada.

Este novo estímulo e entusiasmo foi marcante e inesquecível quando da visita histórica do Papa João Paulo II à Florianópolis em outubro de 1991, observado por Pereira (1992, p. 51), [...] homenagens foram prestadas pela Sociedade Polônia, nas imediações do Bar Koxixo, já na metade do trajeto, em plena Beira Mar Norte. Cerca de 60 descendentes de poloneses exibiram uma faixa vistosa “Towarzystwo Polônia w Florianópolis”. Em letras gigantes: “Życzy niech Ojciec Święty żyje sto lat”. Em português: „Sociedade Polônia de Florianópolis”, deseja que o Santo Padre viva 100 anos”! Enquanto isso, cantavam felizes, em coro, “Sto lat”, “Que viva cem anos”, o equivalente polonês ao “Parabéns a Você”.

A Sociedade Polônia de Florianópolis, de certa forma dá continuidade a antiga Sociedade 3 de Maio pois tem procurado, desde a sua fundação, satisfazer as diferentes necessidades de seus associados, na maioria descendentes de poloneses de primeira, segunda, terceira e quarta geração, desenvolvendo ações que visam principalmente a preservação da língua polonesa e das demais manifestações da cultura e das tradições polonesas, sempre com muita qualidade e criatividade.

Neste contexto, a imprensa catarinense sempre atenta aos eventos culturais de nossa terra, assim manifestou-se na edição do Jornal “O Estado” do dia 26 de outubro de 1993: *“Há muito tempo não se via o teatro do CIC lotado. Pois foi o que aconteceu sábado com o espetáculo do Conjunto de Canto e Dança JUNAK de Curitiba-PR, que apresenta números do folclore polonês. O público aplaudiu de pé”*.

Como vimos, tanto os imigrantes poloneses que aportaram de forma pioneira na Ilha de Santa Catarina, quanto os migrantes na condição de descendentes, buscaram através das Sociedades um espaço para compartilhar suas alegrias e os feitos do seu labor, seja nas artes, no folclore, na culinária e até na nossa economia. Portanto este momento que estamos vivenciando, quando esta novel sociedade completa 18 anos de existência,

Artigos

permite que a gente polaca, aliada à riqueza cultural e à privilegiada paisagem natural que compõe, não só a bela Ilha de Santa Catarina, mas todo o território estadual, continue contando e escrevendo a sua história e apresente sua cultura aos demais grupos étnicos formadores da gente catarinense que, unidos e integrados, acabaram por fazer deste pedaço do Brasil um maravilhoso lugar para se viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Maria Teresinha Sobierajski. José Sobierajski – Centenário de Nascimento. *Gazetka Polska*, n 60 set/out. 2006.

CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. **Separata da Revista de Imigração e Colonização**, n. 4, a. I, 1940. Florianópolis: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Departamento Estadual de Estatística

Jornal O Dia, Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, 1918.

TITERICZ, Ana Paula. **A Presença Polonesa em Florianópolis. Trabalho de Conclusão do Curso de História** – UFSC. Florianópolis, 1994.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. Conjuntura Emigratória Polonesa no Século XIX. **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**, vol. I, Curitiba: Imprimax Ltda, 1970.

SOBRINHO, Antônio Kowalski. Ilhéu, acima de tudo. Florianópolis: **Jornal O Estado**, Edição do dia 28/10/1990.

PEREIRA, Moacir. **O Profeta da Esperança**. Lunardelli: Florianópolis, 1992.

Jornal O Estado. Florianópolis: Edição de 26 de Outubro 1993, página 4.

SILVA, Ellen Cristina da. **Yanka. A fuga da guerra e o refúgio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

RESUMO - STRESZCZENIE

Pierwsi polscy emigranci osiedlili się we Florianópolis już w 1888 roku. Autor artykułu podkreśla nazwisko Trompkowski, którego ród wydał wielu wybitnych ludzi w życiu politycznym, kulturalnym i społecznym. W roku 1899 powstaje Towarzystwo 3 maja, którego kontynuatorem jest aktualnie Towarzystwo Polonia, powstałe po wizycie papieża Jana Pawła II w 1991 roku.

SANTANA – NA VÉSPERA DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA AO BRASIL

Kinga ORZEL *

Os primórdios da colonização polonesa na área da atual Santana relacionam-se com a colonização da região de Cruz Machado (Pátio Velho) e iniciam-se no dia 19.12.1910. Foi nessa data que, por ordem do governo federal, o Serviço de Povoamento do Solo fundou a colônia à qual os primeiros colonos da Polônia vieram em julho de 1911, numa época que coincidia com a fase final da chamada “febre brasileira”. O lugar reservado para os emigrados da Polônia era uma área que se encontrava nas proximidades da Serra da Esperança¹. Esse núcleo recebeu o nome de Cruz Machado. A cidade mais próxima era Mallet, a cerca de 50 quilômetros de distância. Calcula-se que nessa nova colônia se estabeleceram 860 famílias polonesas. Segundo o padre João Piton, foram ali estabelecidos 9.600 moradores, entre os quais 5.500 poloneses².

A ação colonizadora foi conduzida de forma errada e até caótica. Calculava-se a instalação de mais de 2.000 famílias, o que era um plano previamente condenado ao malogro, visto que não havia condições de receber nem a metade desse número. Os emigrados poloneses que vinham ao

* Kinga ORZEL, nascida em 1982 em Cracóvia, é formada em Estudos Americanos pela Escola Superior de Cracóvia e em Cultura Internacional pela Universidade Jagiellônica. Atualmente, como doutoranda na Faculdade de Estudos Internacionais e Políticos da UJ, dedica-se à problemática da identidade, da consciência e da migração. Publicou textos que abordam a psicomanipulação, o sexismo, a migração e a ciência da cultura. Participou de conferências e intercâmbios, inclusive internacionais. Durante o Projeto Intensiva, na França, coordenou oficinas para um grupo internacional de estudantes da área de estudos interculturais.

1 Cf. MALCZEWSKI. *W służbie Kościoła i Polonii – 40 lat działalności Chrystusowców w Ameryce Łacińskiej*. Warszawa: Centrum Studiów Latinoamerykańskich, Uniwersytet Warszawski, 1998, p. 58.

2 Cf. DWORECKI, T. *Zmagania polonijne w Brazylii – Polscy Werbiści 1900-1978*. Warszawa: Collectanea Theologica, 1980, p. 485.

Brasil eram provenientes, sobretudo, das regiões de Siedlce, Lublin, Chelm e Bialystok. Na maioria tratava-se de agricultores quase analfabetos. Atraídos pelas promessas de um país “onde corria o leite e o mel” e pelas extensas áreas que podiam ser adquiridas, eles eram facilmente influenciados pela propaganda e decidiam viajar. Provenientes principalmente da zona de ocupação russa, esses camponeses não vislumbravam para si nenhuma perspectiva no país natal. Explorados pelos proprietários de terras, esses agricultores pequenos e pobres sonhavam com a liberdade e a fartura.

O governo federal brasileiro oferecia a cada família cerca de 25 hectares de terra. A viagem da Polônia ao Brasil era paga pela parte receptora, mas os migrantes viajavam em condições difíceis. Desconhecendo os seus direitos e a língua, eram muitas vezes forçados a pagar por coisas ou serviços que já anteriormente haviam sido pagos. A viagem de navio levava cerca de três meses. Muitas pessoas ficavam doentes, e os mortos eram envolvidos em panos e jogados na água. Havia casos em que famílias inteiras pereciam no navio.

Os migrantes chegavam ao porto do Rio de Janeiro e na Ilha das Flores eram submetidos a uma quarentena. A seguir eram encaminhados ao porto de Paranaguá, de onde (de acordo com o que comprovam pesquisas realizadas entre os descendentes dos colonizadores) viajavam de trem até Curitiba e depois a Mallet, para vencer o último trecho – de cerca de cinquenta quilômetros – em carroças ou a pé. Os colonos eram instalados em casas de madeira, chamadas pelos colonizadores de barracões, onde permaneciam durante meses aguardando os lotes de terras prometidos. Na realidade esses barracões eram instalações de madeira, barracos que serviam de residências e nos quais não havia uma cozinha. Os colonos cozinhavam fora, utilizando-se de fogueiras ou fogões primitivos. Essas choupanas eram apertadas e baixas, e no início as pessoas dormiam no chão. Visto que havia sido preparado um número muito pequeno de barracos, em cada um deles eram instaladas duas ou mais famílias. Vale a pena lembrar que essas famí-

lias eram geralmente numerosas. Por isso acontecia às vezes que num único barraco residissem mais de vinte pessoas.

Essas pessoas viviam excessivamente aglomeradas, o que facilitava a propagação de doenças. Uma complicação adicional era o receio dos animais selvagens, bem como a falta de instalações sanitárias. Os colonos temiam afastar-se demais para fazer as suas necessidades, especialmente à noite, o que provocava a aglomeração de excrementos no núcleo e contribuiu diretamente para a eclosão de uma epidemia de tifo. A doença produziu uma enorme mortandade, tendo provocado a morte de 800 a 1.000 pessoas. O cemitério encheu-se em ritmo acelerado, porque todos os dias eram sepultados 7-8 mortos, que eram envolvidos em panos, visto que não havia tempo para a fabricação de caixões suficientes. Acontecia às vezes o corpo ser deixado junto à cerca do cemitério, para ser sepultado somente no dia seguinte.

Em busca de terras melhores, as famílias que sobreviveram dirigiram-se para o sul, fundando novos núcleos, entre os quais Santana, situada no sopé da Serra da Esperança. A paróquia sob o patronato de S. Ana foi fundada em 1912. Em 1914 foi construída uma igreja de madeira que já não existe e o cemitério. Ao lado da igreja havia uma escola construída pelas religiosas da Sagrada Família.

No dia 26 de fevereiro de 1976 foi iniciada em Santana a construção de uma nova igreja, cuja bênção realizou-se no dia 15 de outubro de 1978. No dia 1 de julho de 1964 o pe. Ceslau Czartoryski assumiu a paróquia como o primeiro pároco da Sociedade de Cristo. Atualmente, 85% da população de Santana é constituída por moradores de descendência polonesa.

O ano de 2011 será para os habitantes da região de Santana um ano extraordinário, visto que será comemorado o centenário da vinda dos primeiros imigrantes da Polônia. Das comemorações do 75º aniversário desse importante acontecimento participaram os moradores de toda a paróquia, entre eles algumas pessoas que nasceram na Polônia. Hoje, na véspera do centésimo aniversário, não se encontram mais entre nós os primeiros colo-

nos, mas em compensação estão vivos os seus filhos, netos e bisnetos. A lembrança do país nas margens do Vístula continua firme. Pode-se ter a impressão de que essas pessoas vieram da Polônia há dez anos. Quase todos falam o polonês, que para muitos é a primeira língua, que eles aprendem porque em casa não se usa o português. Há casos em que as crianças aprendem essa língua somente quando vão à escola. Deve-se assinalar, no entanto, que a geração mais jovem – quando começa a frequentar a escola – abandona rapidamente a comunicação em língua polonesa em favor da portuguesa. As causas desse estado de coisas podem ser buscadas em muitos fatores, dos quais um dos mais importantes parece ser a população cada vez mais mista do interior. Não se trata, portanto, de “vergonha” ou da vontade de “livrar-se” da língua polonesa, mas antes do conforto na situação escolar do dia a dia.

Muitos representantes da geração mais velha, quando perguntados a respeito da língua em que se comunicam com mais frequência, respondem que é em polonês, visto que – como dizem eles – essa é a língua pátria deles. Há pessoas, especialmente de mais idade, que quase desconhecem a língua portuguesa. Com frequência se ouve alguém afirmar: “Sou polonês, só que nascido no Brasil”. Trata-se de um fenômeno incomum, levando em conta que estamos diante da terceira ou da quarta geração. A língua é para essa gente um determinante de polonismo. A Polônia, país que eles nunca viram, desenha-se na imaginação deles pelas lembranças e pelas orações, que nas casas são sempre recitadas na língua “pátria”. A oração do rosário ou as orações e cânticos próprios do período natalino ou quaresmal – tudo isso pode ser ouvido à sombra das palmeiras e dos pinheiros. Na Páscoa perdura a prática da bênção dos alimentos. Na ceia natalina, praticada em muitas casas, continua vivo o costume da partilha da hóstia, de introduzir o feno sob a toalha e de deixar a ceia para os falecidos. Esse peculiar casamento cultural faz com que a interpenetração desses dois mundos – do europeu e do sul-americano – adquira um caráter muito singular.

Percebendo a complexidade desse fenômeno e o seu caráter extraordinário, bem como a falta de trabalhos científicos mais aprofundados que abordem a região de Santana e dos seus habitantes, o atual pároco da paróquia de Santana, pe. Miroslau Stepien SChr, juntamente com a doutoranda da Universidade Jagiellônica Kinga Orzel, elaborou um plano de descrição da história desse “poloneses brasileiros”. Dentro dos preparativos para as comemorações do centésimo aniversário da migração da Polônia, eles estão promovendo no interior pesquisas relacionadas com a história da migração, a cultura e o polonismo. O trabalho deles deverá resultar na publicação de uma monografia baseada nos materiais coletados, incluindo entrevistas, fotografias e documentos. Vale a pena não esquecer esse singular enclave de polonismo, repleto de respeito à língua e à tradição polonesas, mas desprovido da mitificação do país dos antepassados. Resta-nos iniciar os preparativos para os grandes eventos que deverão tornar memorável essa bela e já quase centenária história.

RESUMO – STRESZCZENIE

Kinga Orzel przeprowadza badania socjologiczne w ciekawej enklawie polskości w Brazylii, jaką jest osada Santana i jej okolice. W tym przygotowawczym do stulecia przybycia pierwszych polskich emigrantów artykule, kreśli historię nieraz tragiczną tej kolonii. Podziwia przywiązanie do religijności, zwyczajów i tradycji polskich. Język polski jest nadal używany w komunikowaniu się z innymi. Zanika jednak wśród młodego pokolenia. Cała kolonia przygotowuje się na obchody stulecia polskiej obecności w Santanie.

ESBOÇO DA PASTORAL POLONESA EM PORTO ALEGRE. A ÓRFÃ COMUNIDADE POLÔNICA PORTO-ALEGRENSE AGUARDA UM NOVO TUTOR ESPIRITUAL

Zdzisław MALCZEWSKI Schr*

As fontes acessíveis informam que os imigrantes poloneses começaram a estabelecer-se no território do Rio Grande do Sul já em 1850. A vinda dos poloneses a esse estado ocorreu no mesmo período em que vieram os italianos¹. A seguir, em 1852 apareceu no Rio Grande Sul um grupo de soldados poloneses que se alistaram no exército brasileiro e lutaram entre os soldados alemães no 15º Batalhão. Também na 6ª Companhia encontramos soldados poloneses, bem como no 28º Batalhão de Fuzileiros. É preciso ainda registrar que em 1857 o engenheiro Floriano Zurowski (que fazia parte de um grupo de emigrados políticos) trabalhou na medição de terras no Rio Grande do Sul². A primeira organização polonesa fundada no Rio Grande do Sul foi a Sociedade Polônia, em Porto Alegre. Essa associação surgiu em 1896 graças aos empenhos do dr. Estanislau Kłobukowski e desenvolve a sua atividade social ininterruptamente até o dia de hoje. Foi eleito presidente de uma nova Associação, da Sociedade Concórdia, Félix Bernardo Zdanowski, tendo como vice-presidente Eduardo Stelczyk³. Naturalmente o maior número de imigrantes poloneses foi trazido pela famigerada “febre brasileira”⁴.

* Redador da revista “Polonicus”.

1 MALCZEWSKI, Zdzisław. *Polonii brazylijskiej obraz własny. Zapiski emigranta (2007-2010)*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2010, p. 50.

2 MALCZEWSKI, Zdzisław. *W służbie Kościoła i Polonii. Towarzystwo Chrystusowe: Funkcje społeczne i duszpasterskie w środowisku polonijnym w Ameryce Łacińskiej*. Warszawa: CESLA, 1998, p. 63.

3 KŁOBUKOWSKI, Stanisław. *Wspomnienie z podróży po Brazylii, Argentynie, Paragwaju, Patagonii i Ziemi Ognistej*. Lwów: Gazeta Handlowo-Geograficzna, 1898, p. 185-186; MALCZEWSKI, Zdzisław. *W służbie...*, op. cit., p. 63.

4 GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Wśród pionierów polskich na Antypodach. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii*. Warszawa: Instytut Naukowy do Badań Emigracji i Kolonizacji, 1927, p. 17 e 19-21.

Segundo Casimiro Gluchowski, nos anos 20 do século passado residiam em Porto Alegre 600 famílias polonesas⁵. No período de entreguerras, durante a II Guerra Mundial e após o seu término vieram ao Brasil novas ondas de imigrantes poloneses. As fontes informam que nos primeiros anos após a II Guerra Mundial vieram ao Brasil 10 a 20 mil poloneses. Em geral essa nova onda imigratória encaminhou-se para as cidades. Dessas ondas imigratórias, certa porcentagem de poloneses também fixou residência em Porto Alegre⁶.

O início da pastoral polonesa organizada na capital do Rio Grande do Sul remonta à atividade do pe. João Antônio Peres⁷. Por ter sido nomeado para o cargo de chanceler da cúria arquiepiscopal em Porto Alegre, ele fixou residência nessa cidade. Visto que ninguém se preocupava oficialmente nem demonstrava interesse pela situação espiritual dos imigrantes poloneses residentes na cidade, começou a organizar para eles uma assistência pastoral regular. Primeiramente reunia os poloneses na igreja paroquial de S. Pedro,

5 Ibidem, p. 108.

6 MALCZEWSKI, Zdzisław. *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*. Lublin: Oddział Lubelski Stowarzyszenia „Wspólnota Polska”, 1995, p. 25-29.

7 Pe. João Antônio Peres, filho do espanhol Augusto Peres e de Francisca Hamerski. Nasceu no dia 3 de março de 1887 em Linha Azevedo Castro, colônia Conde d’Eu (atualmente Garibaldi – RS). Estudou em Parcu Novo e em Porto Alegre. No dia 30 de novembro de 1911 foi ordenado sacerdote. Rezou a primeira missa no dia 8 de dezembro de 1911 em Guarani das Missões (RS). Primeiramente exerceu as funções de cura na paróquia de Mariana Pimentel, e a seguir em Vista Alegre, onde elevou o nível espiritual e material dos fiéis de origem polonesa. Proporcionava ajuda a estudantes e seminaristas. Buscava professores para as escolas e propagava a imprensa e a leitura. Na casa paroquial em Vista Alegre, organizou uma biblioteca para os colonos. Exerceu a função de sacerdote visitante dos poloneses na arquidiocese de Porto Alegre. Assim, visitava as colônias polonesas em São Luís da Casca, Ernesto Alves, Capoeiras (atualmente Nova Prata), Alfredo Chaves (atualmente Veranópolis), Santa Bárbara, Santa Teresa. Em fevereiro de 1929 organizou um encontro de três dias dos poloneses em Vista Alegre. Em 1930 tornou-se chanceler da cúria arquiepiscopal em Porto Alegre, cargo que exerceu por vinte anos. Nesse mesmo período forneceu assistência aos poloneses que residiam na capital do Rio Grande do Sul. Promovia celebrações para os poloneses na igreja de S. Geraldo em Porto Alegre. Foi promovido a monsenhor. Fez parte dos eminentes representantes do clero da arquidiocese de Porto Alegre. Faleceu no dia 6 de junho de 1955. Cf. MALCZEWSKI, Zdzisław. *W trosce nie tylko o rodaków. Misjonarze polscy w Brazylii*. Curitiba, 2001, p. 165.

onde celebrava para eles a missa dominical, durante a qual anunciava a palavra de Deus. O início desse ministério ocorreu no começo de 1930. Dois meses depois o pe. Peres chegou à conclusão de que a igreja de S. Pedro não era o lugar mais apropriado para os poloneses. Eles residiam em outros bairros de Porto Alegre, distantes da igreja, e a distância dificultava a frequência regular à Eucaristia dominical. Iniciou-se então a procura de uma igreja situada mais perto do lugar de residência dos imigrantes poloneses. Chamou a atenção a igreja de S. Geraldo. Foi encaminhado um pedido ao pároco local para que ele cedesse aos poloneses a mencionada igreja, a fim de que nela fossem celebradas as missas para a comunidade polonesa. Esse religioso não apenas cedeu aos poloneses a igreja de S. Geraldo, mas ainda deixou à disposição deles o salão paroquial, para que ali pudessem organizar os seus encontros mensais. Corria o mês de julho de 1930. Desde esse mês, em cada domingo ou festa religiosa os imigrantes poloneses tinham as suas missas ali celebradas pelo pe. João A. Peres.

Nesse mesmo período ocorre a consolidação dos imigrantes poloneses católicos, que instituíram a Associação Católica de Nossa Senhora de Częstochowa. Desde que surgiu essa associação, entre os emigrados poloneses surgiu a ideia de possuir uma igreja própria, onde pudessem não apenas participar da missa dominical, mas também cultivar as tradições religiosas trazidas da distante Polônia. Considerando a época, deu-se início à realização desse propósito muito rapidamente. No dia 2 de outubro de 1932 realizou-se a solenidade da bênção da pedra fundamental para a construção da igreja polonesa na Avenida Eduardo (atual Presidente Roosevelt). Foi escolhida como padroeira do santuário Nossa Senhora de Częstochowa. A construção iniciada desenvolveu-se com bastante rapidez. Os trabalhos de construção da nova igreja foram concluídos em abril de 1934. A bênção da nova igreja dedicada a Nossa Senhora de Częstochowa ocorreu no dia 29 de abril de 1934, quando o monsenhor João Antônio Peres celebrou nela a primeira missa. A partir desse dia, em todo domingo ou festa religiosa, o pe. Peres

celebrava ali as missas para os poloneses. No novo santuário ele satisfazia as necessidades dos imigrantes poloneses com celebrações regulares da santa missa, assistência no confessionário e ensino da religião às crianças. Além disso, o pe. Peres fundou o Apostolado da Oração, que por longos anos preservou entre os poloneses residentes em Porto Alegre o espírito da fé.

Não podemos esquecer que a obrigação principal do pe. Peres era a prestação de serviços na cúria metropolitana, na qualidade de chanceler. Por isso ele começou a pensar em transferir a pastoral polonesa na igreja de Nossa Senhora de Częstochowa a um tutor permanente da comunidade polônica. Para a realização desse propósito foi útil a visita do bispo Dom Teodoro Kubina, ordinário de Częstochowa, o qual – na volta do Congresso Eucarístico Internacional em Buenos Aires, na Argentina – visitou os núcleos dos imigrantes poloneses no Brasil. O hierarca polonês visitou também os poloneses residentes em Porto Alegre. Em acordo com o arcebispo João Batista Becker (1870-1946), metropolita de Porto Alegre, decidiu-se assegurar a presença permanente de um sacerdote polonês na igreja de Nossa Senhora de Częstochowa. No início de dezembro de 1934 foi enviado um pedido ao cardeal Augusto Hlond, Primaz da Polônia, solicitando o envio de um padre para prestar assistência aos poloneses em Porto Alegre. Já na segunda metade de abril de 1935 chegou da Polônia o pe. Antônio Białowas⁸ e assumiu as tarefas pastorais na igreja de Nossa Senhora de Częstochowa. Infelizmente, a sua estada em Porto Alegre foi muito breve, até maio de 1935.

Como escreve o pe. João Wróbel CM, o pe. Białowas não sabia ou não foi

8 O pe. Antônio Białowas nasceu no dia 7 de dezembro de 1891 na aldeia de Lowce, na família de Casimiro e Salomé Walczak. Foi ordenado sacerdote no dia 30 de abril de 1916. Por dois anos foi vigário da paróquia de Rokitnica, nos dois anos seguintes na paróquia de Tuligłowy e a seguir, por seis meses, foi administrador da paróquia de Kobylany. No início de 1921 foi nomeado vigário em Zmigród Nowy. No dia 15 de setembro de 1921 recebeu a tarefa de organizar a paróquia em Gdeszyn, onde trabalhou por um período um pouco superior a seis meses, no dia 28 de novembro de 1922 foi nomeado administrador da paróquia de Rzeplin, e em 1931 – na paróquia de Surhów. Em 1933 buscou autorização para trabalhar no Brasil. O seu destino posterior é desconhecido. Encontrei essa informação no portal da paróquia de Gdeszyn: <http://www.parafia-gdeszyn.pl> (6.8.2010).

capaz de adaptar-se às exigências da cúria episcopal local. Por isso o seu afastamento do ministério pastoral provocou muita confusão entre os imigrantes poloneses, especialmente entre os menos conscientizados religiosamente. Infelizmente, esse episódio chegou a provocar uma dissensão entre a comunidade polonesa e a fundação de uma igreja nacional. Em consequência dessa desnecessária divisão, a colônia polonesa, que até então gozava de boa opinião em Porto Alegre, sofreu uma perda de prestígio entre as outras comunidades imigratórias⁹.

Após a breve e tempestuosa presença do pe. Białowaś entre os poloneses em Porto Alegre, a cúria metropolitana nomeou o pe. Alexandre Studziński como pároco da colônia polonesa. O pe. Studziński exerceu o seu ministério entre os imigrantes poloneses por um breve período, que se estendeu de novembro de 1936 a março de 1937. Provavelmente a divisão espiritual da colônia polonesa, as dificuldades e adversidades encontradas foram os motivos do seu curto período de trabalho na igreja de Nossa senhora de Częstochowa.

A cúria metropolitana empenhava-se por fazer com que a assistência pastoral iniciada entre os imigrantes poloneses em Porto Alegre tivesse continuidade. Por essa razão encaminhou um pedido aos padres vicentinos, em Curitiba, solicitando que eles assumissem a assistência aos poloneses na cidade. O pe. Ludovico Bronny CM, que exercia o cargo de visitador dos padres vicentinos, respondeu positivamente ao pedido da cúria de Porto Alegre. No início de 1937 viajou a Porto Alegre em companhia do pe. José Kielczewski CM¹⁰, a quem confiou a assistência pastoral dos poloneses na-

9 Ao apresentar a figura do pe. José Kielczewski CM, o pe. Lourenço Biernaski CM lembra a divisão entre os poloneses em Porto Alegre em razão da presença do pe. Martim Kuszal, da Igreja Nacional Polonesa, que semeava a divisão e a heresia. Cf. BIERNASKI, Lourenço. *Quem foram, o que fizeram esses missionários...* Curitiba, 2003, p. 83; Cf. também: Arquivo do autor: BIERNASKI, L. *Porto Alegre – Nossa Senhora do Monte Claro – 137*, dat. Mais informações a respeito do pe. Martim Kuszal podem ser encontradas na minha publicação: *W służbie...*, op. cit., p. 180-183 (juntamente com as notas).

10 O pe. José Kielczewski, filho de Teófilo Kielczewski e Apolônia Wolański, nasceu no dia 17 de dezembro de 1902 em Łopienno, distrito de Wągrowiec. Antes

quela cidade.

Graças ao seu bom relacionamento com os poloneses e aos contatos com a cúria, o pe. Kielczewski granjeou a simpatia e a benevolência de todos. Obteve então da cúria metropolitana todos os direitos de exercer o ministério pastoral na igreja dos poloneses. Com dedicação e solicitude pastoral, ele se dedicou a prestar assistência aos seus compatriotas. Organizou o Apostolado da Oração, fundou a Associação das Filhas de Maria e, para as crianças, o Coral dos Anjos da Guarda. Visitava as famílias polonesas, especialmente no período natalino, e estimulava à participação na vida religiosa junto à igreja polonesa. Graças a essas visitas domiciliares do pe. Kielczewski, fortaleceu-se a unidade entre os imigrantes poloneses e os seus descendentes. Além disso, ele se dedicou ao trabalho social e cívico. Além de cumprir as suas tarefas em Porto Alegre, a pedido da cúria viajava às colônias polonesas, onde fortalecia os poloneses na fé e no amor aos valores trazidos da velha Pátria. Visitava também os mineiros nas minas de carvão em São Jerônimo e outros núcleos poloneses onde não havia um sacerdote polonês permanente. Fazia companhia ao arcebispo Dom Becker nas visitas pastorais em paróquias onde residiam poloneses.

de escolher o estado religioso, concluiu estudos de Farmácia e, como soldado (enfermeiro), lutou em 1920 nas fileiras do exército polonês contra a Rússia Soviética. Concluiu os estudos de filosofia e teologia no seminário maior dos vicentinos em Cracóvia e foi ordenado sacerdote no dia 29 de dezembro de 1929. Em 1930 veio ao Brasil. Nos primeiros anos trabalhou como vigário nas paróquias de Cruz Machado, Ivaí, Paraguaçu e Guarani das Missões. Nos anos 1937-1940, exerceu o ministério entre os imigrantes poloneses em Porto Alegre. A seguir foi pároco em Guarani das Missões (1940-1944), Prudentópolis (1945-1948) e São Mateus do Sul (1949-1952). Depois, nos anos 1953-1956, exerceu a função de reitor da casa central dos padres vicentinos e da igreja S. Vicente de Paulo em Curitiba. Os lugares seguintes do ministério do pe. José Kielczewski foram: Abranches (pároco – 1957), Prudentópolis (pároco – 1958-1960), Itaiópolis (pároco – 1961-1967), Contenda (pároco – 1968-1970), Curitiba (superior da casa e cura da paróquia de S. Vicente de Paulo – 1971). Por enfrentar problemas de saúde, desligou-se então do trabalho pastoral e residiu sucessivamente em Órleans, Contenda, Itaiópolis e na casa central dos padres vicentinos em Curitiba. Faleceu no dia 21 de março de 1973 em Curitiba. Cf. MALCZEWSKI, Zdzisław. W *trosce...*, op. cit., p. 131; BIERNASKI, Lourenço. *Quem foram...*, op. cit., p. 81-85.

Artigos

No dia 17 de novembro de 1939 o pe. José Kielczewski CM foi transferido de Porto Alegre para Guarani das Missões. Para ocupar o seu lugar, os superiores nomearam o pe. João Wróbel CM¹¹ como pároco dos poloneses em Porto Alegre. Durante vários anos o novo pároco dedicou-se de todo o coração ao serviço da comunidade polonesa, bem como dos fiéis de outras nacionalidades¹². Graças aos esforços do pe. Wróbel, foi concluída a construção da igreja de Nossa Senhora de Częstochowa, que havia sido iniciada em 1932 na Rua Presidente Roosevelt, 920.

Em 1956 o pe. João Wróbel CM foi transferido a Curitiba, e para o seu lugar foi indicado o pe. João Pitoń CM¹³. Além do trabalho pastoral em

11 O pe. João Wróbel CM, filho de Pedro Wróbel e Francisca Skiba, nasceu no dia 14 de junho de 1881 em Bogucice, na Silésia. Ingressou no seminário missionário dos padres vicentinos em Cracóvia e foi ordenado sacerdote no dia 3 de maio de 1908 pelo bispo Dom Anatólio Nowak. Foi destacada para o trabalho pastoral entre os imigrantes poloneses no Brasil. No dia 18 de agosto de 1908 chegou a Curitiba. Exerceu o ministério em Abranches (1908-1911) e Rio Claro do Sul (onde trabalhou por 9 anos). Em seguida foi transferido a Guarani das Missões, Rio Grande do Sul, onde igualmente passou 9 trabalhosos anos. Nos anos 1939-1956 foi capelão dos poloneses em Porto Alegre. A seguir, nos anos 1956-1967, permaneceu na casa central dos padres vicentinos e exerceu a função de pároco dos poloneses na igreja S. Vicente de Paulo. Nessa paróquia deu-se a conhecer como um solícito pastor dos seus compatriotas. Faleceu no dia 28 de setembro de 1967. O seu corpo descansa no cemitério do bairro curitibano de Abranches. Cf. BIERNASKI, Lourenço. *Quem foram...*, op. cit., p. 48-50.

12 WRÓBEL, Jan. Szkic historyczny życia religijnego Polaków w Porto Alegre. *Kalendarz Ludu*, 1953, p. 115-117.

13 O pe. João Pitoń CM, filho de Tiago Pitoń e Bronislava Ustupski, nasceu no dia 3 de fevereiro de 1909 em Kościelisko, perto de Zakopane. No dia 25 de agosto de 1925 ingressou na Congregação de S. Vicente de Paulo. Foi ordenado sacerdote no dia 10 de setembro de 1933 em Cracóvia. No dia 8 de dezembro de 1933 veio ao Brasil. Trabalhou como pároco nas paróquias dos padres vicentinos (Alto Paraguaçu, Guarani das Missões, Ivaí, Irati, Curitiba, Porto Alegre). No dia 16 de setembro de 1959 recebeu a cidadania brasileira. Nos anos 1962-1972, exerceu a função de reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Escreveu diversos trabalhos sobre a imigração polonesa no Brasil. Na sede dos padres vicentinos em Curitiba organizou um excelente arquivo sobre a colônia polonesa no Brasil. Em suas pesquisas foi colaborador da Universidade Jagiellônica de Cracóvia e do Comitê de Pesquisas Sobre os Poloneses no Exterior, da Academia de Ciências da Polônia. Em 1974 voltou à Polônia. Foi condecorado com a cruz de comando da ordem do Renascimento da Polônia. Cf. MALCZEWSKI, Zdzisław. *Słownik biograficzny Polonii brazylij-*

Porto Alegre, ele também prestava assistência às comunidades poloneses no estado do Rio Grande do Sul, quando foi nomeado reitor da Missão Católica Polonesa. Além disso, fundou um coral, uma pré-escola e melhorou a atividade da assistência caritativa.

Como reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, o pe. Pitoń mudou-se para Curitiba. Para o seu lugar, para atender à colônia polonesa em Porto Alegre, foi indicado o pe. Leo Pedro Lisiewicz CM¹⁴, que no dia 22 de novembro de 1962 assumiu as funções na igreja polonesa em Porto Alegre. Durante o seu ministério em prol da colônia polonesa de Porto Alegre ele fundou o conjunto de folclore polonês Jovem Polônia (Jupol), continuou o trabalho pastoral e beneficente entre os necessitados e organizou a catequese para adultos e crianças. Sob a sua direção, no dia 4 de outubro de 1969 iniciou-se a construção da Casa São Vicente de Paulo, na Rua Presidente Franklin Roosevelt, 910. A solene inauguração dessa casa ocorreu no dia 5 de maio de 1977. Participaram da solenidade o bispo Dom Domingos skiej. Warszawa, 2000, p. 68. O pe. João Pitoń faleceu no dia 23 de janeiro de 2006 em Kościelisko.

14 O pe. Leo Pedro Lisiewicz CM nasceu no dia 5 de junho de 1928 em Zbąszyń, perto de Nowy Tomyśl (região de Poznań). Em 1947 ingressou na congregação missionária dos padres vicentinos em Cracóvia, onde estudou filosofia e teologia. Foi ordenado sacerdote no dia 21 de junho de 1953 pelo bispo Dom Francisco Jop. De dezembro de 1953 a junho de 1958 desenvolveu atividade pastoral em Varsóvia, como catequista na paróquia de Santa Cruz e capelão hospitalar. No dia 2 de novembro de 1958 desembarcou no Brasil a fim de realizar a missão da sua congregação religiosa. Inicialmente, por um período de quase 4 anos, trabalhou na paróquia de Órleans, situada num bairro de Curitiba. Organizou com as crianças um grupo de folclore polonês em Dom Pedro e Órleans. No dia 21 de novembro de 1962 foi transferido a Porto Alegre, onde na igreja polonesa de Nossa Senhora do Monte Claro exerceu o ministério sacerdotal na comunidade polônica local. Após longo sofrimento, faleceu no dia 22 de janeiro de 2010, às 2 horas da madrugada, num hospital em Porto Alegre, com 82 anos de idade. De manhã o corpo foi transportado para a igreja polonesa de Nossa Senhora do Monte Claro, onde foi exposto até as 15 horas. A solene missa fúnebre concelebrada foi presidida pelo bispo Dom José Bohn – bispo auxiliar da arquidiocese de Porto Alegre. Com o mencionado hierarca concelebraram: o pe. Dirceu Keller – superior da província dos padres vicentinos, os padres Humberto Sinka, Ilson Hubner e alguns sacerdotes diocesanos. Cf. BIERNASKI, Lourenço. Odszedł Pasterz Polonii. *Echo Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii*. Curitiba, janeiro-fevereiro de 2010, n° 5 – 1/2010, p. 9-10.

Wisniewski, o pe. Ladislau Biernaski e o pe. Tadeu Dziedzic. Um outro empreendimento do pe. Lisiewicz foi a inauguração, em 1973, da atividade do Lar Maximiliano Kolbe, situado na Avenida Pátria, 307, que tem por objetivo o desenvolvimento da educação e da assistência social. Em 2001 o nome original da casa foi mudado para Unidade Assistencial Padre Leo. Nesse núcleo muito atuante são desenvolvidos diversos trabalhos beneficentes e sociais direcionados às pessoas das camadas mais pobres da população. No desenvolvimento desses trabalhos de caridade percebe-se a devotada contribuição das Irmãs Servas de Pleszew. Foram justamente elas que se transformaram na mão direita do pe. Leo e se dedicaram aos pobres. Envolvido no trabalho caritativo, o pe. Lisiewicz não negligenciava as suas obrigações diante da comunidade polônica. Junto à igreja de Nossa Senhora do Monte Claro ele desenvolveu a pastoral polonesa e prosseguiu com as visitas às famílias polonesas e polônicos no período natalino¹⁵. Graças ao seu engajamento, foi reformada a igreja polonesa, foi construído um novo altar de mármore e foram pintados afrescos representando imagens da Polônia. O pe. Lisiewicz prestou assistência pastoral à comunidade polônica de Porto Alegre por um período de 48 anos¹⁶. Como assinala o pe. Lourenço Biernaski CM, o pe. Leo trabalhou em prol da comunidade polônica até o final da sua vida. Nos últimos anos, quando já estava doente, era auxiliado no ministério pastoral por coirmãos da congregação vicentina, pelos padres Clístenes Natal Bósio e Humberto Sinka. Também em período anterior, quando viajava em férias para a Polônia, era substituído pelos padres Vítor Paszek e João Kulaga¹⁷.

Ao ficar sabendo, do pe. Lourenço Biernaski, do propósito da congregação dos padres vicentinos de deixar a capelania polonesa em Porto Alegre, na manhã do dia 27 de abril de 2010 mantive com o pe. Dirceu Keller, provin-

15 LISIEWICZ, Leon Piotr. Histórico da igreja de Nossa Senhora do Monte Claro, capelania dos poloneses – Porto Alegre. *Iprosul – Informativo da Província do Sul*, ano XXVIII, nº 143, julho/setembro 2002, p. 38-41.

16 BIERNASKI, Lourenço. *Odszedł...*, art. cit., p. 10.

17 BIERNASKI, Lourenço. *Porto Alegre ...*, art. cit., p. 3.

cial dos padres vicentinos, um diálogo a respeito dessa capelania. Durante a nossa conversa o pe. Keller confirmou essa informação. Por uma feliz coincidência, no final de abril (27-28 de abril de 2010) realizou-se o VII Capítulo Provincial da Sociedade de Cristo na América Latina. Participando desse importante evento (na qualidade de delegado eleito), como reitor da Missão Católica Polonesa, no segundo dia das deliberações tive a possibilidade de apresentar os mais importante desafios que se apresentam à pastoral polonesa no Brasil. Dirigi um caloroso apelo aos membros do Capítulo, pedindo que a província da Sociedade de Cristo se interessasse pela possibilidade de assumir a capelania polonesa em Porto Alegre deixada pelos padres vicentinos. O superior geral da Sociedade de Cristo, pe. Tomás Sielicki SChr, que participava do Capítulo, expressou o desejo de viajar a Porto Alegre a fim de conhecer *in loco* a realidade da comunidade polônica local. Da minha parte, mostrei-me pronto a acompanhar o superior geral nessa viagem. Além disso, comprometi-me a informar alguns compatriotas em Porto Alegre a respeito dessa visita, para que eles avisassem ao maior número possível de poloneses que o superior geral iria a Porto Alegre. No dia 29 de abril de 2010 dirigi-me novamente à casa provincial dos padres vicentinos, onde me encontrei com o provincial, pe. Dirceu Keller. O principal objetivo desse encontro era a questão da capelania polonesa em Porto Alegre. Participaram do encontro o pe. Lourenço Biernaski CM e o pe. Benedito Grzymkowski SChr, chanceler da Missão Católica Polonesa. O superior da província dos padres vicentinos informou-nos oficialmente da decisão já tomada de afastar a congregação da pastoral polônica em Porto Alegre. Pedi que o pe. Keller informasse o capelão dos poloneses, pe. Humberto Sinka CM, a respeito da planejada visita do superior geral pe. Tomás Sielicki SChr a Porto Alegre e do seu desejo de encontrar-se com a comunidade polônica local no domingo, 1 de maio. Nos dias 1-2 de maio de 2010 tive a possibilidade de acompanhar o superior geral da Sociedade de Cristo em sua viagem a Porto Alegre.

No primeiro dia da nossa estada na capital do Rio Grande do Sul

Artigos

conhecemos a história da comunidade polônica local e visitamos a sede da Sociedade Polônia. Na biblioteca (de cerca de 5 mil volumes) dessa tradicional associação polônica tive a possibilidade de conhecer a filha da grande líder Senhora Figurski. No domingo celebramos uma missa concelebrada. O superior geral presidiu a Eucaristia e pronunciou a homilia. Concelebraram o pe. Humberto Sinka CM, capelão da comunidade local, e o abaixo assinado. Após a missa, na igreja, juntamente com os compatriotas, tivemos a ocasião para conversar e trocar ideias a respeito do futuro da capelania polonesa em Porto Alegre. Na igreja polonesa conheci dessa vez o filho de um outro grande líder e orgulho da comunidade polônica – e não apenas de Porto Alegre – do engenheiro Edmundo Gardolinski. Dessa reunião com os representantes com a comunidade polônica extrai a profunda convicção de quanto eles fazem questão de ter assegurada a assistência pastoral por um sacerdote polonês. Os representantes da geração polônica mais jovem, já nascidos no Brasil, demonstraram em seus pronunciamentos um profundo interesse pela vida religiosa. Podia-se ter a impressão de que eles buscam e desejam algo mais do que a simples satisfação da piedade polonesa através do cultivo das tradições religiosas trazidas das suas famílias. Para esses jovens polônicos, a capelania polonesa deve ser não apenas a guardiã da religiosidade polonesa, mas sobretudo deve-lhes ajudar no aprofundamento da consciência cristã deles e na vivência da fé de uma forma bem mais profunda e mais pessoal.

Após o encontro na igreja polonesa o capelão dos poloneses, pe. Humberto, juntamente com alguns líderes, convidou-nos para um almoço num restaurante dirigido por um brasileiro de origem polonesa, oriundo da região sul do Paraná. Durante a refeição tivemos uma outra ocasião para conversar sobre as perspectivas que surgem diante da comunidade polônica porto-alegrense no futuro próximo. Durante os dois dias da nossa estada em Porto Alegre, foi-nos muito útil o prestativo e solícito Sr. Sidnei Ordakowski, um líder da Braspol¹⁸.

18 *Echo Polskiej Misji Katolickiej w Brazylji*, maio-junho 2010, nº 7-3/2010, p. 8.

Artigos

A meritória congregação dos padres vicentinos, com tantos serviços prestados à Igreja e à comunidade polônica no Brasil, deixa de atender à capelania polonesa em Porto Alegre. Após 73 anos de dedicado e proveitoso trabalho em prol da colônia polonesa, os padres vicentinos afastaram-se de Porto Alegre. Certamente querem concentrar-se mais na realização do carisma que lhes foi assinalado pelo fundador, S. Vicente de Paulo. Diante disso, pronunciar palavras de agradecimento diante dessa congregação religiosa por tanto desvelo e dedicação pela comunidade polônica na capital do Rio Grande do Sul certamente não será suficiente! Acredito profundamente que dirigir por isso aos meritórios e devotados padres vicentinos o tradicional “Deus lhes pague” polonês será o mais adequado e comprometedor para quem o pronuncia!

No período que me separa entre a estada em Porto Alegre até o momento em que escrevo este texto intensifica-se em mim a profunda convicção de que a assistência na capelania polonesa em Porto Alegre deve tornar-se uma prioridade na pastoral polônica no Brasil. Assegurar àquela comunidade polônica a presença de um sacerdote polonês é muito mais importante do que dirigir uma paróquia territorial tradicional em que se possa encontrar até um numeroso e dinâmico grupo de fiéis de raízes étnicas polonesas, mas que já se encontra na quarta ou na quinta geração sucessiva... Uma paróquia desse gênero já pode ser tranquilamente atendida por um sacerdote local, não necessariamente proveniente da Polônia ou de origem polonesa.

Em 1984 o Primaz da Polônia, cardeal José Glemp, visitava os núcleos polônicos no Brasil e na Argentina. Após a sua volta à Polônia, publicou um livro em que descreveu as suas impressões. Seja-me permitido, na parte final deste texto, citar as palavras do então Protetor da Comunidade Polônica: “Nos lugares em que a pastoral polonesa é fraca, enfraquece também a brasileira. Em qualquer ocasião surgem remorsos de consciência, e por isso também justificativas. O padre fala: ‘Nas celebrações polonesas o

número de pessoas é cada vez menor'. As pessoas dizem: 'Os padres não nos animam, não nos atraem'. Para ter uma imagem mais plena a respeito da vida religiosa polonesa no Brasil e na Argentina, é preciso mencionar os 'insensatos' da causa polonesa. Nas aglomerações polônicas maiores, como Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo ou Porto Alegre, as comunidades polonesas congregadas em torno das igrejas são muito vivas. Bata olhar para o trabalho do salesiano pe. Estanislau Lobaza em São Paulo, do vicentino pe. Leo Lisiewicz em Porto Alegre, do brasileiro pe. Estêvão Kfiecinski em Getúlio Vargas, e muitos outros, para compreender até que grau de sacrifício e dedicação pode conduzir um sacerdote o ardente amor à Pátria!"¹⁹

O tempo passa. Surge a indagação a respeito de quanto tempo a comunidade dos fiéis poloneses e seus descendentes em Porto Alegre pode esperar que lhe seja assegurada a permanente assistência espiritual da parte de um sacerdote polonês?

RESUMO - STRESZCZENIE

Autor powyższego tekstu ukazuje nam bodaty obraz społeczności polonijnej w Porto Alegre. Zapoznaje nas z jej historią, która rozpoczęła się już w 1850 roku, razem z przybyciem pierwszych Włochów do tego miasta. W następnych dziesięcioleciach XIX wieku przybywali do stanu Rio Grande do Sul nowi polscy emigranci, zwiększając ich liczbę i znaczenie. Wzrasta też potrzeba zapewnienia opieki duszpasterskiej tej grupie etnicznej. Dzieła podjął się ks. Jan Peres. On to w różnych kościołach sprawował liturgię w języku polskim. W końcu kolonia polska zaczęła się gromadzić w parafii św. Gerarda i na jej terenie w 1932 roku wybudowano kościół pod wezwaniem Matki Boskiej Jasnogórskiej. Odtąd kościół stał się centrum życia religijnego i społecznego całej kolonii polskiej w Porto Alegre. Przez długie lata księża misjonarze św. Wincentego a Paulo służyli Polonii. Z początkiem 2010 r. Zdecydowali zakończyć swoją misję w kapelanii polskiej w Porto Alegre. Aktualnie wspólnota polonijna pozostaje bez stałego duszpasterza polskiego.

19 GLEMP, Józef. *Kościół i Polonia*. Poznań-Warszawa: Pallotinum, 1986, p. 24-25.

KATYŃ

*Rodrigo LYCHOWSKI **

Abril de 2010
a queda
surpreendente do avião
parte da *intelligentzia*
polonesa
é eliminada,
exatamente como
há setenta anos
na mesma floresta,
no mesmo solo
russo
A morte inesperada
e a morte cruel
entrelaçadas.
Será que se trata
de uma mera
coincidência,
de um lugar maldito?
Ou as novas vítimas
de Katyn,

de alguma forma,
ajudarão a reconciliar
esses dois povos
eslavos,
que há séculos
não obtêm a paz?

* Jurista. Leciona na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

HÓŁD

*Tomasz LYCHOWSKI**

“Jesteśmy z Wami!”

Tak było za dawnych czasów
Tak jest teraz

To nic
Że przedtem dzieliły nas mury więzienne
A teraz Oceany

To nic
Że przedtem otaczała nas nienawiść wroga
A teraz tragiczna niemoc

To nic! To nic!

Gdy przekraczamy próg siebie samego
Gdy idziemy w głąb
Wszystko staje się bliskie
Ludzkie, wieczne

A to “Jesteśmy z Wami!”
Prawdziwie serdeczne

Rio de Janeiro, 11 kwietnia 2010

* Instituto Brasileiro da Cultura Polonesa no Rio de Janeiro.

HOMENAGEM AO POETA POLONÊS JÓZEF BARAN

*Francisco José dos SANTOS BRAGA **

Józef Baran, de origem humilde, nasceu em Borzęcin, pequeno vilarejo com cerca de oito mil habitantes no interior da Polônia, em 17 de janeiro de 1947. (Eis a razão por que neste 17 de janeiro escolhi homenagear o grande poeta polonês.) A sua região natal é conhecida por ser berço de grande parte dos escritores poloneses de renome da segunda metade do século XX, tais como o dramaturgo Sławomir Mrożek e o prosador e poeta Tadeusz Nowak.

O epigrafado trabalhou como mineiro até conseguir entrar na Universidade de Cracóvia (UJ-Uniwersytet Jagielloński). Formou-se em Filologia Polonesa. É professor e redator de vários jornais e revistas, autor de muitas reportagens, entrevistas e artigos, entre outros, nos semanários *Wieści* e *Sycyna*, mais tarde nos jornais *Gazeta Krakowska* e *Dziennik Polski*, nos anos 90, nos quais foi o responsável por questões e temas culturais.

Józef Baran debutou em 1969 com poemas esparsos. Em 1974, teve seu primeiro volume de poesias ("Nossas mais sinceras conversas") publicado pela Editora Literária. É autor de 25 volumes, que incluem poemas reunidos e selecionados, bem como ensaios, tendo recebido diversos prêmios, incluindo Andrzej Bursa (1975) e Stanisław Pięta (1977), *Kraków Voivoda* (1992), *Orkan* (2003). É importante destacar ainda que sua obra venceu prêmios em diversos países. São exemplos: a Menção de Honra do PEN Club, de Los Angeles, e o Prêmio da Kościelski Family Foundation, de Genebra.

* Bacharel em Letras (Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciência e Letras) e Composição Musical (UnB), bem como mestre em Administração (EAESF-FGV). Além de escrever artigos para revistas e jornais, é autor de dois livros e tradutor de vários livros na área de Administração Financeira.

Poemas

Seus poemas disseminam-se em inúmeras antologias, tanto polonesas quanto em outras línguas, e são postos em música por inúmeros grupos musicais poloneses, tais como *Stare Dobre Małżeństwo* (Velho Bom Casamento) e *Grupa pod Budą*, ou por vários intérpretes, tais como Elżbieta Adamiak, Mirosław Czyżykiewicz, Krzysztof Myszkowski, Beata Rybotycka, Ola Maurer e Hanna Banaszak, entre outros.

O Departamento de Teoria e Literaturas da UnB (TEL/UnB) convidou a comunidade acadêmica para um encontro com o poeta polonês Józef Baran, que aconteceu em 2 de setembro de 2009. A Professora de Língua Polonesa, Małgorzata Siewierska, do Departamento de Letras da UnB, convidou-me para assistir ao referido encontro e pediu-me para levar comigo algumas traduções de poemas de Józef Baran (vide abaixo). No encontro realizado em uma sala do Instituto Central de Ciências (ICC), o escritor falou sobre sua obra, sua trajetória e seu processo criativo, além de responder às perguntas dos participantes. Participou como tradutor e comentarista da obra do poeta polonês o Prof. Dr. Henryk Siewierski, ele próprio autor de uma "História da Literatura Polonesa", publicado pela Editora da UnB em 2000.

"Se for possível comparar Józef com algum dos poetas brasileiros, poderia dizer que seria o equivalente a Vinicius de Moraes", disse o Prof. Henryk. "Além de ambos serem renomados em seus países, a comparação entre os poetas se justifica por dois motivos: primeiro quanto ao carisma dos dois e segundo porque, assim como Vinicius, as poesias de Baran são adaptadas por grandes músicos de seu país em parcerias de muito sucesso."

Sobre seu processo criativo, Baran acredita muito na empatia e na simplicidade. "A grande maioria dos poetas contemporâneos escreve para outros poetas, para professores ou críticos. Além dos especializados, eles não têm um público relevante", afirma.

Não acreditando em discursos herméticos, o poeta polonês busca

alcançar o maior número possível de leitores. Através de sua poesia, ele é conhecido por abordar questões complexas da vida com muita simplicidade.

A influência dos anos passados no interior — foi mineiro, antes de se dedicar à literatura — e a vida rural são marcas da obra de Baran. Porém sua poesia não pode ser confundida com uma expressão de arte ingênua. Sua obra é caracterizada por tratar de temas do cotidiano humano com simplicidade, mas ao mesmo tempo com extrema sofisticação. Solidão e solidariedade, o contraste entre impressões do mundo contemporâneo e as recordações da vida no campo compõem o imaginário do poeta polonês.

Os motivos que levaram o escritor a visitar o Brasil foram o convite dos amigos e a Jornada Literária de Passo Fundo. Após a passagem por Brasília, ele fez uma visita ao sul do País, onde entrou em contato com as colônias polonesas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Além da UnB, o DELAC-Departamento de Estudos de Linguagem, Arte e Comunicação da UNIJUÍ, com apoio da Reitoria e da etnia polonesa, promoveu à noite do dia 4 de setembro de 2009 uma palestra do renomado poeta polonês. O encontro teve como tema “Poesia e Empatia” e foi desenvolvido pelo poeta polonês a partir das 20h, no Salão de Atos da UNIJUÍ. A palestra contou com a tradução simultânea da acadêmica polonesa do Curso de Letras, Agata Jankowska, da Universidade Maria Curie-Skłodowska de Lublin, Polônia, e que se encontrava na UNIJUÍ realizando intercâmbio.

O escritor foi também convidado da 13a. Jornada de Literatura de Passo Fundo, para participar do painel “A leitura literária e as novas hipertextualidades”, no dia 27 de agosto de 2009, durante o 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural.

Abaixo transcrevo minha tradução para quatro poemas selecionados da obra de Józef Baran e inéditos em língua portuguesa, para conhecimento do seu grande público lusofônico:

Ao clarão do fósforo

no instante
que fricciono o fósforo
contra as trevas do quarto
ao mesmo tempo talvez
em algumas casas, cabeças e conversas,
eu me incendeie com uma labareda torta
talvez me tenha compreendido
justo meu implacável inimigo,
e seja amigo quem me achou culpado

talvez neste piscar de olhos
pela janela aberta
como pétala de macieira
eu tenha caído no quarto do primeiro amor

ou saído para longe do olhar materno
e desde o começo
rolo pela estrada afora
ou talvez
ninguém em todo o mundo
não tenha pensado em mim neste segundo:
eis porque me senti tão só
como se de repente tivesse tropeçado nas trevas vazias

W błysku zapalki

*Może w tej chwili
Gdy pocieram zapalką
O ciemność pokoju
Równocześnie
W paru domach głowach czy rozmowach
Krzywym płomykiem się zapalam*

*Może zrozumiał mnie właśnie
Mój nieprzejednany wróg
A przyjaciel znalazł we mnie winę*

*Może w tym okamgnieniu
Przez otwarte okno
Z płatkami jabłoni
Wpadłem do pierwszej dziewczyny*

*Lub z oczu matki wypadłem
I od początku
Gościńcem się toczę*

*A może
Nikt na całej planecie
O mnie w tej sekundzie nie pomyślał
I dlatego poczułem się taki samotny
Jakby nagle potknął się o pustą ciemność*

A terra

está desamparada
como Joãozinho e Maria
no imenso bosque escuro

há muito tempo atrás
saiu de casa
e perdeu o caminho

faz tempo
que perdeu todos os documentos

tanto a certidão de nascimento
quanto a carteira de identidade
agora nem mesmo sabe
como se chama

indecisa

segue girando
ao redor de seu eixo
e não sabe
para que lado
dirigir-se

Ziemia

*jest bezradna
jak Jaś i Małgosia
w ogromnym ciemnym lesie*

*bardzo dawno temu
wyszła z domu
i zablądziła*

*bardzo dawno temu
wszystkie dokumenty pogubiła:*

*i metrykę urodzenia
i dowód osobisty
teraz nie wie nawet
jak się nazywa*

*kręci się
i kręci niezdecydowanie
dookoła swej osi
i nie wie
w którą stronę
się udać*

Conto sobre gatos

não são as paredes
são os gatos que têm ouvidos

quadrúpedes agentes
a serviço de Deus
exilados à terra
p'ra espionar Adão
ao roçar suave
dos seus meigos dorsos
entram furtivamente na graça
de nossas choupanas

nada dizem
bisbilhotam:
os cochichos mais ocultos
não passam despercebidos à felina atenção
por toda parte há gatos: sobre nossos joelhos
atrás da nossa orelha embaixo de nossas pernas
quando os expulsamos bisbilhotam
atrás da porta do saguão

à noite os gatos se metem sob nossas camas
acendem as lanternas vermelhas dos seus olhos
e no seu brilho
anotando tudo diligentemente vão
(as notas escondem de manhã no esconderijo)

e depois no juízo final ficamos surpresos
de que o Senhor Deus saiba tudo sobre nós

Bajka o kotach

*to nie ściany
to koty mają uszy*

*czworonożni agenci
Pana Boga
zestani na ziemię
aby szpiegować Adama*

*przymilnym ocieraniem
grzbietów
wkradają się w łaski
naszych chałup*

*nic nie mówią
podstuchują
najszybsze szepty
nie ujdą kociej uwadze
wszędzie ich pełno na kolanach*

za uchem pod nogami

*gdy je wyrzucamy podstuchują
za drzwiami sieni
w nocy koty włożą pod łóżka
zapalają czerwone latarnie oczu
i w ich blasku
wszystko skrzętnie spisują
(notesiki chowają rano do mysiej dziury)*

*a potem na sądzie ostatecznym dziwimy się
skąd Pan Bóg o nas wszystko wie*

Elogio do esquecimento

louvada sê
fresta na memória
irmãzinha providencial
que nos ias aliviando a caminho
tanto se estava derramando
assim pouco restou
se não fosses tu
teríamos desmoronado há muito tempo
sob o peso

fazes com que cada carga
de novo se faça leve

o que escaldava até empolar
não aquece nem esfria
abrimos os braços
e vamos em frente
— morreu o dia
viva o dia —
gritamos

através de ti flui
um rio que rasga
como um cão nos lambe as feridas
arrebata rostos e conversas
traz em troca
outros novos

Pochwała zapomnienia

*bądź pochwalona
dziuro w pamięci
siostrzyczko opatrnościowa
która ulżyłaś nam w drodze
tyle się wysypało
tak mało zostało
gdyby nie ty
upadlibyśmy dawno
pod ciężarem*

*ty sprawiasz że co ciężkie
staje się znów lekkie
co parzyło do bąbli
nie grzeje ni ziębi
otwieramy ramiona
i idziemy dalej*

*- umarł dzień
niech żyje dzień -
wołamy*

*przez ciebie płynie
rwąca rzeka
jak pies nam liże rany
zabiera twarze i rozmowy
przynosi w zamian nowe*

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor opisuje drogę życiową poety Józefa Barana od wstąpienia do małego miasteczka Borzęcinie, do nagród, odznaczeń i sławy, jakie zyskał poprzez swoją poezję w różnych krajach świata. Zaproszony do Brazylii przez Uniwersytet w Brasílii (UnB), poeta ukazał bogactwo swojej poezji na licznych spotkaniach w stolicy, jak też biorąc udział w wydarzeniach literackich w Passo Fundo i w Ijuí w RS. Profesor Henryk Siewierski porównuje Józefa Barana, do wielkiego brazylijskiego poety Vinicius de Moraes.

Resenhas

POLANCZYK, Antônio José. *O imigrante polonês e a colônia Guarany*. Porto Alegre: Renascença – Edigal, 2010.

Cláudia Regina Kawka MARTINS *

O autor, que é neto e bisneto de imigrantes poloneses que se instalaram na Colônia Guarany, na década de 1890, no Rio Grande do Sul, apresenta nesta obra sua pesquisa sobre a colônia que deu origem à atual cidade de Guarani das Missões, considerada como a “Capital polonesa dos gaúchos.” Essa cidade foi inicialmente o núcleo Comandahy da Colônia Guarany, “um projeto do Governo Imperial Brasileiro de colonização da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, nas terras situadas entre as margens dos rios Ijuí, Santa Rosa, Uruguai e os campos de Santo Ângelo” (p. 15).

Inicialmente, o autor trata da questão da imigração polonesa no Brasil e, mais particularmente, no Rio Grande do Sul, destacando os vários períodos da vinda desses imigrantes, desde o século XIX até a fase pós-Segunda Guerra Mundial. Em seguida, analisa o povoamento do nordeste gaúcho, região onde os primeiros poloneses que chegaram se instalaram, por volta de 1890. Porém ali já havia colônias alemãs e italianas em franco desenvolvimento e, então, aos poucos os poloneses foram se retirando para outras regiões, ainda cobertas por florestas, como a do vale do rio Jaguari e as florestas às margens do rio Uruguai, na região noroeste do Rio Grande do Sul. Foi ali que, em 1891, foi criada a colônia Guarany.

A partir daí, passa a analisar a história dessa colônia, apresentando ao leitor mapas da época da sua formação, os primeiros registros históricos, os relatórios do governo e como outras colônias foram surgindo na região, não apenas de imigrantes poloneses, mas também de italianos e alemães.

* Professora de História do Colégio Militar de Curitiba. Doutora em História e Historiografia da Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Resenhas

O livro traz muitos dados históricos, documentos de época, informações sobre imigrantes de outras etnias que vieram para a colônia Guarany – tais como os suecos, os russos, os italianos, os holandeses, os finlandeses e os austríacos – e também trata das dificuldades que essas pessoas enfrentaram nos primeiros tempos.

O autor fala também da administração da colônia; da economia – em que a agricultura era a principal atividade; dos transportes – estradas, rodovias e chegada da ferrovia e do mercado para onde era escoada a produção.

Em outro momento, aborda o porquê da interrupção do projeto da colônia Guarany, o que fez com que ela demorasse 67 anos para se transformar em município, enquanto outras colônias da região – tais como Jaguari, Ijuí, Erechim e Santa Rosa – demoraram no máximo 30 anos para atingir essa mesma posição. Segundo ele, uma resposta a essa questão não é simples e possivelmente derive de vários fatores: as dificuldades de escoamento da produção, a atuação dos administradores locais, o preconceito das autoridades, a segregação dos poloneses, a criação de novas colônias, dentre outros.

O livro também aborda a questão do imigrante polonês entre os anos de 1890 e 1914 na colônia Guarany. A maioria daqueles que para ali se dirigiu eram camponeses, não alfabetizados e vinham das regiões ocupadas pela Áustria e pela Rússia. O autor faz um apanhado histórico da situação desses imigrantes ainda na Polônia, suas raízes, origens e formação para, em seguida, tratar das razões que levaram essas pessoas a emigrar para o Brasil e das dificuldades encontradas nos primeiros tempos. Para ilustrar essas questões, conta a trajetória do seu bisavô, que saiu de uma região da Polônia ocupada pela Rússia e veio para o Brasil, onde fincou raízes na colônia Guarany.

No final do livro, o autor trata da inserção dos imigrantes poloneses da colônia Guarany na sociedade brasileira e da trajetória da colônia até sua transformação no município de Guarani das Missões, em 1959.

Enfim, ao reconstruir a história da colônia Guarany, no Rio Grande

do Sul, e a participação dos imigrantes poloneses nesse processo, Antônio J. Polanczyk nos traz mais uma grande contribuição à história da imigração polonesa no Brasil, a qual se torna cada vez mais rica à medida que conhecemos as particularidades dessa imigração nas várias regiões do país onde ela ocorreu.

RESUMO - STRESZCZENIE

Autor omawianej książki jest wnukiem i prawnukiem polskich emigrantów, którzy osiedlili się w Guarani - Rio Grande do Sul. Przedstawia najpierw krótką historię emigracji polskiej do Brazylii, przechodząc następnie do głównego tematu książki jaką jest historia Guarany. Pierwsi polscy emigranci przybyli tu w 1890 r. Od tego czasu rozpoczął się proces osiedlania, tworzenia nowej społeczności, integrującej się, przy zachowaniu polskiej tradycji i kultury, które jeszcze dzisiaj są obecne. Autor przedstawia również aktualny obraz ekonomiczny powiatu i wkład polskich emigrantów do postępu całego regionu.

KLIDZIO, Natalia. *Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

Isabel Cristina CORGOSINHO*

ITINERÁRIO DE SAMUEL RAWET: CIDADES E HORIZONTES

O interesse pela obra de Samuel Rawet, escritor brasileiro vindo da Polônia, cresceu significativamente nos últimos anos. O livro *Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet*, de Natalia Klidzio, vem como uma importante contribuição na área de estudo de vida e de obra desse autor dos *Contos do imigrante*. Autora é gaúcha de origem polonesa, nascida em Guarani das Missões/RS. Atualmente leciona as disciplinas Literatura Brasileira e Língua Portuguesa na Universidade Maria Curie-Sklodowska, de Lublin, Polônia. O livro resulta da sua tese de doutorado defendida na Universidade de Varsóvia.

Na primeira parte, a autora nos apresenta a *Incursão pela vida de Samuel Rawet na Polônia*. O leitor vai se deparar com uma abordagem histórica da inserção dos judeus na cultura polonesa, com fatos narrados sob uma perspectiva sociológica da condição dos judeus emigrantes e sua contribuição para a construção das cidades: o modo de organização e a visão de mundo desse povo marcado pela constante desterritorialização e sua inesgotável perseverança em conquistar outros lugares para se viver. A partir dessa contextualização, a autora nos convida a conhecer Klimontów, berço telúrico de Samuel Rawet. O local de nascimento do autor nos é apresentado desde os tempos do ducado até a chegada do escritor ao mundo em 23 de julho de 1929. O desenvolvimento da história da cidade natal de Samuel Rawet exemplifica de maneira detalhada todos os percalços enfrentados pelos judeus na concepção, construção e desenvolvimento de uma cidade polonesa,

* Doutoranda da Universidade de Brasília (UnB).

mas que poderia ser outra em qualquer lugar do mundo onde estivessem. Por outro lado, entramos em contato com a dura realidade da perseguição e dizimação em massa desse povo pela barbárie comandada pelos nazistas, que almejavam “limpar” o mundo da presença judaica e de todos aqueles que fossem contra o perfil psicopata da Alemanha de Hitler.

A perseguição e a miséria, sempre calcada no desemprego, acionam o processo migratório dos judeus de Klimontów e na leva da década de 1930 o pai de Rawet decide-se pelo Brasil. Samuel tinha naquela época uns quatro anos de idade. A família só depois de alguns anos pôde se juntar ao pai, devido às dificuldades financeiras que impediam o deslocamento de todos os membros de uma só vez para o país recebedor.

A contextualização da chegada da família de Rawet no Rio de Janeiro em 1936 serve de base para uma vasta abordagem sobre o processo migratório no Brasil. As implicações econômicas e sociais são apresentadas por Klidzio, numa pertinente abordagem sobre esse período histórico. O subúrbio do Rio de Janeiro recebe a família de Rawet, ali o menino se tornará o estudante bem-sucedido dos colégios públicos do Rio de Janeiro, até alcançar o diploma de engenheiro de cálculos em concreto armado, da Escola Nacional de Engenharia, em 1953, hoje Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como bem interpreta a autora, é um período de significativas mudanças políticas, época em que Juscelino Kubitschek tornava-se presidente do Brasil e o início do processo de transferência da capital do Rio de Janeiro para o centro do país. Samuel Rawet está saindo de uma escola marcada pela tradição de formar os melhores engenheiros da época, razão pela qual foi fazer parte, depois de apenas um ano diplomado, da equipe que reuniria na Novacap nomes como Joaquim Cardozo, Victor Fadul, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Natália Klidzio revela aos leitores informações, algumas inéditas, sobre as origens desse projeto de interiorização do país, sendo coerente ao diálogo diacrônico e sincrônico numa demonstração firme de sua opção

pela historização dos acontecimentos que serviram de contexto para entender e interpretar a vida e obra de Rawet. O leitor toma conhecimento de onde surgiram as primeiras ideias de se transferir a capital para o interior do Brasil, desmitificando a figura de Juscelino Kubitschek como autor absoluto dessa façanha. Igualmente acontece com a revalorização de todos os nomes que compuseram a equipe responsável pelos projetos de construção e urbanização de Brasília, ampliando o olhar para o trabalho de equipe e desviando o foco absolutizante das ilustres figuras de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

O engenheiro Samuel Rawet nos é apresentado pela autora como sujeito que sofre influência dos acontecimentos históricos, mas que, ao mesmo tempo, transforma essa história pela relevância de suas ações como profissional e como artista.

O engenheiro foi responsável pelos cálculos dos prédios mais importantes da capital ao mesmo tempo em que se dedicou à construção do Monumento ao Soldado da Segunda Guerra Mundial, ao lado de arquitetos como Marcos Konder Neto e Hélio Ribas Marinho. Em 1963, Rawet fixa residência em Brasília. Porém, em 1964 parte para Israel a fim de iniciar o projeto de construção da Universidade de Haifa, em companhia de Oscar Niemeyer, que se retira do Brasil temendo retaliações da ditadura militar.

Para ilustrar a relação desse homem com sua profissão, Klidzio destaca a seguinte citação de Rawet: “Tenho grandes frustrações e decepções, e grandes euforias. Amo e odeio apaixonadamente. Uma vida intensa, difícil, saborosa. Acho a vida uma grande aventura. Espero que os idiotas me compreendam.” (KLIDZIO, 2010, p. 80). Concordamos com Samuel: sim, a vida é uma grande aventura, principalmente quando as ações movidas pela sensibilidade do homem movimentam diferenciadamente a roda calejada da história.

Junto ao engenheiro moderno coabita o escritor: desde os tempos de colégio, Samuel demonstrou interesse focado pela arte. Estreou como dramaturgo amador com a peça *A volta*, sendo que a sua primeira peça profes-

sional foi *Os amantes*, inspirada em um conto de Dinah Silveira de Queiroz. No Rio de Janeiro, continuou a escrever outras peças ao lado de diretores importantes, além de produzir ensaios, resenhas de crítica teatral, artigos. Partilhou amizade com destaques do teatro brasileiro. Essa é mais uma revelação da obra de Klidzio, a qual focaliza a importância da carreira de Rawet como contribuição ao movimento cultural carioca, pouco explorada e conhecida pelo público.

Na revista *Cigarra*, editada por Herberto Salles, em 1949, Rawet estreou com a publicação de contos, também editados nos jornais *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*. No entanto, foi a editora José Olímpio que publicou seu primeiro livro, *Contos do imigrante*, no Rio de Janeiro. Depois de uma pausa de sete anos, o autor publica seu novo livro de contos, *Diálogo*.

A segunda parte do livro de Natália Klidzio intitula-se *Migrações possíveis – a obra de Samuel Rawet vista como um itinerário urbano –*, cujo desdobramento vai resultar nos seguintes subtítulos: 1) Conjunto da produção literária; 2) Cidade em Rawet à luz de Michel de Certeau; 3) O escritor na obra: a internalização do *habitus* e 4) A condição urbana como interiorização do escritor na obra.

Rawet segue conciliando seu trabalho de engenheiro com as intensas atividades culturais, inclusive como membro da Associação Nacional dos Escritores, em 1963. Participa da antologia *Contistas de Brasília*, e foi nessa capital que o escritor produziu a maior parte de sua contribuição literária, como enumera Klidzio: *Contos do imigrante*, 1956; *Diálogo*, 1963; *Os sete sonhos*, 1967; *O terreno de uma polegada quadrada*, 1969; e *Que os mortos enterrem seus mortos*, 1981.

Na produção de ensaios, a pesquisadora registra: *Teatro no modernismo*, (Oswald de Andrade), 1954; *Consciência e valor*, 1970; *Homossexualismo: sexualidade e valor*, 1970; *Devaneios de um solitário aprendiz da ironia*, 1970; *Alienação e realidade*, 1970; *Eu-Tu-Ele*, em 1971, reeditado como *Eu-tu-ele: análise eidética*, 1972; *Angústia e conhecimento: ética e valor*, 1978. Acrescente-se à

essa significativa produção duas novelas: *Abama*, 1964 e *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque futuro, e de um futuro que já passou porque sonhado*, de 1970. O fato de já não estar mais no Rio de Janeiro –, ou seja, distante do eixo cultural Rio-São Paulo – não obscureceu o escritor frente aos círculos intelectuais. Segundo Natalia Klidzio, as produções de Samuel Rawet integram, isoladamente, mais de vinte antologias publicadas no Brasil e no exterior. É digno de atenção o fato de que os tristes anos 70, auge da ditadura brasileira, não paralisaram a mente e o coração do escritor polonês, que conseguiu criar, apesar do breu, do caos repressivo que se abateu sobre trabalhadores, estudantes e intelectuais.

Do conjunto da obra de Rawet, Klidzio destaca, mais uma vez nesse capítulo, a importância do teatro na vida do artista polonês e seu estreito relacionamento com os fundadores do teatro moderno brasileiro, como a imigrante francesa Henriette Morineau, que chegou ao Brasil em 1940, e o seu conterrâneo Zbigniew Ziembinski.

Mas, apesar do grande investimento afetivo e profissional, dos bons parceiros de trabalho, Rawet sente-se frustrado com o desempenho teatral e interdita suas peças escritas, chegando até mesmo a destruir muitas delas.

Como romancista, a primeira escrita foi *Abama*, lançada em 1964. *Abama*, de acordo com a interpretação de Klidzio, é o nome do demônio que se revela, que se multiplica em vários duplos. Metáfora na qual Rawet investe para projetar as diferentes etapas das vivências traumáticas dos judeus no decorrer da história, novela composta por um único parágrafo.

A segunda novela do escritor é *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque futuro, e de um futuro que já passou porque sonhado*, de 1970. Nesse trabalho há uma resposta mais humana ao mito do judeu errante, à medida que o personagem de Rawet procura negar sua culpa mítica e apresenta-se como rebelde que afirma sua independência em relação aos desígnios de Deus.

Contos do imigrante, Diálogo, Os sete sonhos, O terreno de uma polegada

quadrada e *Que os mortos enterrem seus mortos* revelam um autor interessado na representação do imigrante no país receptor aos cortes e descontinuidades provocados pela perda de bens simbólicos valiosos como a língua e as relações rompidas entre entes queridos. Mostrando a representação do Outro nas variadas faces da exclusão e da marginalização nas cidades, seus personagens vão se desnudando nas experiências traumáticas e desagregadoras do urbano hostil.

No capítulo *Cidade em Rawet à luz de Michel Certeau*, a autora localiza a emergência de um artista histórico e socialmente consciente, de posse de uma literatura híbrida, abrangente e provocadora. Oriundo de família pobre, mas dono de uma formação profissional de elite, o escritor soube conciliar as atividades do artista, do profissional e do homem, sem fragmentar sua vida em calendários e tempos determinados. Tudo isso fez com que se tornasse um homem antenado com o seu tempo, repleto de problematização, experimentação e reflexão crítica da realidade, remata Klidzio.

Klidzio propõe uma recepção da obra de Rawet com olhar livre, crítico, desafiador e não convencional. Em outras palavras, espera-se um leitor disposto a desbravar novos caminhos de interpretação, propostos pela época pós-modernista, que tem início na década de 1950. A produção rawetiana, no entanto, não se deixou interpretar ou delimitar numa nova ou única perspectiva teórico-literária, sua abertura incita o leitor a buscar luzes próprias às novas interpretações.

Na parte em que trata do conto como prática do espaço urbano, a autora propõe a aproximação de Samuel Rawet com o pensamento proposto por Michel de Certeau (1925-1985), à medida que o escritor polonês vai ao encontro da descoberta do homem, precisamente daquele ser humano que constrói o cotidiano das cidades. Caminho que desemboca nas reflexões sobre a invenção do cotidiano de Certeau, porque ambos escolhem o caminhar pela cidade como um modo peculiar de conhecê-la, vivenciá-la e registrá-la.

Para melhor exemplificar essa aproximação entre os dois escritores,

Klidzio apresenta seis dimensões que possibilitam explorar o conto rawetiano sob a perspectiva da “prática do espaço urbano”: 1) o texto que se urbe ao caminhar; 2) o texto que se urbe ao relatar uma caminhada; 3) a homologia entre percurso/discurso, entre andar/pensar, caminhar/criar; 4) o conto como experiência de “lugar” (um texto que se lê); 5) as marcas do maiúsculo: a incorporação dos topônimos e a emergência do personagem anônimo; 6) a retórica dos passos na prática literária do espaço urbano nos contos de Rawet: ditos e modos.

Klidzio realiza com muita pertinência a conjunção entre as dimensões de Certeau e os contos do autor polonês. Mais que isso: atinge o ponto alto de seu trabalho ao aliar o programa estético de Rawet como prática de uma poética do espaço urbano à concepção filosófica sobre a prática do espaço e a constituição de sentidos. Diríamos que nesse ponto da abordagem o leitor vai encontrar ressonância diferenciada às leituras interpretativas que tenha feito dos contos de Rawet. Além disso, a autora apresenta tabelas que mostram a catalogação da incidência dos espaços urbanos nos contos, de modo a torná-las referenciais didáticos para o leitor estudioso.

Em *O escritor na obra: a internalização do habitus*, Klidzio reafirma o cerne de seu trabalho: na trajetória percorrida desde a pequena Klimontów até o Rio de Janeiro, seguindo depois para Brasília, o escritor vai colher elementos que constituirão o modo inovador de se fazer o conto, peculiar no desvelamento do homem e do universo urbano moderno, em sua pulsação dialética.

Os contos *O profeta*, *A prece* e *O gringuinho* são explorados pela autora com o objetivo de encontrar as marcas da transposição urbana na ontística rawetiana; em outras palavras, buscar no *locus* urbano uma possibilidade interpretativa das condições de existência do emigrante, os olhares cruzados com o Outro: expectativas, sonhos, frustrações, acolhimentos e rejeições.

Ao finalizar a segunda parte do trabalho, a autora propõe *A condição urbana como interiorização do escritor na obra*. Para o Rawet engenheiro, não

bastavam apenas o engenho da construção de Brasília, o sucesso do empreendimento e o *status quo* obtido por ele. Uma forma de se naturalizar em Brasília era conhecer de fato quem havia edificado os cálculos de seus projetos com as mãos na massa, o candango. A cidade estava construída, agora era preciso cantá-la com todas as notas, inclusive as dissonantes. Quais as condições de existência de homens e mulheres que vieram na condição de migrantes dentro do próprio país? Dessas humanísticas indagações e preocupações, nasce o escritor Rawet de Brasília, cantor de humores e desamores. Para Brasília, o autor escreve o conto *Diário de um candango*, no qual almeja dar conhecimento do primeiro candango escritor de Brasília, mas supera-se naquilo que Klidzio caracteriza como conto-reportagem, experimento completamente novo de narrativa iniciada por Rawet.

Existe uma distância temporal entre o conto escrito por Samuel Rawet e o poema de Henryk Siewierski, poeta nascido em Wroclaw, polonês brasileiro. Mas como diz Klidzio os anos que se seguiram comprovariam que a cidade-esperança pode ser fértil para inspiração de muitos escritores. Isso pode ser comprovado com o poema de Siewierski:

*O menino da praça
O menino da praça
dos três poderes,
filho não registrado
dos dois candangos,
de dia olha os carros
e a bandeira,
nas noites frias de junho
seu corpo apátrida
treme.
Brasília, 1993.*

No poema que acabamos de ler, existe a mesma preocupação com o cenário humano brasileiro de Rawet. O menino da praça é filho de imigrantes que construíram Brasília, restou-lhe tomar conta dos carros na praça três

poderes, adormecer no frio de junho, diante da bandeira nacional – retrato lírico da infância apátrida.

Na terceira e última parte do livro, Natalia Klidzio apresenta o *Saldo crítico* a partir das leituras de Nadia Battela Gotlib, Erich Auerbach, Adorno, Anatol Rosenfel, Antonio Cândido como fundamentos para apontar as características modernas da narrativa de Rawet: cenas que se formam em dimensões variadas, interatividade com o leitor, fragmentação do enredo, fluxo de consciência, discurso indireto, impressões subjetivas das diferentes personagens, embates entre o tempo exterior e interior, narradores camaleônicos, monólogo interior. Os contos são interpretados por Klidzio com intuito de evidenciar para o leitor o potencial moderno da narrativa, com a presença de todas as características apontadas pelos teóricos do romance moderno. Ademais, a autora apresenta a preocupação de Rawet em adotar uma linguagem capaz de construir o sentido de sua poética e dialogar com os desafios colocados pela modernidade. A busca dos sentidos e do diálogo são motivos impulsionadores para que se abrisse uma nova perspectiva para o conto brasileiro, de forma a romper com o modelo seguido pela narrativa linear do realismo e do naturalismo da ficção. Novo olhar, novo expressar seria o *slogan* de Rawet.

Resta concluir sobre a inestimável contribuição do livro da doutora Natália Klidzio. Todos ganham com essa leitura: estudiosos de todas as áreas das ciências humanas, professores e alunos de graduação e pós-graduação em literatura e, principalmente, os apaixonados pelo escritor Rawet. Seja qual for o tipo de leitor, ele recolherá significativos conhecimentos sobre os processos históricos, sociológicos, antropológicos, filosóficos e estéticos que marcaram os rumos da vida e da poética de Samuel Rawet.

Vale destacar esta obra como rica fonte de pesquisa, que, acompanhada de vastíssima referência bibliográfica, reforça a seriedade e aprofundamento do trabalho de Klidzio, abrindo espaço para outros pesquisadores.

A acertada opção pelos estudos culturais realizados pela autora a

coloca a par e passo com a crítica que se constrói a partir da estética da experiência. O trabalho de Klidzio focaliza o homem imerso na paisagem urbana, sendo, pois, a cidade o *locus* da experiência estética e existencial, como é o caso do instigante Rawet.

Com base na leitura do itinerário urbano na vida e obra do autor judeu, é possível viajar mentalmente para a Polônia e participar da infância do menino em Klimontów. Ademais, é possível acompanhar sua chegada ao Brasil e a formação do jovem pelos caminhos da engenharia, além de subir ao palco com o dramaturgo, “ajudá-lo” na construção de Brasília, conhecer o homem que ergueu os sonhos com as mãos, mas, sobretudo, descobrir nos contos a riqueza de seus personagens, cujos itinerários são as paisagens urbanas com múltiplos caminhos que se bifurcam, onde os que se perdem são reencontrados na linguagem revolucionária da poesia de Samuel Rawet.

O escritor nos deixou em 25 de agosto de 1984, na mais longa, solitária e derradeira caminhada, e agora perambula pela cidade das estrelas. Mas o livro de Natália Klidzio seguramente nos conduz ao itinerário da viagem ao reencontro de Rawet.

RESUMO – STRESZCZENIE

Samuel Rawet emigrant z Klementowa mając 4 lata, przybywa ze swoją rodziną do Brazylii. Tutaj, przeżywając wielkie trudności, zdobywa wykształcenie politechniczne, stając się inżynierem. Powołany przez prezydenta Kubitscheka do grupy budowniczych nowej stolicy kraju, staje się jednym z głównych jej projektantów i wykonawców. Z biegiem lat odkrywa w sobie pisarza e poetę. Zostawia potomnym spuścizną licznych dzieł literackich, reportaży, opowiadań i sztuk teatralnych.

PE. EUGÊNIO DIRCEU KELLER CM (1957-2010)

*Lourenço BIERNASKI CM **

No dia 2 de maio de 2010 faleceu o Pe. Dirceu, Visitador da Província dos Padres Vicentinos de Curitiba. Naquele domingo ele tinha prestado serviço pastoral na Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Araucária, celebrando três missas. Após o almoço na festa da Comunidade de Boa Vista, voltou pelas 15 horas. Acendeu as luzes dos dois quartos e ligou a televisão. Provavelmente quis tirar os sapatos, pois um estava ao lado da cama, e houve o infarto fulminante que o projetou no chão. Foi encontrado somente no dia seguinte, deitado no chão, a cabeça no meio de muito sangue, quando notamos a sua ausência na hora do almoço.

Dados biográficos

O Pe. Dirceu nasceu em Prudentópolis, no dia 01 de janeiro de 1957, sendo seus pais Antônio Keller, motorista, e sua mãe Júlia de Lima Keller. Era o oitavo filho dos dez. Os seus avós, Estanislau e Maria Keller, pessoas instruídas, com muita leitura de livros poloneses, católicos praticantes e muito ligados com a comunidade polonesa, contribuíram muito na construção da nova Igreja-Santuário de Nossa Senhora das Graças, pois foi lá em Prudentópolis que em 1906 os imigrantes poloneses foram aconselhados pelo Pe. Francisco Chylaszek CM para adquirirem um terreno a construir a sua própria igreja, devido à marginalização que sofriam por parte dos germânicos. Isso foi realizado sem tardar, e em seis meses a capela foi construída de imbuia, parede dupla, sob o título de Nossa Senhora das Graças. Aliás essa foi a primeira igreja que os primeiros missionários vicentinos

* Autor de vários artigos, livros dedicados aos sacerdotes vicentinos.

construíram aqui no Brasil. Infelizmente no dia 31 de maio de 1949, após a cerimônia vespertina do encerramento do mês de maio, a igreja desapareceu num incêndio. Depois de algum tempo os imigrantes poloneses partiram para a construção do atual santuário, em meio a grandes obstáculos e incompreensões.

Dirceu perdeu o pai na infância e alguns anos depois, a própria mãe. Fez os primeiros estudos no Colégio Santa Sofia, dirigido pelas Irmãs Vicentinas. Depois, o ginásio no Colégio Imaculada Conceição das Irmãs Ucrânicas. Enfim foi encaminhado para o Seminário Menor São Vicente de Paulo, em Araucária, onde já se encontrava o seu irmão Vicente. Neste ponto é importante notar que a Irmã Joana Lukwinska FC ajudou muito a família na sua orfandade e praticamente foi ela quem conseguiu organizar uma bolsa de estudos, entre pessoas conhecidas e amigas, para os dois, Vicente e Dirceu, a quem ela cuidou como a pupila dos seus olhos.

O jovem Dirceu ingressou oficialmente no Seminário Interno (Noviciado) aos 15 de janeiro de 1977 e frequentou a Teologia no Studium Theologicum, em Curitiba, tendo já feito a Filosofia em Araucária. Fez a profissão dos votos aos 16 de abril de 1980. Foi ordenado presbítero no dia 2 de julho de 1980, no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, pelo Papa João Paulo II. Nos primeiros anos trabalhou nas paróquias de Araucária e Ibaiti, como vigário paroquial. De 1983 a 1985 esteve em Roma, para o Mestrado em História da Igreja na Universidade Gregoriana.

Após o seu regresso trabalhou em Santa Cândida como pároco e professor de História da Igreja no Studium Theologicum. Em 1991 foi nomeado diretor do Colégio São Vicente de Paulo, em Araucária. No ano de 2000 tomou posse na paróquia de Abranches, onde exerceu as atividades com carinho e competência. Restaurou o altar-mor, obra-prima de arte, e também a pintura e abriu novas Comunidades nos bairros. Privilegiou os cursos de formação das lideranças. Além das atividades paroquiais, conti-

nuou com as aulas de História da Igreja, palestras e conferências na Escola de Espiritualidade Vicentina para os Vicentinos da América Latina, com sede em Curitiba, retiros para religiosas, etc.

Encontrava tempo para as suas caminhadas, para o estádio de futebol, e o seu hobby era o piano e a música clássica.

Na Assembleia Provincial Eletiva de 23 de julho de 2008 foi eleito Visitador da Província de Curitiba, tendo tomado posse na igreja matriz de Abranches no dia 19 de agosto seguinte. Permaneceu no ofício um ano e oito meses. A sua característica era a simplicidade serena, o seu sorriso acolhedor. Homem de muito trabalho e muita leitura, sempre pronto e disponível para tudo, quando procurado. Firme nas decisões e fiel na execução. Numa palavra, sacerdote exemplar, com o carisma vicentino que veio dignificar o Ano Sacerdotal e o Ano Jubilar dos 350 anos da morte de São Vicente de Paulo.

RESUMO – STRESZCZENIE

Ks. Eugeniusz D. Keller, potomek polskich imigrantów, należał do zgromadzenia księży misjonarzy św. Wincentego a Paulo. Prowadził dynamiczne życie duszpasterskie oraz dydaktyczne. W 2008 r. Został wybrany przełożonym prowincji południowej księży misjonarzy. Nagła śmierć 2 maja 2010 r. wyrwała go z aktywnego życia zakonnego, kapłańskiego i polonijnego.

FALECE O BENEMÉRITO BISPO POLÔNICO DOM DOMINGOS GABRIEL WISNIEWSKI

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr **

Na quarta-feira, dia 21 de julho de 2010, com a idade de 82 anos, faleceu o bispo Dom Domingos Gabriel Wisniewski CM, ordinário emérito da diocese de Apucarana, estado do Paraná. Segundo o costume brasileiro, durante toda a quarta-feira e toda a noite seguinte, na catedral de Nossa Senhora de Lourdes realizou-se uma vigília de orações junto ao corpo do falecido hierarca. Após solene missa fúnebre concelebrada, presidida pelo atual ordinário, Dom Celso Antônio Marchiori, o corpo do falecido bispo foi depositado na cripta da catedral em Apucarana, onde ele serviu como pastor durante vinte e sete anos.

O falecido hierarca nasceu aos 2 de março 1928 numa família polonesa em Guarani das Missões, no estado do Rio Grande do Sul. Naquela região do Brasil, a colonização polonesa teve início em 1890. O primeiro grupo de imigrantes poloneses veio da região de Lublin. Desde o período da colonização até o dia de hoje, a coletividade polônica local caracteriza-se por um profundo apego à fé e ao polonismo. Por isso Domingos Wisniewski, no período da sua juventude ingressou na Congregação dos Padres Vicentinos, com sede em Curitiba e que tantos serviços tem prestado à Igreja e à colônia polonesa no Brasil. Concluiu os estudos de filosofia e teologia no seminário da congregação em Paris, onde foi ordenado sacerdote no dia 29 de junho de 1955. Após voltar ao Brasil, continuou os estudos na Universidade Católica em Curitiba. Por alguns anos foi professor, reitor do seminário vicentino e posteriormente superior provincial.

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

Crônicas

No dia 28 de agosto de 1985 foi sagrado bispo e por cinco anos exerceu a função de bispo auxiliar na arquidiocese de Curitiba. Posteriormente, por quatro anos foi ordinário da diocese de Cornélio Procópio, no Paraná. Em 1983 o papa João Paulo II transferiu Dom Wisniewski à diocese de Apucarana, na qual ele exerceu o ministério de ordinário por vinte e dois anos. Nos últimos cinco anos, como ordinário emérito, prestava ajuda no serviço pastoral.

Durante o seu ministério à Igreja no estado do Paraná, na Regional Sul II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) Dom Domingos exerceu diversas funções de responsabilidade. Foi, por exemplo, presidente da seção paranaense da Comissão da Justiça e da Paz, bem como o responsável pelo ensino religioso, pela pastoral da educação e do diaconato permanente.

Após a morte de Dom Domingos Wisniewski, na Igreja brasileira atuam cinco bispos nascidos na Polônia e quatro oriundos do grupo étnico polonês.

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

MALCZEWSKI, Zdzislaw. *Solicitude não apenas com os patrícios – Missionários poloneses no Brasil*. Curitiba, 2001, p. 215

Membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília, 1997, p. 79- 80

www.cnbb.org.br/site (21.07.2010)

www.dioceseapucarana.com.br (22.07.2010)

RESUMO – STRESZCZENIE

Domingos Gabriel Wisniewski urodził się 2 marca 1928 r. w Guarani das Missões, w stanie Rio Grande do Sul, gdzie w 1890 r. rozpoczęła się polska kolonizacja. Jako młody człowiek wstąpił do zgromadzenia księży misjonarzy św. Wincentego. Studiował filozofię i teologię w Paryżu. 29 lipca 1955 r. przyjął święcenia kapłańskie. Pełnił wiele funkcji w swoim zgromadzeniu zakonnym. Papież Jan Paweł II mianował go biskupem. Święcenia przyjął 28 sierpnia 1985 r. Początkowo był biskupem pomocniczym w Kurytybie. Następnie ordynariuszem w Cornélio Procópio, a później w Apucarana. Zmarł 21 lipca 2010 r. w wieku 82 lat aktywnego życia.

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO “OS POLONESES NO BRASIL” NA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE ŁÓDŹ

*Stanisław PAWLISZEWSKI**

No dia 9 de junho de 2010, na Biblioteca da Universidade de Łódź foi inaugurada a exposição “Os poloneses no Brasil”, no âmbito das comemorações dos noventa anos de relações diplomáticas entre a Polônia e o Brasil. A exposição foi organizada pela Biblioteca da Universidade de Łódź, pela Embaixada do Brasil em Varsóvia, pelo Museu de História do Movimento Popular Polonês e pela Sociedade Polono-Brasileira e permaneceu ativa até o fim de junho.

Essa exposição foi uma versão da mostra “Os poloneses no Brasil”, organizada no Brasil por um grupo de brasileiros de origem polonesa e poloneses. O autor do cenário é o prof. Henryk Siewierski, do Instituto de Literatura da Universidade de Brasília. A exposição apresentou a história da imigração polonesa no Brasil e a contribuição dos imigrantes poloneses para o desenvolvimento da economia, cultura e ciência do Brasil, mostrando ainda a atividade do clero polonês nesse país. Veio também acompanhada de cartazes que ilustravam as belezas da paisagem e da arquitetura brasileira. Em muitos mostruários foram expostas publicações científicas, populares e álbuns sobre o Brasil, traduções de obras da literatura brasileira publicadas na Polônia, traduções de obras da literatura polonesa publicadas no Brasil, publicações do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia dedicadas ao Brasil, publicações do pe. Zdzislaw Malczewski e publicações de autores polônicos como Simão Kossobudzki e Ruy C. Wachowicz, coletâneas de poesias de Tomasz Lychowski e outras edições polonesas publicadas no Brasil.

* Ex-embaixador da Polônia no Brasil e presidente da Sociedade Polono-Brasileira de Varsóvia.

A exposição foi aberta pela diretora da Biblioteca da Universidade de Łódź, Irena Kujawska. A seguir foram apresentadas duas palestras: o presidente da Sociedade Polono-Brasileira Stanisław Pawliszewski falou sobre os noventa anos de relações diplomáticas entre a Polônia e o Brasil, e o prof. dr. Jerzy Mazurek, vice-diretor do Museu de História do Movimento Popular Polonês, discorreu sobre a comunidade polônica brasileira. Igualmente a prof^a dr^a Natalia Klidzio, brasileira de origem polonesa e professora do Instituto de Romanística da Universidade Maria Curie-Skłodowska de Lublin, falou da sua atividade científica e da comunidade polônica do Rio Grande do Sul. Foram ainda mostrados dois filmes dedicados à colônia polonesa no Brasil. Participaram do encontro estudantes, professores, funcionários da Biblioteca e amigos do Brasil.

RESUMO – STRESZCZENIE

W Polsce zainteresowanie Brazylią jest ciągle żywe. Świadczą o tym liczne sympozja, spotkania literackie, i wystawy. Z okazji 90-lecia ustanowienia stosunków dyplomatycznych Polska - Brazylia, urządzono w Łodzi wystawę „Polacy w Brazylii”. Głównym organizatorem wystawy był Stanisław Pawliszewski, były ambasador Polski w Brazylii i aktywny prezes Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego w Warszawie. Bogata w zdjęcia i ilustracje wzbudziła szerokie zainteresowanie publiczności. Wygłoszono wiele referatów, których autorami są znani naukowcy i profesorowie uniwersytetów. Liczni przedstawiciele różnych instytucji, zainteresowanych problemami Ameryki Łacińskiej, brali również udział w tym wydarzeniu.

A SANTANA PARANAENSE
DÁ INÍCIO ÀS COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO POLONESA

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr*

A localidade denominada Santana localiza-se no estado do Paraná, em cujo território fixou-se o maior número de imigrantes poloneses. Foi justamente nessa localidade, que é igualmente o centro da paróquia de S. Ana, que no dia 25 de julho de 2010 realizaram-se as solenidades de inauguração das comemorações do centenário da colonização polonesa. O atual pároco local, pe. Mirosław Stepień SChr, convidou-me para participar dessa festividade na qualidade de pregador. Por isso parti de Curitiba a Santana na véspera da festividade. Há uma rodovia federal que conduz da capital polonesa do Brasil – como é chamada Curitiba – ao Sul do País. Após viajar cerca de 250 quilômetros, depois de União da Vitória é preciso virar à direita e tomar uma estrada estadual que leva a Cruz Machado e a seguir a Santana. Esse caminho chega a cerca de 350 quilômetros. Mas desta vez escolhi um outro caminho, através de Rio Negro, no Paraná, e depois Mafra, Canoinhas e União da Vitória em Santa Catarina, por Cruz Machado, até Santana. Esse trecho talvez seja uns 50 quilômetros mais longo. Por que esse outro caminho? Eu simplesmente pretendia visitar as colônias polonesas, onde se consolidaram os traços materiais do trabalho, da presença dos nossos valorosos colonos. Fazendo e colecionando fotos, estou reunindo material para o segundo volume de *Marcas da presença polonesa no Brasil*. À medida que a distância diminuía, o tempo começou a piorar. Eu havia partido de uma Curitiba cinzenta, sem sol, e quanto mais me aproximava de Santana mais aumentava a cerração e a garoa, não apenas dificultando

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

a viagem, mas também infundindo em mim algum pessimismo quando à festividade de domingo na comunidade polonesa.

A manhã de domingo iniciou-se com o estrondo de foguetes, porque os nossos compatriotas herdaram esse costume dos brasileiros, que praticam com uma típica despreocupação e animação infantil. Por isso nenhuma festividade religiosa ou polônica pode prescindir desses tiros, cujo eco, no caso de Santana, repercutia fortemente pela região situada nas encostas da Serra da Esperança. Essa região montanhosa separa Santana de Mallet, terra anteriormente colonizada pelos nossos imigrantes. Até o lugar demarcado pelas autoridades brasileiras para ser colonizado – justamente pelo marechal Mallet – em julho de 1911, os nossos emigrados, em busca de liberdade, terra e pão, viajavam de carroças, iam a pé..., até chegarem ao destino pretendido. Para muitos deles, a difícil viagem para além da grande água até o sonhado Brasil, onde se dizia que o pão crescia em árvores, terminou de forma trágica. Eles sucumbiram dominados pelo tifo. Morreram centenas de imigrantes poloneses em terra brasileira, que devia significar para eles a possibilidade de realizar o que lhes faltava na terra natal, entre os seus. Aqueles que se mostraram mais fortes que o tifo inicialmente fixaram residência em barracões construídos para eles. Aos poucos começaram a desbastar a mata tropical, a fim de transformá-la em campos cultiváveis.

Nessa região o colono polonês não ficou sem assistência espiritual. Desde o início da colonização fizeram-lhe companhia os padres verbistas, e depois os missionários vicentinos. Desde 5 de maio de 1964 são os padres da Sociedade de Cristo que prestam assistência a essa laboriosa e piedosa comunidade polônica. Também merece destaque o sacrificado e devotado trabalho das irmãs religiosas da Congregação da Sagrada Família, fundada por S. Sigismundo Felinski, arcebispo de Varsóvia, condenado pelos ocupantes russos à vida errante. Em 1913 as irmãs iniciaram o trabalho pedagógico na escola fundada pelos colonos e denominada “Agricultor”. Até o dia de hoje essas irmãs servem aos seus compatriotas com dedicação e profundo amor.

Desde o amanhecer o tempo apresentava-se claro e ensolarado. Comparando com o inverno relativamente rigoroso deste ano, fazia um calor fora do normal. Na igreja e nas suas adjacências percebiam-se pessoas apressadas. Uns enfeitavam o santuário com bandeirinhas e grinaldas tecidas com os frutos extraídos da terra, enquanto outros estavam atarefados na preparação do típico churrasco brasileiro, que o cheiro dos temperos e da fumaça tornava mais atraente. Outros ainda montavam barracas com diversos jogos, com prêmios atraentes que convidavam para a festa polônica.

O pároco local, pe. Miroslau, em companhia de dois seminaristas originários do grupo étnico polonês e que se preparam para o ministério sacerdotal – um no seminário diocesano local e o outro no seminário da Sociedade de Cristo na distante Poznan, na Polônia – deu início, no centro da vila, à bênção dos automóveis, tratores, caminhões... Dessa forma os brasileiros, da mesma forma que os descendentes dos nossos imigrantes, demonstram o seu elevado apreço às diversas bênçãos que os enriquecem espiritualmente na labuta da vida diária.

O domingo, 25 de julho de 2010, coincidiu em Santana com a grande comemoração de algumas festividades: a festa da padroeira da comunidade paroquial – S. Ana, o Dia do Colono, o Dia do Motorista, o Dia das Avós, além da inauguração do ano de preparativos para a grande comemoração do centenário da colonização dessa região no próximo ano.

Para essa múltipla festividade religiosa e social veio a Santana o ordinário da diocese de União da Vitória, Dom João Bosco Barbosa de Souza OFM. Na casa paroquial surgiu a ocasião para uma conversa com o hierarca, que demonstrou grande interesse pela Missão Católica Polonesa, e também pela história da imigração polonesa no Brasil. Esse brasileiro é bispo há apenas três anos, e certamente na sua terra de origem não teve contato com esse tico mosaico étnico europeu, que se apresenta mais visível nos estados meridionais do Brasil.

Inicia-se a solene missa presidida pelo pastor local. Juntamente com

o pároco pe. Miroslau, temos a possibilidade de concelebrar. Durante a procissão percebo a beleza do santuário pintado com delicadas cores, no qual foram instalados novos bancos, novas imagens da via-sacra. Esse é um grande mérito dos esforços do pe. Miroslau, que contou com a compreensão e o apoio dos fiéis paroquianos, 85% dos quais são de origem polonesa. Tendo a ocasião de visitar os nossos missionários poloneses, posso perceber o seu desvelo não apenas pela evangelização dos fiéis a eles confiados, mas também pela boa administração da paróquia, ou o seu especial empenho para que as igrejas e outros prédios pertencentes às comunidades paroquiais primem pela limpeza e sejam organizados modestamente, mas com gosto.

Durante a liturgia da Eucaristia, percebe-se a boa preparação da equipe litúrgica, bem como a correta participação dos próprios fiéis. Se não fosse um rito musical diferente, a língua portuguesa que nos acompanha ou o pequeno número de fiéis de pele mais escura, eu poderia ter a impressão de me encontrar em alguma das aldeias polonesas da região de Siedlce ou de Lublin. Era suficiente olhar para os rostos, para os olhos, a cor da pele, e havia a certeza de que a gente se encontrava entre os seus. Justamente durante o sermão, quando eu olhava para os olhos atentos e concentrados dessa gente, eu tinha a consciência de que somos iguais. A única diferença é que eu nasci na Polônia, e eles aqui no Brasil. Aliás eles mesmos, durante as conversas na festa, e também durante as minhas visitas anteriores a eles aqui, diziam com total consciência: “Nós somos poloneses, só que nascidos no Brasil!”. Com o decorrer do tempo, mas também graças a esses encontros com os descendentes dos poloneses em diversas regiões deste belo Brasil, adquire uma experiência polônica cada vez maior e – não pela primeira vez – chego à conclusão de que sem um tratamento afetuoso e cordial dispensado a essas pessoas, não seremos capazes de compreendê-las integralmente, a fundo. Uma abordagem exclusivamente racional da colônia polonesa do Brasil não nos apresentará a sua plena e verdadeira realidade. A respeito de comunidades polônicas em outros países não me pronuncio, visto que não

as conheço bem. É por isso que não me sinto com direito ou coragem para fazer comparações do tipo “qual dessas coletividades é mais polonesa?”, “qual delas ainda necessita dos serviços de um sacerdote polonês e qual poderá sobreviver sem ele?” ... Não pretendo aqui voltar à questão do uso da língua polonesa. A respeito disso tenho falado muito em diversas ocasiões, durante encontros polônicos e simpósios científicos aqui no Brasil ou na Pátria distante. Aliás, considerando as belas e sábias palavras que a esse respeito escreveu o Primaz da Polônia cardeal Józef Glemp em seu livro *A Igreja e os poloneses emigrados*, publicado após a realização de uma visita pastoral nos núcleos polônicos do Brasil e da Argentina, recomendo aos interessados por essa complexa problemática a leitura da mencionada obra, surgida das profundas reflexões do seu autor.

Após o meu prolongado sermão – no qual não podiam faltar alusões à união com a Polônia, a sua religiosidade, suas riquezas culturais, pois afinal foi dali, da Pátria nas margens do Vístula, que há um século, na região de Siedlce ou de Lublin, surgiram os planos da migração para além da grande água..., ao Brasil –, quando chegou o momento de os representantes dos agricultores trazerem as oferendas ao altar, vendo esses belos e ricamente desenvolvidos frutos do pesado trabalho agrícola dos descendentes dos imigrantes poloneses na terceira ou quarta geração, eu me convencia de que o camponês polonês encontrou no Brasil o que tanto desejava: a paz, sem se importunado por ocupantes ou explorado por senhores; a terra – que aqui lhe garantiu a alimentação e ajudou a sustentar a sua família; a liberdade – para ser o senhor do seu destino e poder decidir a respeito do seu futuro e do futuro de seus filhos.

No final da missa, a pedido do pe. Miroslau, Dom João Bosco Barbosa de Souza OFM realizou a bênção das sementes. Após a missa fiquei olhando (com a minha característica curiosidade) como esses agricultores, com piedade e concentração, guardavam essas sementes em saquinhos de plástico que especialmente para esse fim haviam recebido. Ilumina-me a convicção

de que essas pessoas, quando vier a época apropriada da sementeira, com profunda fé e amor entregarão à terra nutriz essas sementes, para que elas produzam frutos abundantes.

Após o término da solene Eucaristia, que durou duas horas, houve tempo para uma lauta refeição, várias diversões e longas conversas com os patrícios... Em companhia do pe. Miroslau – ao qual sou muito grato por me ter convidado para esse característico banquete polônico, no sentido amplo da palavra –, visitei o museu, alguns anos após a minha última estada nele. O museu etnográfico, o anfiteatro e outras edificações surgiram durante os mais de trinta anos de trabalho pastoral do pe. Daniel Niemiec SChr. Apesar de ele ter falecido há alguns anos, já em idade avançada, entre os paroquianos de Santa até hoje perdura a sua viva lembrança. Por decisão das autoridades municipais de Cruz Machado (em cujo território se situa a extensa paróquia de S. Ana), a praça próxima à igreja recebeu o seu nome. Nela, uma placa registra belas palavras de gratidão pelo conjunto do seu trabalho religioso, social e polônico. A preservação dos objetos do museu foi confiada à secretaria de cultura do município de Cruz Machado. Durante a visita aos objetos expostos no museu, reunidos em diversas casas construídas segundo o modelo das primitivas choupanas dos imigrantes, encontramos crianças, jovens e adultos que com interesse contemplavam o que constitui uma parte da história dessa região, bem como da história deles mesmos... – descendentes daqueles corajosos e decididos camponeses de Lublin e de Siedlce, que há cem anos tomaram a difícil e dolorosa decisão de deixar o seu país para em terra estrangeira, no Brasil, buscar um destino melhor.

Em Santa encontra-se Kinga Orzel – uma jovem, decidida e enérgica doutoranda da Universidade Jagiellônica. Com a significativa ajuda do pe. Miroslau, ela está ali realizando a sua pesquisa, visitando famílias polônicas, entrevistando os moradores, fazendo fotografias. Tudo isso com o objetivo de na sua dissertação científica apresentar a realidade da colônia polonesa de Santana, a sua história trágica e laboriosa, mas também o seu interessante

e fascinante presente.

Volto para Curitiba com um olhar renovado para a comunidade polônica de Santana, onde encontrei não apenas belas paisagens e uma rica e variada vegetação, dominada pelos altaneiros e orgulhosos pinheiros. O pinheiro, como árvore símbolo do Paraná, ocupa um lugar de destaque no brasão de Curitiba. O pinheiro paranaense e, nesse caso específico, o pinheiro de Santana é a testemunha muda das lutas do colono polonês por uma vida mais digna, melhor, mais feliz e polonesa! Esse pinheiro testemunhará que o imigrante polonês, que aqui se estabeleceu e aqui vive em sucessivas gerações, encontrou o objetivo da sua corajosa decisão de mudar-se para um novo continente! Ao silencioso testemunho do pinheiro paranaense adiciono o meu testemunho de alguém que há mais de trinta anos é e deseja continuar sendo o companheiro dos bons e dos maus momentos das nossas comunidades polônicas espalhadas por este grande país que é o Brasil!

“Transeunte, diga à Polônia...” que aqui no Brasil, situado tão longe dela, mesmo aqueles que não a conhecem e que não sonham em voltar a ela possuem corações que pulsam em polonês, ainda que nascidos sob o Cruzeiro do Sul!

RESUMO - STRESZCZENIE

Kolonizacja polska na południu Parany ma swoje największe skupisko w okolicach Cruz Machado, a dokładniej w miejscowości Santana. Pierwsi polscy emigranci przybyli w 1811 r. W 2010 r. rozpoczęły się przygotowania do stulecia obecności polskiej w tym regionie. Kolonia Santana miała od samego początku opiekę duszpasterską sprawowaną przez polskich kapłanów, a od 1956 r. do dziś jest obsługiwana przez księży chrystusowców. Autor był obecny w Santanie, gdzie podczas Eucharystii wygłosił homilię z zachętą do zachowania dziedzictwa kulturowego przywiezionego przez imigrantów z dalekiej Polski, oraz jak najlepszego przygotowania się do stulecia. W podróży powrotnej do Kurytyby snuje swoje myśli patrząc na santańskie, parańskie piniory, które są świadkami życia i zmagania polskich emigrantów i ich potomków.

**OBRA SOBRE SAMUEL RAWET
É LANÇADA POR NATALIA KLIDZIO
EM PASSO FUNDO - RS**

O Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF) promoveu nesta sexta-feira, 27 de agosto de 2010, o lançamento do livro *Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet*, escrito por Natalia Klidzio. O livro destaca a obra de Samuel Rawet no cenário literário brasileiro e seu esforço para publicação e reconhecimento de seu trabalho, e é resultado da tese de doutoramento de Natalia, pela Universidade de Varsóvia. A apresentação foi realizada no Auditório do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), no Campus I.

A autora destacou o porquê da escolha por investigar a obra e os caminhos percorridos por Rawet. “Tenho uma identificação muito forte com Samuel Rawet que saiu da Polônia e veio para o Brasil, fazendo sua vida profissional e literária por aqui. Como sou descendente de imigrantes poloneses, sempre tive esta presença cultural da Polônia em minha casa, vida estudantil e depois universitária, quando conheci Samuel Rawet no curso de graduação” explicou.

Natalia enfatizou ainda sobre o trabalho de Rawet. “Ele sempre demonstrou preocupação com as pessoas que estão em movimento neste processo de desterritorialização, ou seja, você vive num lugar, mas está ligado a outro em que já viveu ou possui raízes” observou Natalia, ao argumentar que este foi o principal fator que a levou a pesquisar a vida do autor de literatura brasileira.

O coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras, Miguel Rettenmaier salientou que Natalia Klidzio é uma pesquisadora que prestigia as Jornadas há muito tempo e que o livro da professora fortalece o contato com outras instituições. “Esse trabalho consolida o projeto do PPG em Letras de fortalecer relações internacionais de uma maneira diversificada, a fim de

permitir a comunicação e troca de experiências com instituições de outros países” pontuou.

Presente na divulgação, a coordenadora das Jornadas Literárias e professora do curso de Letras Tânia Rösing ressaltou a importância da internacionalização de estudos com professores de outras instituições. “Natalia realizou uma importante investigação como tese de doutoramento sobre as experiências urbanas na vida e na produção literária de Rawet” explicou. Tânia Rösing salientou, também, o envolvimento de Natalia nas Jornadas de Literatura. “É uma honra recebermos a professora que realizou todo um esforço para trazer alunos para as primeiras Jornadas Literárias” concluiu.

Representando a Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, participou do lançamento a professora Rosa Kalil, coordenadora *Stricto sensu* da UPF, que felicitou Natalia pelo seu trabalho literário em torno da vida de Samuel Rawet. Também estiveram presentes na ocasião a diretora do IFCH, Rosani Sgari Szilagyi, professores e acadêmicos do curso de Letras.

A obra e a autora

Na sua interpretação sobre a obra de Rawet, Natalia utiliza a análise da cidade e seu espaço, sublinhando o papel do homem na criação do cotidiano das cidades e entrando no terreno de estudos culturais da literatura, no qual o lugar, a cidade e o espaço exercem papel relevante.

Natália é gaúcha de Guarani das Missões e há mais de 10 anos divulga a cultura e a língua portuguesa na Polônia, além de ser uma entusiasta da literatura brasileira no exterior. Entre 2000 e 2008, ela lecionou Literatura Brasileira na Universidade de Varsóvia integrando o projeto Leitores do Brasil, do Ministério das Relações Exteriores, uma iniciativa cujo objetivo principal era ensinar português e divulgar a cultura brasileira em outros países. Em 2009, Natalia concluiu o doutorado em Ciências da Literatura pela Universidade de Varsóvia com a pesquisa que deu origem ao livro so-

bre Samuel Rawet. Atualmente, ela é professora de Literatura Brasileira e Língua Portuguesa na Universidade Marie Curie-Sklodowska, de Lublin, na Polônia.

Internacionalização

A paixão pela literatura e a aproximação da professora gaúcha às Jornadas Literárias promovidas pela UPF fez com que nas últimas três edições realizadas houvesse um grupo polonês participando da movimentação cultural, em Passo Fundo. A presença dos alunos da Universidade de Varsóvia dedicados aos estudos luso-brasileiros também estimulou a vinda de escritores poloneses à movimentação literária realizada em Passo Fundo – em 2007, Miroslaw Bujko esteve presente – esforço empreendido em conjunto com o professor Henryk Siewierski, atualmente na UnB e que aproxima a UPF da embaixada da Polônia no Brasil, por meio do embaixador Jacek Junosza Kisielewski.

O envolvimento e a parceria de Natália com a UPF também possibilitou a vinda do professor Dr. Jerzy Mazurek, da Universidade de Varsóvia e vice-diretor do Museu Histórico do Movimento do Povo Polonês da capital polonesa para atuar, por três meses, como professor visitante da Universidade de Passo Fundo.

O livro escrito por Natalia foi editado pela UPF Editora com recursos do CNPq e integra o programa de publicações das Jornadas Literárias, por meio do qual são captados recursos com esta finalidade especial.

RESUMO – STRESZCZENIE

Natalia Klodzio przedstawiła na Uniwersytecie w Passo Fundo swoją pracę o polonijnym pisarzu, poecie, teatrologu, Samuelu Rewet, który ubogacił swoim dorobkiem literackim kulturę brazylijską. W wydarzeniu wzięli udział: ambasador Polski w Brazylii, profesorowie i studenci z Polski, między innymi Profesorowie Mirosław Bojko i Jerzy Mazurek.

REGRESSO SENTIMENTAL À PÁTRIA
E LANÇAMENTO DE LIVROS POLÔNICOS EM VARSÓVIA

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

Como velho emigrante, em intervalos de alguns anos volto à Polônia para renovar as minhas raízes étnicas e mergulhar novamente em toda a nossa riqueza de cultura, história e identidade nacional. A cada volta descubro uma Polônia que se transforma em muitos aspectos. A atual volta à Polônia oferece-me a ocasião de descobri-la como um grande canteiro de obras. Surgem novas e modernas rodovias, aparecem novas soluções de comunicação. Não posso, naturalmente, deixar de citar os novos prédios residenciais em tantas cidades e cidadezinhas que visitei. Olhando para todo esse “tudo novo, colorido e belo”, conscientizo-me de grande força de vontade que deve residir em meus compatriotas para a realização dessas mudanças, da grande riqueza espiritual e intelectual para tantas soluções arquitetônicas. É isso, por exemplo, que me faz ver o espírito de uma grande nação que, sendo livre, realiza tantas obras maravilhosas pelo seu país. E olhando para este país mais belo – que também é o meu – penso comigo: Quanta iniciativa, quanta força de intelecto! Algumas gerações de poloneses que viveram no antigo sistema eram sufocadas, presas e submetidas às estruturas do planejamento proveniente de cima, o que resultava na monotonia das obras que surgiam. Para constatar isso, basta olhar para algumas lembranças do passado recente, visíveis por exemplo nos cinzentos blocos residenciais, sem expressividade arquitetônica, que ainda podem ser vistos em Nowa Huta, perto de Cracóvia.

* Redator da revista “Polonicus”.

Crônicas

Encontrando-me este ano na Polônia, decido visitar um lugar especial, que na minha juventude exerceu uma enorme influência na minha formação pessoal, espiritual, intelectual. Esse lugar, que não tenho visitado há muitos anos, é a cidade de Proszowice, onde nos anos 1964-1968 frequentei a escola média e depois, por algum tempo, trabalhei num banco cooperativo. Em meados de setembro deste ano, em companhia de meu sobrinho Paulo, viajei de automóvel de Nowy Brzesk a Proszowice. Viajamos por uma estrada que – cada um em seu período de vida – no passado havíamos percorrido com os ônibus do antigo sistema estatal de comunicação. A estrada que hoje leva a Proszowice já é uma outra realidade, levando-se em conta a qualidade do revestimento. A cidade de Proszowice produziu em mim uma sensação muito positiva. Bem mais colorida, apresentando-se também como um canteiro de obras onde se realizam trabalhos diversos, reformas e consertos. Percorremos o caminho constante dos antigos alunos da escola média: vimos o Pequeno Mercado, onde havia a estação rodoviária, depois a visitamos a igreja paroquial e finalmente, com o coração mais palpitante de emoção, encaminhamo-nos em direção ao prédio onde se localizava antigamente a nossa escola média. Olhando com atenção para a cidade, podiam perceber-se muitas diferenças. Boas e bonitas, naturalmente. Entretanto, para um emigrante, a visita dos “velhos lugares” tem por objetivo a volta àqueles antigos anos, pessoas, vivências, acontecimentos. Nessa peculiar “peregrinação” ao passado a memória desempenha o papel mais importante. É graças a ela que podemos recordar os momentos vividos, as pessoas encontradas, os acontecimentos e fatos ocorridos. Passeando, naquela manhã repleta de sol, pelas ruas de Proszowice, após tantos anos de ausência desse lugar para mim especial, confesso que meu coração batia mais forte e, embora estivesse passeando num espaço e tempo concretos, meus pensamentos me transportavam àquele maravilhoso período da minha juventude, de um aluno da escola média e bancário. Quantas boas lembranças... Quantos sentimentos. Só Deus sabe, além de mim mesmo...

Outro momento que mobilizou os meus sentimentos patrióticos foi o lançamento de livros em Varsóvia. Desta vez na sede do Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia, realizou-se no dia 6 de outubro deste ano o lançamento de livros de autoria de representantes da comunidade polônica brasileira: de Tomasz Lychowski – *O meu caminho para a lua* e da minha autoria – *Uma visão pessoal da comunidade polônica brasileira. Notas de um emigrante. 2007-2010*. Os mencionados livros foram publicados dentro da série “Biblioteca Ibérica”, sob a coordenação do dr. Jerzy Mazurek. Os seus editores são o Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia e o Museu da História do Movimento Popular Polonês.

A apresentação das obras realizou-se nos jardins do Museu. Esse Museu é especial, e não apenas com as pessoas ligadas com tudo aquilo que apresenta a diversificada riqueza da aldeia polonesa e das pessoas que ali vivem e trabalham. No passado e no presente. Há alguns anos o Museu assumiu a especial iniciativa de apoiar, publicar e organizar lançamentos de livros relacionados com a problemática da colônia polonesa no Brasil. Afinal essa moderna comunidade polônica de hoje origina-se em mais de noventa por cento da emigração camponesa da Polônia. O camponês polonês deixou vestígios indelévels do seu trabalho no Brasil. Igualmente suas sucessivas gerações têm adicionado a esse patrimônio o seu trabalho e as suas realizações. Um sinal concreto desse patrimônio são também as obras polônicas, que constituem o fruto da arte e do esforço artístico e literário.

Entre os participantes desse evento que apresentou obras literárias da comunidade polônica brasileira estiveram presentes representantes da intelectualidade que se dedica à literatura ibero-americana e polônica, representantes do Ministério das Relações Exteriores, diplomatas (entre os quais Jacek Such – cônsul geral da Polônia em São Paulo), funcionários dos serviços diplomáticos e consulares no Brasil (Dariusz Dudziak – o último cônsul geral no Rio de Janeiro, Eugeniusz Noworyta – embaixador na Argentina,

Stanislaw Pawliszewski – ex-embaixador no Brasil e atual presidente da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia), bem como os ex-conselheiros do Escritório Comercial da Embaixada da Polônia no Rio de Janeiro (Marian Karolczak e Waldemar Kluza, que foi também o primeiro cônsul geral no Rio de Janeiro) e um numeroso grupo de simpatizantes e amigos dos poloneses no exterior. Não posso deixar de registrar a presença de membros da meritória e ativa Sociedade Polono-Brasileira Rui Barbosa.

Após a parte oficial do evento, durante conversas com as pessoas presentes, quem despertou em mim mais sentimento pela comunidade polônica brasileira foram os diplomatas por mim encontrados e os representantes do corpo consular, com os quais tive o privilégio de me contatar e de desenvolver diversas formas de cooperação pelo bem da colônia polonesa no Brasil. Durante essas conversas com os compatriotas, quantas recordações de pessoas, lugares, acontecimentos, solenidades polônicas de que participamos conjuntamente...

Na solenidade do lançamento dos nossos livros estiveram presentes também representantes da mídia interessados pela problemática polônica. Participou ainda do lançamento um grupo polônico do estado do Rio Grande do Sul, que naquele dia havia desembarcado em Varsóvia para participar de um fórum cultural em Rzeszów. A cerimônia oficial do lançamento foi seguida de um coquetel, em que foi servido vinho com linguiça polonesa. Juntamente com Tomasz Lychowski, concedi ainda uma longa entrevista a um programa da Rádio Polonesa que transmite a sua programação para os poloneses no exterior.

Os jardins do Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia, com o seu cenário característico, apresentam o que é antigo, e – ancorados no presente – adicionam também um clima especial aos encontros que ali são organizados. Mencionei acima o vinho e a linguiça assada. Mas não se podem esquecer também os nossos outros alimentos poloneses... Quantas manifestações de discrição, de disponibilidade das pessoas que ser-

viram os participantes do lançamento dos nossos livros! Como velho emigrante, tenho vontade de exclamar com entusiasmo: Pão polonês, comida polonesa!!! Nessa minha constatação e nesse meu enlevo, quanta saudade de tudo aquilo que constitui a cozinha polonesa... e pela qual, de além da extensa água, pronuncio com grande nostalgia: “Tenho saudade, Senhor”!

Dentro de alguns dias volto ao Brasil, ao meu ministério em prol da comunidade polônica brasileira. São essas as duas realidades – o Brasil e a Polônia – pelas quais me apaixonei há anos e às quais desejo servir na medida das minhas possibilidades e diversos condicionamentos, que às vezes restringem os nossos anseios, a nossa vontade, os nossos propósitos...

Ao finalizar esta reflexão, desejo afirmar não pela primeira vez e oxalá não pela última: A comunidade polônica brasileira é dinâmica, e o período mais recente é a melhor prova disso! Constituem um exemplo disso os lançamentos de livros, que são o fruto do intelecto, do trabalho, dos sentimentos especiais de amor e apego ao polonismo lá no distante Brasil. De livros lançados em diversas cidades do Brasil por representantes da comunidade polônica nesse país. Igualmente de livros surgidos lá no distante Brasil, ao qual tantos e tantos dos nossos compatriotas migraram nesse período de mais de 140 anos e que foram apresentados nestes dias na nossa rejuvenescente, bela e rica capital – Varsóvia!

Formulo votos de prosperidade geral aos meus compatriotas que vivem aqui no país das margens do Vístula! As famílias polonesas, as comunidades da Igreja, as escolas, as universidades – sejam todas elas uma boa oficina que molda as mentes, os corações e os caracteres de bons e maravilhosos cidadãos para a glória e o progresso da Ilustríssima República! Que Deus abençoe a todos!

Autor artykułu przedstawia swoje wrażenia z dwumiesięcznego pobytu w Polsce. Jest pod wrażeniem wielkich zmian, jakie dokonują się w tym kraju prawie we wszystkich dziedzinach. Polska wydaje się być wielkim placem budowy i widocznego wzrostu ekonomicznego. Autor bierze udział w wielu spotkaniach polsko – brazylijskich, uczestniczy w prezentacji poezji Tomasza Łychowskiego - działacza polonijnego z Rio de Janeiro - pt. "Moja droga na księżyc" oraz przedstawia własne dzieło pt. „Polonii brazylijskiej obraz własny. Zapiski emigranta (2007-2010)”. Autor snuje również swoją wizję o dynamice twórczej polonijnego intelektu w Brazylii.

POLÔNIA - HISTÓRIA, REALIDADES E SONHOS NO FESTIVAL DE CINEMA POLONÊS

*Piotr KILANOWSKI**

No final do mês de novembro, graças a mais um evento promovido pelo Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, tivemos a oportunidade de conhecer alguns filmes da mais recente produção cinematográfica polonesa. A escolha dos filmes permitiu observar tanto os aspectos da história do século XX polonês, quanto as realidades e patologias da Polônia contemporânea. Durante mais de uma semana de festival, foram apresentados nove filmes. Oito deles foram produzidos ao longo dos últimos seis anos e apenas um datava do ano de 1980.

Pudemos assistir aos seguintes filmes: **O Jardim de Luiza** (*Ogród Luizy*, 2007), **Reserva** (*Rezerwat*, 2007), **General Nil** (*Generał Nil*, 2009), **Quanto pesa um cavalo de Tróia?** (*Ile waży koń trojański?*, 2008), **Uma árvore mágica** (*Magiczne drzewo*, 2008), **A Festa de Casamento** (*Wesele*, 2004), **Garotas de Shopping** (*Galerianki*, 2009), **A Pequena Moscou anos** (*Mała Moskwa*, 2008) e **Ursinho** (*Miś*, 1980).

Três dos filmes nos apresentam uma imagem da conturbada história da Polônia depois da guerra. **General Nil**, filme do diretor de **Interrogatório**, nomeado à Palma de Ouro em Cannes, Ryszard Bugajski, nos apresenta um minucioso relato histórico dos últimos anos da vida e do “assassinato judicial” do general August Emil Fieldorf, ‘Nil’, herói da resistência antinazista. Fieldorf, chefe do Kedyw (Comando da Diversidade do Exército Nacional), foi um dos responsáveis pelo atentado bem sucedido ao carrasco nazista Franz Kutschera. Tratado ainda em vida como uma lenda, Fieldorf era um dos membros do Legiony, exército que lutou pela

* Professor na UFPR em Curitiba.

independência da Polônia. Participou da guerra contra a União Soviética em 1920 e organizou a resistência armada polonesa durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1945, foi deportado para a União Soviética, voltando para a Polônia em 1947, época em que começa o filme. O filme resgata, além da sinistra história da época comunista, a personagem de um dos maiores heróis poloneses, que, devido à propaganda comunista, desapareceu do imaginário popular. Executado depois de um processo com testemunhos adulterados e forçados pelas torturas, Fieldorf foi condenado ao esquecimento. Seu nome não aparecia nos livros de história e era censurado nos relatos da época. O filme de Bugajski tenta reviver este herói no imaginário polonês. Podemos dizer que o diretor consegue seu intuito graças à espetacular atuação de Olgierd Łukaszewicz, à cuidadosa pesquisa histórica e ao enredo enriquecido por imagens retrospectivas da época da guerra. Chamam a atenção também as imagens repletas de tons acinzentados, onipresentes na época comunista. Bugajski há tempos realiza filmes que tentam desmentir a história da Polônia comunista, mas sem dúvida “General Nil” é um dos mais bem sucedidos. O diretor se exime de fazer um filme sobre um monumento vivo e aborda o lado humano de Fieldorf, o qual transparece constantemente.

Outro dos filmes históricos é o melodrama **A Pequena Moscou**, de Waldemar Krzystek. O diretor nos apresenta uma dramática história de amor com afresco histórico como pano de fundo. A ‘Pequena Moscou’ do título é a cidade de Legnica, assim chamada devido à presença na cidade da maior base do Exército Vermelho na Polônia. O romance entre um tenente polonês e a esposa de um piloto russo se dá na época em que, logo depois do aniversário da Revolução de Outubro, a União Soviética lidera a invasão das tropas do Pacto de Varsóvia à, então chamada, Tchecoslováquia, em 1968. A história do triângulo amoroso é vista da perspectiva dos anos 90, quando os personagens voltam à cidade numa viagem sentimental. O que merece destaque nesse filme, além do seu inegável valor de lembrar a história que já está caminhando para o esquecimento, é a formidável interpretação da

atriz russa Svetlana Khodchenkova no papel das duas protagonistas femininas, mãe e filha. Embora o papel masculino de Lesław Żurek não seja tão convincente, o filme se defende bem, pois tanto o fundo histórico, quanto a narrativa do romance emocionam e prendem a atenção do espectador.

O terceiro dos filmes com uma perspectiva histórica é uma bem humorada comédia sobre a viagem no tempo, **Quanto pesa um cavalo de Tróia**, de Julisz Machulski. Embora não seja o melhor entre os filmes do principal diretor polonês do cinema mais leve, o filme convence e apresenta ao espectador uma comparação da Polônia contemporânea com a Polônia do fim dos tempos do comunismo. Com direito a algumas brincadeiras com personagens conhecidos (vemos entre outros o menino Robert Kubica atropelando as pessoas com seu carro de brinquedo e o primeiro ministro Donald Tusk cansado de lavar janelas e pensando em emigrar), observamos o quanto o país mudou ao longo dos últimos trinta anos. Como se espera de uma comédia, o filme arranca algumas risadas e faz com que deixemos o cinema acreditando que o mundo pode ser melhor. A decisão do diretor, de vermos o mundo comunista através dos olhos de uma mulher de sucesso dos tempos de hoje, ajuda a perceber os absurdos e as falhas do cotidiano daquela época, cujo desaparecimento ninguém pareceu notar. Lembra também que temos motivos para nos alegrar com o que temos no presente. Um filme leve, mas a leveza não é insustentável, pelo contrário, ajuda-nos a apreciar o fato de que acabou o comunismo e estamos no século XXI.

Os filmes que se preocupam em retratar a realidade e as patologias da Polônia contemporânea formam outra tríade: **Garotas do Shopping**, **A festa de Casamento** e **Reserva**.

O último desses três é **Reserva**, do cineasta estreante Łukasz Palkowski, opta por misturar a realidade com a idealização, apresentando uma história de bairro, que parece ser apenas da marginalidade. No entanto, quando olhamos mais de perto, os malandros têm corações de ouro, enquan-

to que os verdadeiros malandros são os impiedosos novos ricos. A ação do filme se dá no bairro de Varsóvia chamado Praga, famoso tanto por seu clima de marginalidade, quanto por seu valor histórico. O filme que tem como pretensão mostrar e resgatar o bairro de Praga, apresenta no seu enredo uma interessante história de três gerações de fotógrafos do bairro. O mais velho, uma espécie de Cartier-Bresson, desiste da fotografia quando o irmão vende suas máquinas fotográficas para conseguir dinheiro para a bebida. O segundo, embora já tenha passado da idade de Cristo, ainda precisa aprender que na fotorreportagem o mais importante não é fotografar paisagens, mas sim captar a alma humana. Ele aprende a fazer isso muito bem na sessão em que fotografa sua vizinha. O mais novo é um gênio, mas um gênio que, para não cair na marginalidade, precisa de muito amor. Um filme simpático que, com seu sabor agridoce, nos faz viajar pelas imagens do bairro de Praga.

A festa de casamento, de Wojciech Smarzowski é uma sátira violenta aos novos ricos e ao provincianismo das novas elites polonesas. Com o título que se refere a um dos mais conhecidos dramas nacionais, **Wesele**, de Wyspiański, o diretor nos leva ao inferno polonês na noite de uma festa de casamento. Poderíamos dizer que é um filme sobre o amor, o amor ao dinheiro, o *status* e a noção de família. Na dança bêbada vemos os mafiosos, os novos ricos, os provincianos – em resumo, a imagem da sociedade polonesa contemporânea, que na corrida atrás de posição, bens e influência está perdendo cada vez mais sua humanidade.

O filme de outra diretora estreante, Katarzyna Rosłaniec, **Garotas de Shopping**, é uma dramática história de iniciação à vida adulta, que tem como fundo a cruel observação da patologia social. O filme mostra como surge a prostituição infantil, como adolescentes sensíveis e curiosos, em busca de aceitação e amor, se defrontam com o cruel mundo consumista que lhes priva de ilusões e inocência. O tema, extremamente importante, é um reflexo da patologia real, cada vez mais presente na Polônia, de garotas que se prostituem nos shoppings em troca de uma roupa, uma bijuteria ou qualquer

outro bem de consumo que está na moda. O filme que apavora, embora não seja nenhum filme de terror, traz a necessidade de discussão de vários temas importantes. O que significa amadurecer no mundo moderno? Como lidar com a relativização dos valores e a sedução dos bens de consumo? – Estas são algumas das perguntas que a diretora faz aos espectadores. Por mais que a situação da protagonista lembre a situação conhecida de **Senhorita Ninguém**, filme de Wajda, baseado no romance homônimo de Tomasz Tryzna, editado em português, aqui ela se apresenta mais cruel. Parece que não há alternativas para sair com a alma inteira do inferno do consumismo e das famílias patológicas. Parece que a inocência está inevitavelmente perdida no mundo moderno. Embora o filme opere às vezes com clichês (o pecado começa e termina com o batom), com o choque da linguagem e nos apavore com a visão do mundo sem valores e sem saídas, é uma obra de arte que merece ser conhecida por discutir a realidade contemporânea de um modo corajoso e muito franco.

Os dois filmes restantes - já que **Ursinho** é um filme de outra época e merece um tratamento em separado -- **O Jardim de Luiza** e **Uma Árvore Mágica** podem ser classificados como contos de fadas modernos.

O filme de Andrzej Maleszka **Uma Árvore Mágica** é claramente endereçado às crianças. Podemos ver neste conto de fadas capitalista uma reflexão sobre a necessidade de ter e sobre o perigo do excesso, mas o mais importante é entrar no mundo de sonho e voltar a ser criança. Acreditar em magia e transformar o mundo com sua ajuda é o sonho de todas as crianças, inclusive as adultas, que esqueceram que a magia não existe e deixaram se enredar pelo feitiço de ganhar dinheiro. O filme merece destaque como exemplo de cinema para as famílias. É simpático e bem feito.

O outro conto de fadas, **O Jardim de Luiza** de Maciej Wojtyszko, traz o esquema clássico da donzela, neste caso, uma hipersensível, talvez

esquizofrênica, que é aprisionada num castelo (hospital psiquiátrico) pelo insensível pai, um político local, e que acaba sendo salva pelo príncipe – um gangster local. Nos papéis coadjuvantes, temos, como a boa fada, uma psicóloga e, como a bruxa má, um enfermeiro. A diversificação dos papéis da fábula (princesa-louca, mocinho-gangster, etc.) faz com que seja possível sair da visão estereotipada e embarcar na aventura. Embora esquemático, o filme traz uma mensagem otimista e uma reflexão sobre a perda de sensibilidade no mundo moderno. O trabalho do diretor faz com que as convenções do conto de fadas não irrite e deixem o espectador ser levado pela estória. O bom desempenho dos atores, com um show à parte de Władysław Kowalski, no papel do personagem Aleijado, faz com que possamos contar com um bom cinema, que, além de divertir, nos estimula a refletir sobre a sensibilidade, seu resgate e o papel salvador que o amor pode ter em nossas vidas.

O filme que encerrou a mostra, **Ursinho**, no espelho torto da arte refletiu a decadência do sistema comunista. Os tempos tristes, marcados pelo absurdo do cotidiano, não poderiam encontrar um retrato melhor que a semissurreal comédia do absurdo. Ao longo do desenvolvimento do enredo podemos ver as cenas do cotidiano do ocaso do comunismo, ligadas de um modo solto ao fio da narrativa principal. Policiais criando uma vila falsa para poder multar motoristas que não reduzem a velocidade, criadores de textos de músicas propagandistas comunistas trabalhando em novos sucessos, os responsáveis pelo aquecimento das moradias, que em vez de trabalhar jogam cartas e bebem, a equipe de filme que justifica os erros e falhas com o fato de que assim parecerão mais corretos ideologicamente – a realidade exagerada, levada ao absurdo provoca risadas e faz pensar. No enredo vemos dois espécimes daquilo que mais tarde foi chamado de *homo sovieticus* (nos dois papéis Stanisław Tym): um malandro, presidente de um clube esportivo, cínico e conformista, que impiedosamente usa de manipulações, influências, estratégias e truques dignos de pícaros medievais e consegue realizar o seu plano; o outro é simples, preguiçoso, bonachão, incapaz de qualquer

reflexão, contentando-se em beber até a vida ganhar cores mais suportáveis. Mas **Ursinho**, por mais que seja classificado como comédia, tem o seu momento sério – é o final, quando, depois de ouvirmos um ancião divagar profeticamente sobre o valor da tradição, ao som de uma canção natalina, caem os ídolos de palha, que simbolizam aqueles tempos. O filme que começou a ser rodado um pouco antes da época do “Solidariedade”, conseguiu passar pela censura graças ao curto período de liberdade possibilitado por aquele movimento, transformou-se numa profecia que se cumpriu menos de dez anos depois da sua conclusão, algo que na época parecia impensável.

Concluindo, além de agradecer aos promotores do evento, cabe notar que a cinematografia polonesa, depois de alguns anos de vacas magras, julgando-se pelo que foi apresentado na mostra, está caminhando a grandes passos para retomar o seu devido lugar no panorama da sétima arte. Os herdeiros de Has, Wajda e Kieślowski estão chegando.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor artykułu omawia kilka polskich filmów, których projekcja odbyła się w Kurytybie dzięki zaangażowaniu Konsulatu Generalnego RP w tym mieście.

Efemérides

2010

Abril

5. Para comemorar o segundo centenário do nascimento de Frederico Chopin, no Auditório Prestes Maia, da Câmara Municipal de São Paulo, realizou-se uma sessão solene. Durante esse evento foram homenageadas pessoas que contribuíram para a difusão da música de Chopin, bem como da nação polonesa na cidade de São Paulo e no Brasil. As personalidades homenageadas foram: Glória Guerra – presidente da Sociedade Chopin do Brasil; Donata Madejska Lange – vice-presidente da Sociedade Chopin no Brasil; Krystyna Kasperowicz e Maria Lúcia Szot Golebski – regentes do Coral Polônês em São Paulo e Carlos Eduardo Zappili Albertini – professor e pianista, autor do livro *Chopin*.

11. Na capital federal, Brasília, realizou-se o lançamento do livro *Com Santa Faustina diante de Jesus – Eucaristia...*, publicado em língua portuguesa pelo missionário polônês da *Fidei Donum* monsenhor Estanislau Muszak, cura da paróquia de Nossa Senhora da Misericórdia. Durante o XVI Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Brasília, todos os bispos brasileiros receberam esse livro como um presente do autor.

11. Na igreja polonesa de S. Estanislau, em Curitiba, foram celebradas duas missas (a primeira em língua polonesa e a segunda em português) pelo falecido Presidente da Polônia Lech Kaczynski, por sua esposa Maria e por todos que pereceram tragicamente na catástrofe aérea em Smolensk.

15. Na catedral de Curitiba realiza-se a incomum solenidade da sa-gração episcopal do monsenhor Rafael Biernaski. O celebrante principal foi o arcebispo de Salvador, Dom Geraldo Majella, Primaz do Brasil. Com ele concelebraram o arcebispo metropolitano de Curitiba Dom Moacyr José Vitti

e o ordinário emérito da arquidiocese Dom Pedro Fedalto.

16. Na Câmara Municipal de Curitiba realiza-se uma sessão solene, durante a qual ocorre a entrega do Prêmio João Paulo II a doze pessoas que se distinguiram pela promoção da doutrina da Igreja. Entre os premiados estava o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

17. Por empenho da consulesa geral da Polônia em Curitiba, Senhora Dorota J. Barys, e com a discreta colaboração da Missão Católica Polonesa, no sétimo dia da trágica morte do presidente da Polônia Lech Kaczynski, de sua esposa e de outras pessoas, na catedral basílica de Curitiba, às 12 horas (meio-dia), foi celebrada uma solene missa pelas vítimas dessa tragédia, presidida pelo arcebispo metropolitano Dom Moacyr José Vitti. Juntamente com o arcebispo, concelebraram padres poloneses que representavam as seguintes congregações religiosas: Sociedade de Cristo, Marianos e Vicentinos. Participaram da Eucaristia representantes da sociedade local, presididos pelo prefeito de Curitiba Luciano Ducci, bem como a coletividade polônica. No início, a introdução à Eucaristia foi feita pelo reitor da Missão Católica Polonesa. No final da missa tomou a palavra o prefeito de Curitiba, expressando a sua solidariedade com a nação polonesa e com a coletividade polônica. A consulesa geral agradeceu a todos pela participação na oração comum e pelas expressões de solidariedade em razão dessa tragédia que atingiu a nação polonesa.

22. O novo presidente do Supremo Tribunal Eleitoral, Ricardo Lewandowski, assumiu esse importante cargo no País. Da solene tomada de posse participou o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, e o Ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto. Ricardo Lewandowski, que passa a ocupar esse importante cargo no Brasil, é de origem polonesa e nasceu no Rio de Janeiro.

24. Na igreja paroquial de Nossa Senhora de Monte Claro em Áurea, Rio Grande do Sul, realiza-se a ordenação sacerdotal do diácono Jefferson

Skussarek, que há sete anos viajou à Polônia, onde na Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados realizou toda a sua formação espiritual e intelectual. O novo membro da Sociedade de Cristo, um brasileiro de origem polonesa, foi ordenado pelo ordinário da diocese de Erechim, Dom Girônimo Zanandréa. Com o hierarca local concelebraram mais de 50 padres, incluindo o ordinário emérito da diocese de União da Vitória, estado do Paraná, Dom Walter Ebejer OP. Entre os concelebrantes estava presente o superior geral da Sociedade de Cristo, pe. Tomás Sielicki SChr, e o redator da revista *Milujcie sie* (Amai-vos), pe. Miecislau Piotrowski SChr. O padre reitor e o padre chanceler da Missão Católica Polonesa no Brasil também participaram dessa incomum solenidade. Após o término da liturgia, foi servido um almoço no salão paroquial.

25. O mais jovem sacerdote da Sociedade de Cristo, pe. Jeferson Slussarek, celebra a sua primeira missa na paróquia natal de Áurea. O ordinário emérito da diocese de União da Vitória, Dom Walter Ebejer OP, pronuncia um longo e teologicamente fundamentado sermão a respeito do sacerdócio na comunidade da Igreja. Juntamente com o neopresbítero concelebraram vários sacerdotes, na sua maioria da Sociedade de Cristo, presidiados pelo seu superior geral. Após o término da Eucaristia, o pe. Jeferson concede a todos os presentes no amplo santuário – submetido a uma reforma geral – a sua bênção de primícias. A solenidade termina com um almoço no salão paroquial.

27-28. Em Curitiba realiza-se o VI Capítulo Provincial da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados. Desse importante acontecimento para os padres da Sociedade de Cristo que exercem o seu ministério na América do Sul participa o superior geral, pe. Tomás Sielicki SChr. No segundo dia das deliberações capitulares o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil apresentou os atuais desafios que se apresentam à pastoral polônica no Brasil. Conferiu ênfase especial ao problema da capelania polonesa

em Porto Alegre, onde desde 1937 exercem o ministério pastoral na colônia polonesa local os padres vicentinos. Em breve essa congregação deixará de prestar esse serviço em Porto Alegre. Seria oportuno que os padres da Sociedade de Cristo assumissem essa capelania polonesa.

29. Em Varsóvia, no Palácio Blanca, ocorreu a Comemoração do Dia do Exército Brasileiro, evento organizado pela Aditância Militar Brasileira, sob o comando do Cel. Fernando de Mattos.

Maio

1-2. O pe. Zdzislaw Malczewski SChr, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, acompanha o pe. Tomás Sielicki SChr – superior geral da Sociedade de Cristo numa viagem a Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. O objetivo da viagem era tomar conhecimento da realidade da comunidade polônica local. Dentro de pouco tempo, os padres vicentinos, que têm prestado muitos serviços à colônia polonesa no Brasil, deverão afastar-se da capelania polonesa em Porto Alegre.

2. Integrando o evento denominado “Duzentos Concertos em Comemoração dos Duzentos Anos de Nascimento de Frederico Chopin”, organizado pela Sociedade Frederico Chopin, da Polônia, em Sanniki, realizou-se o evento Chopin-Música-Poesia, com música de Verônica Siewierski e recitação de Stanislaw Jaskulka.

4. Em Curitiba, na igreja de S. Ana, no bairro de Abranches, é celebrada uma missa pelo falecido pe. Dirceu Keller – provincial dos padres vicentinos, que faleceu repentinamente no dia 3 de maio. O reitor da Missão Católica Polonesa participou da missa concelebrada, que foi presidida pelo pe. Fabiano – assistente da província dos padres vicentinos, o qual também pronunciou um sermão. Participaram da concelebração mais de 50 sacerdotes, entre os quais se encontravam: o arcebispo emérito de Curitiba Dom Pedro Fedalto e o ordinário emérito de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul,

Dom Izidoro Kosinski CM. A igreja paroquial não foi suficiente para abrigar o grande número de religiosas, parentes do falecido sacerdote e fiéis. Antes de ser eleito provincial, o pe. Dirceu havia exercido a função de pároco nessa comunidade paroquial.

17. Em comemoração da data nacional polonesa de 3 de Maio, por empenho da consulesa geral da Polônia, Dorota J. Barys, na sala de concertos da Capela Santa Maria, em Curitiba, realizou-se um recital de piano a cargo da pianista polonesa Anna Kijanowska. A pianista apresentou obras de Chopin e Szymanowski para o público presente, que encheu a sala e as galerias. Honrou o concerto, com a sua presença, Sua Excelência o embaixador da Polônia, Jacek Junosza-Kisielewski, que conferiu a quatro pessoas distinções polonesas. Foram homenageados: o ex-reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em Curitiba, prof. dr. Carlos Augusto Moreira Júnior; o professor Antônio Carlos Godim de Andrade e Silva, o deputado estadual por Santa Catarina Antônio Mauro Rodrigues de Aguiar e o desembargador de origem polonesa dr. João Kopytowski. Após a parte oficial foi oferecido um coquetel, durante o qual representantes da comunidade polônica e da sociedade brasileira puderam ter uma ocasião de conagração.

Nesse mesmo dia, na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, realizou-se uma palestra intitulada “A comunidade polônica latino-americana e os seus arquivos”, apresentada pelo prof. Dr. Krzysztof Smolana, da Universidade de Varsóvia (Instituto Ibérico e Ibero-Americano) e do Arquivo Documental de Varsóvia.

21. Na paróquia de S. Ana, em Carlos Gomes, Rio Grande do Sul, realizou-se a solenidade jubilar dos 25 anos de sacerdócio do pe. Adalberto Bernat SChr. Juntamente com o aniversariante, concelebraram a solene Eucaristia 19 sacerdotes, presididos pelo ordinário da diocese de Erechim, Dom Girônimo Zanandréa.

24. O reitor da Missão Católica Polonesa participa de uma reunião

com a consulesa geral da Polônia, Sra. Dorota J. Barys, e o prof. dr. Krzysztof Smolana, da Universidade de Varsóvia. O encontro realizou-se no Consulado Geral em Curitiba e versou sobre o futuro da problemática polônica.

Nesse mesmo dia apareceu também o primeiro número da nossa revista polônica *Polonicus – Revista de Reflexão Brasil-Polônia*, acessível também na página: www.polonicus.com.br.

26-29. “A pastoral migratória hoje no contexto da corresponsabilidade dos Estados e das organizações internacionais” – foi o tema das deliberações plenárias do Conselho Pontifício para Assuntos da Pastoral dos Migrantes e Viajantes, que se iniciaram no dia 26 de maio. O programa dos três dias de reunião foi muito rico. Em diversas conferências, foi dada ênfase à responsabilidade das Igrejas locais e das organizações eclesiais de diversos níveis pela cooperação com o Estado e outras instituições públicas na área da mobilidade humana. Isso diz respeito a questões como direitos humanos, migração econômica, emigração, turismo, mercado global de trabalho e educação. Como lembra o secretário do Conselho Pontifício para Assuntos da Pastoral dos Migrantes e Viajantes, o arcebispo Agostino Marchetto, o engajamento da Igreja nessa área decorre tanto do seu caráter internacional como das exigências evangélicas, que não podem ser subordinadas apenas a critérios de eficácia. “Eu não gostaria de ser pessimista” – disse o secretário do conselho pontifício. “O cristão deve ser realista, e ao mesmo tempo capaz de esperança, ou até de sonhos. Vejo significativos esforços em prol do enfrentamento das questões relacionadas com o fenômeno da migração. Será que esses esforços são adequados? Será que eles são acertados? Evidentemente, muita coisa resta a ser feita, inclusive porque em alguns países nos defrontamos com uma hospitalidade cada vez menor. No entanto, graças a Deus em toda a parte estão engajadas pessoas, líderes de diversas organizações, grupos e comunidades que conhecem a situação, porque atuam na linha de frente e não hesitam em dar de si o que têm de melhor para recepcionar os que chegam, lembrados das palavras de Jesus: ‘Tudo o

que fizestes a um destes meus irmãos pequeninos, foi a mim que o fizestes’.

28. “As migrações já há muito tempo são objeto de convenções internacionais, que têm por objetivo garantir os direitos humanos fundamentais e a luta contra a discriminação, a xenofobia e a intolerância”. Lembrou isso o papa Bento XVI, ao encontrar-se com os participantes da sessão plenária do Conselho Pontifício para Assuntos da Pastoral dos Migrantes e Viajantes. O papa expressou o seu reconhecimento aos esforços empreendidos para estabelecer normas internacionais que levem em conta os direitos e as obrigações tanto dos estrangeiros como das sociedades que os recebem. Apontou para a necessidade de reunir as famílias, para a defesa dos direitos dos emigrados e asilados, bem como para o combate do infame “comércio humano”. As organizações internacionais podem contribuir para a conciliação dos direitos da pessoa e dos princípios da soberania nacional, com ênfase especial às exigências da segurança, da ordem pública e do controle das fronteiras. “Os direitos fundamentais da pessoa podem constituir o ponto de concentração dos esforços pela corresponsabilidade das instituições nacionais e internacionais” – disse o papa. “Isso se relaciona estreitamente com a abertura à vida, que constitui o centro do verdadeiro desenvolvimento, como afirmei na encíclica *Caritas in veritate* (cf. n. 28). Apelei também ali aos Estados para que desenvolvessem uma política que desenvolva o papel fundamental e a integridade da família (cf. *ibid.* n. 7). O futuro das nossas sociedades baseia-se no encontro dos povos, no diálogo das culturas, no respeito da identidade e das fundamentadas diferenças. À família cabe nesse particular um papel fundamental”.

Junho

10. Foi publicado mais um livro de autoria do pe. Zdzislaw Malczewski SChr, redator da revista *Polonicus*. O livro, com o título polonês *Polonii brazylijskiej obraz wlasny. Zapiski emigranta (2007-2010)* [Uma imagem pessoal da comunidade polônica no Brasil – Notas de um emigrante

– 2007-2010], faz parte da série Biblioteca Ibérica, sob a responsabilidade do prof. dr. Jerzy Mazurek, e foi publicado pelo Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia e pelo Museu da História do Movimento Popular Polonês. O lançamento oficial do livro será realizado, no início de outubro, quando o autor estará na Polônia. O autor também publicou um livro com o mesmo título no Brasil, em Curitiba, contendo artigos e reportagens dos anos 1979-2006.

17. O redator da revista *Polonicus* concede uma entrevista a um jornalista do jornal *Gazeta do Povo* (o maior jornal publicado em Curitiba) a respeito da próxima eleição presidencial na Polônia.

18. A mais antiga organização polônica no Brasil, a Sociedade Tadeu Kosciuszko, em Curitiba, comemorou os 120 anos da sua fundação. É preciso reconhecer que, em se tratando da mais antiga organização polônica no continente latino-americano, a comemoração dessa data foi mais do que modesta.

19. Em todos os países onde residem cidadãos poloneses, inclusive no Brasil, nesse dia realizou-se a eleição presidencial em três regiões eleitorais: na embaixada da Polônia em Brasília e nos consulados gerais em Curitiba e São Paulo. Segundo informações fornecidas pelo Consulado Geral em Curitiba, nessa região eleitoral votaram 54 cidadãos poloneses. O segundo turno dessa eleição no Brasil realizou-se no dia 3 de julho.

19-21. Encontra-se em Curitiba Kinga Orzel, uma doutoranda da Universidade Jaguiełônica de Cracóvia. A jovem intelectual veio ao Brasil para realizar pesquisas entre os descendentes dos imigrantes poloneses na região sul do Paraná, mais concretamente em Santana, localidade que no próximo ano festejará o centenário da imigração polonesa.

20. A respeito da eleição presidencial na Polônia, o jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, publicou uma ampla reportagem. O jornalista Osny

Tavares – que no dia 17 havia feito uma entrevista com o pe. Zdzislaw Malczewski SChr – também publicou a sua reportagem baseada na mencionada entrevista.

21. Uma equipe da importante emissora de televisão brasileira SBT desembarcou na Polônia, com o objetivo de preparar um material especial mostrando aos telespectadores a Polônia de hoje. Esse programa foi apresentado no dia 21 de junho, mostrando imagens e informações a respeito de Varsóvia, Cracóvia, Wieliczka, Auschwitz e Wadowice.

26. O pe. João Sobieraj SChr, cura da paróquia pessoal polonesa de Nossa Senhora do Monte Claro no Rio de Janeiro, recebeu uma carta de elogios das autoridades municipais de Nowy Tomysl. Felicitamos por isso esse sacerdote que por muitos anos tem prestado assistência à comunidade polônica do Brasil. Com certeza, trata-se do reconhecimento das autoridades locais da região de onde provém o pe. João.

Julho

1-13. No Teatro Guaíra (2.173 lugares), em Curitiba, realiza-se a 49ª edição do Festival Folclórico e de Etnias do Estado do Paraná. Dois conjuntos polônicos de Curitiba apresentaram ao público a beleza das danças polonesas e os multicoloridos trajes nacionais. No dia 6 de julho apresentou-se o conjunto Junak. Por sua vez, no dia 9 de julho apresentou-se o conjunto Wisla. Ambos os conjuntos representam a comunidade polônica de Curitiba.

3. Da mesma forma que em outros países, também no Brasil realizou-se o segundo turno da eleição presidencial na Polônia. Os poloneses residentes no País depositaram os seus votos na embaixada da Polônia em Brasília e nos consulados gerais em Curitiba e São Paulo.

10. Os moradores da comunidade de Santana, Ijuí (Rio Grande do Sul), organizaram uma missa e um jantar de despedida da acadêmica Agata Jankowska, da Universidade Maria Curie-Sklodowska, de Lublin. Agata re-

alizou estudos complementares no Curso de Letras, participou de projetos na Universidade, além de colaborar ativamente com a etnia polonesa.

21. Aos 82 anos de idade, faleceu o bispo Dom Domingos Gabriel Wisniewski, ordinário emérito da diocese de Apucarana, no estado do Paraná. Publicamos a biografia do falecido hierarca em outra seção do presente número da nossa revista.

23-24. Em Curitiba, no Teatro Positivo, realiza-se um concerto pianístico a quatro mãos, apresentado pelos pianistas poloneses Aleksandra Adamiec (Polônia) e Jaroslaw Kaczmarczyk (França).

25. Na localidade de Santana, no Paraná, ocorreu a solene inauguração dos preparativos para a comemoração do centenário da colonização polonesa naquela região do estado. Em outra seção do presente número, o leitor poderá encontrar informações mais detalhadas a respeito desse evento.

31. Sua Excelência Dom Adalberto Polak, Delegado da Conferência do Episcopado da Polônia para Assuntos da Pastoral Emigratória enviou uma carta muito simpática ao reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, responsável pela publicação da revista *Polonicus*.

Agosto

16. O redator de *Polonicus* viaja à Polônia para um período de férias e para ali participar de encontros científicos relacionados com pesquisas sobre a colônia polonesa no Brasil.

Após 73 anos de assistência pastoral na capelania polonesa em Porto Alegre, a Congregação dos Padres Vicentinos afastou-se desse posto. No momento a comunidade polônica porto-alegrense não conta com um sacerdote polonês. Aos interessados pela história desse núcleo polônico, recomendamos um texto mais detalhado sobre esse assunto, que pode ser encontrado no presente número da revista.

Crônicas

27. A prof^a dr^a Natália Klidzio, da Universidade Maria Curie-Sklodowska em Lublin, lançou na Universidade de Passo Fundo (UPF), Rio Grande do Sul, a sua obra *Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet* (Editora UPF, 2010), dedicada a esse escritor brasileiro nascido na Polônia. Após a apresentação do livro, realizou-se uma discussão da autora com os estudantes a respeito das pesquisas por ela apresentadas.

29. No Parque João Paulo II, em Curitiba, realizaram-se as solenidades em honra de Nossa Senhora de Czestochowa. A celebração em honra da Padroeira da Comunidade Polônica Brasileira foi presidida pelo pe. Benedito Grzymkowski SChr.

31. O Superior Geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, pe. Tomás Sielicki SChr, juntamente com seu Conselho Geral, nomeou a nova Administração da Província Sul-Americana da Congregação, com sede em Curitiba. Foi nomeado novo Provincial o pe. Casimiro Dlugosz SChr, e como Conselheiros Provinciais os padres Casimiro Przegendza SChr e Alceu Zembruski SChr.

Setembro

2. O Consulado-Geral da Polônia em Curitiba organizou na Sociedade Tadeu Kosciuszko um encontro da seleção polonesa de vôlei com a comunidade polônica local. Os desportistas poloneses participaram em Curitiba de três jogos amistosos (3, 4 e 5 de setembro) com a seleção brasileira de vôlei.

3-5. No mesmo final de semana realizou-se em Barueri, no estado de São Paulo, um torneio amistoso entre as seleções femininas de basquete do Brasil, de Cuba e da Polônia.

13. Na Câmara Municipal de Erechim, com o patrocínio da Braspol, a prof^a dr^a Janaína Wenczerowicz (originária de Áurea, Rio Grande do Sul) lançou mais uma obra sua, intitulada *Pequeninos poloneses; o cotidiano das crianças polonesas (1920-1960)*.

Crônicas

16-17. Em Brasília, realiza-se um encontro nacional da Pastoral da Mobilidade Humana da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Participa desse encontro, como representante da Missão Católica Polonesa no Brasil, o prof. dr. Henryk Siewierski, professor titular da Universidade de Brasília (UnB).

22-26. Na Cinemateca de Curitiba (Rua Carlos Cavalcanti, 1174), o Consulado-Geral da Polônia apresenta uma mostra de filmes dedicados a Frederico Chopin, no âmbito das comemorações do segundo centenário de nascimento do eminente compositor.

Outubro

6. Na sede do Museu da História do Movimento Popular Polonês, em Varsóvia, realizou-se o lançamento de livros de autoria de representantes da comunidade polônica brasileira: *O meu caminho para a lua*, de Tomasz Lychowski, e *Uma imagem pessoal da comunidade polônica brasileira. Notas de um emigrante. 2007-2010*, do pe. Zdzislaw Malczewski. As obras acima mencionadas foram publicadas dentro da série “Biblioteca Ibérica”, sob a supervisão do dr. Jerzy Mazurek. Os seus editores são o Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia e o Museu da História do Movimento Popular Polonês.

8. A neta de imigrantes poloneses prof^a dr^a Aleksandra Bartch, professora da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, foi nomeada diretora do campus dessa prestigiosa instituição de ensino superior no bairro de Ipanema, situado no sul da cidade, e que se orgulha não apenas das suas belas praias...

9. Por ocasião da Bienal do Livro do Paraná, realizou-se o lançamento da obra de autoria do pe. Zygmunt Chelmicki *Emigrantes poloneses no Brasil em 1891*, traduzida por Sofia Winklewski-Dyminski e publicada em tradução portuguesa pelo Senado Federal do País. O lançamento do mencionado

livro realizou-se no Estação Convention Center, dentro do Shopping Center Estação, situado no centro de Curitiba.

12. Na Casa Central da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados em Poznan, realizou-se a conferência polônica internacional “Pastoral dos migrantes – uma pastoral das famílias”. A conferência foi organizada pelo Instituto da Pastoral Emigratória, pelo Instituto de Pesquisas sobre os Poloneses no Exterior da Universidade Católica de Lublin e pelo Movimento do Apostolado Emigratório. O patronato do encontro coube a Sua Excelência Dom Adalberto Polak – Delegado da Conferência do Episcopado Polônês para a Pastoral da Emigração Polonesa. Entre os conferencistas, apresentaram-se cientistas de universidades polonesas, bem como promotores da pastoral polônica no Brasil, na Dinamarca, Espanha, Irlanda e Itália. A coletividade polonesa do Brasil foi representada pelo Reitor da Missão Católica Polonesa, que apresentou um comunicado a respeito da pastoral polônica.

19. Regressa da Polônia o redator de *Polonicus*, revista da comunidade polônica brasileira.

21. O redator da revista *Polonicus* faz uma visita ao Consulado-Geral da Polônia em Curitiba, onde se encontra com a consulesa-geral Sra. Dorota Barys, com o objetivo de analisar certos projetos relacionados com a futura da colônia polonesa no Brasil.

23. No salão paroquial da igreja polonesa de S. Estanislau, em Curitiba, realiza-se a X Assembleia Geral da Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil (Braspol). Participaram desse encontro cerca de 70 pessoas. Entre os convidados, encontravam-se a consulesa-geral da Polônia, Sra. Dorota Barys, o reitor e o chanceler da Missão Católica Polonesa no Brasil. Durante o dia todo, discutiram-se formas de animar a vitalidade da Braspol. Na parte final do encontro realizou-se a eleição da administração geral. Foi escolhido presidente, para mais um mandato de

dois anos, o eng. Rízio Wachowicz.

24. Na igreja polonesa de S. Estanislau, em Curitiba, foi celebrada em língua polonesa uma solene missa de ação de graças pelo encerramento da X Assembleia Geral da Braspol. A Eucaristia foi presidida pelo pe. Zdzislaw Malczewsk SChr – reitor da Missão Católica Polonesa no Braspol, que na oportunidade pronunciou também um sermão em polonês e português. Participaram da missa os membros da comunidade polônica que normalmente participam na igreja da Eucaristia dominical e membros da Braspol. Importa registrar também a presença da madre geral das Irmãs da Sagrada Família, ir. Fabíola Ruszczyk (de origem polonesa, nascida no Rio Grande do Sul). A Irmã Fabíola está cumprindo o segundo mandato de superiora geral dessa meritória Congregação para a comunidade polônica brasileira. No final da missa, diante da imagem de Nossa Senhora de Czestochowa, que é a Padroeira da Braspol, o reitor da MCP confiou à Sua proteção o movimento polônico representado por essa organização, da mesma forma que toda a comunidade polônica no Brasil. Após o término da Eucaristia, realizou-se no salão paroquial um encontro das pessoas reunidas, que participaram de um saboroso café da manhã.

Novembro

1. Numa das salas do centro cultural do Banco Santander, em Porto Alegre, Karolina Marcinkowska apresentou uma palestra a respeito da literatura polonesa atual.

6. A Associação Cultural Polono-Brasileira Karol Wojtyła, de União da Vitória (Paraná), organiza um jantar polonês com o acompanhamento co conjunto musical Irmãos Poncheki (Pączek).

11. Neste dia foram comemoradas em Curitiba três importantes datas: os 92 anos da Independência da República da Polônia, os 90 anos das Relações Diplomáticas entre o Brasil e a Polônia e os 90 anos da criação do Consulado-Geral da Polônia em Curitiba. Numa promoção do Consulado-

Geral da Polônia em Curitiba e com a presença do Excelentíssimo Senhor Embaixador da Polônia no Brasil, Sr. Jacek Junosza Kisielewski, as comemorações iniciaram-se às 10 horas com uma Sessão Solene na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná e encerraram-se à noite, com um recital do pianista polonês Jacek Kortus, com o lançamento de um livro comemorativo das atividades diplomáticas polonesas em Curitiba e um coquetel no Espaço Cultural Capela Santa Maria.

Um pouco do que foi

JACUTINGA – Aconteceu Jupem nos 46 anos de Jacutinga, no dia 1 de junho, no ginásio de esportes, com música, canto e dança, porque é uma das administrações que dá voz e vez a crianças e jovens que se dedicam à cultura. Edegar Menin, Gelci Lodéa, Marlene e Aline, dziękujemy bardzo! Vocês fizeram a diferença para nós!

SÃO PAULO – Dias 29 e 30 de maio, no 5º Salão de Turismo – Roteiros do Brasil – Parque de Exposições de Anhembi – São Paulo, o Jupem levou o recado da Cultura Polonesa presente na Região Turística Termas Lagos. Ao final do cortejo, no sábado, teve o privilégio da presença do Ministro do Turismo, Luiz Eduardo Barreto, também dançando e fotografando com os elencos: Mirim, Adulto e Kapela. No domingo, no palco principal, ao finalizar com o Mazur Szlachecki, disse o diretor de palco: “Bom exemplo desta juventude! Há necessidade de que haja uma atenção especial dos governos para o contexto étnico que formou o Brasil, para que não se perca esta riqueza cultural.”

Será que, realmente, alguém se sensibiliza com as ações culturais que não provocam manchetes dramáticas? Que não polemizam? Que não vendem mídia? Que não provocam acusações e suspeitas e por vários dias são foco de todos os noticiários? Por isso temos uma sociedade doente, agressiva e egoísta, que cobra das crianças e jovens bom comportamento, mas que dá

pouco ou... nenhum exemplo. Um pai que diz para o filho: “No meu carro mando eu”, depois que a criança diz que aprendeu na escola, com os agentes de trânsito, que criança deve viajar no banco de trás, com cinto de segurança, está contribuindo com quê?

GANHOS DIFERENTES – O Jupem sempre procura proporcionar cada vez mais horizonte, pois são pessoas que farão diferença, disso temos a mais absoluta certeza. Visitamos: o Museu da Língua Portuguesa e a Estação da Luz, a Livraria Cultura na Avenida Paulista e parte desta. Como moda e consumo, shopping. Ao circular nas proximidades da famosa Estação da Luz, pode-se ver: moradores da rua e fumantes de crack. Como e por que alguém chega a esse estado? Por que tanta pichação? São estrangeiros ou somos nós mesmos, brasileiros, que pichamos, sujamos, transformamos edifícios em cortiços?

Também encontramos o Rafael Collet, residente em São Paulo, Andressa Collet e Marcelo V. Moreira chegando da Itália em férias, que nos auxiliaram nas atividades, pois a bagagem é razoável. No caminho, em Curitiba, apanhamos o Paulo Santos Stefanoski, ora em Joinville, pois um bailarino não se faz do nada. Muito obrigado a esses eternos jupenianos!

Vanda K. GROCH

Atividades polônicas de 2009 e 2010 em São Mateus do Sul – PR

1º de março de 2009 – São Mateus do Sul recebe o Embaixador da Polônia no Brasil, Jacek Junosza Kisielewski e sua esposa Grazyna Kisielewski, acompanhados da Consulesa Geral da Polônia no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Dorota Joanna Barys, estiveram visitando a comunidade polônica de São Mateus do Sul.

Recepcionado pelo prefeito e demais representantes dos movimentos polônicos do município, bem como empresários. Após a comitiva visita a Casa da Memória Padre Bauer, inaugurada em 1995 sendo a antiga casa paroquial.

Durante o roteiro visitou-se o Centro Polônico Marcelo Janowski, na Colônia Iguazu, a Paróquia N. S. Aparecida e Częstochowa na Vila Nepomuceno, onde plantaram uma muda proveniente do Carvalho do Umbenal e descerraram uma placa em comemoração aos 140 anos da imigração polonesa no Brasil.

A comitiva reúne-se com a ACIASMS (Associação Comercial Industrial e Agrícola de São Mateus do Sul), CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas), encontro mediado pelo Núcleo da BRASPOL, objetivando o intercâmbio socioeconômico, entre o município e as empresas polonesas da área de fertilizantes, troca de experiências tecnológicas para o setor madeireiro e agrícola, setor em comum entre o município e a Polônia. Outro ponto em evidência foi o potencial turístico-cultural e as disposições para os descendentes conhecerem a terra de seus ancestrais em paralelo à preservação de costumes e língua por parte dos descendentes, passados já os cem anos.

Ao final da tarde o último ponto da visita se deu na Colônia Água Branca, local onde está a Igreja Centenária de Madeira, finalizada em 1900. Recepcionados tipicamente com pão e sal, com a música Orzeł Biały (canção patriótica polonesa) e presenteados com produtos da terra, característica da

maioria dos descendentes que se dedicam economicamente à agricultura.

Julho de 2009 – Expedição Brazylia 2009, Recepção e auxílio para os trabalhos do projeto científico de musicólogos da Universidade de Wroclaw e da Universidade Adam Mickiewicz de Poznan. Entre os dias 10 de Julho a 25 de agosto, a Expedição Brazylia 2009 visitou vários núcleos de presença da imigração polonesa nos três estados do sul do Brasil. A equipe, em comum, universitários de Musicologia da Universidade Adam Mickiewicz de Poznań e Wrocław sendo a idealizadora e tutora científica da expedição a Professora Doutora Bożena Muszkalska, funcionária da Cátedra de Musicologia da Universidade Adam Mickiewicz de Poznań e do Departamento de Musicologia da Universidade de Wrocław.

O sucesso da Expedição, segundo os idealizadores, se deve à contribuição e ao apoio da UFPR (Universidade Federal do Paraná) e da UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, municípios em que foram realizados os trabalhos, bem como lideranças locais, a exemplo da BRASPOL, a exemplo do Sr. André Hamerski, ajuda dos padres da Missão Católica Polonesa no Brasil, Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr, Pe. Ms. Benedykt Grzymkowski SChr, Padre Józef Wojnar SChr, também Padre Mario Kowalczyk e Padre Silvano Surmacz.

Durante os trabalhos da expedição etnomusicológica, foram coletadas 150 horas de áudio e também 30 horas de vídeo, dentre música tradicional polonesa, canções folclóricas, mostra de danças polonesas regionais, costumes religiosos em funerais, casamentos, Natal e Páscoa. A característica principal da Expedição Brazylia 2009 foi a percepção, por parte da equipe de pesquisa, de como se mantiveram as canções folclóricas polonesas, trazidas ao Brasil há mais de 150 anos passados, como as tradições se mantiveram vivas, seus costumes, kolenda (canções de Natal), as músicas de casamento e as canções

de ninar, permaneceram preservadas pelas gerações de polônicos.

O resultado foi um acervo com a finalidade de preservar a memória histórico-cultural, da musicalidade polonesa, o qual se justifica, uma vez que as raízes históricas se esquivam em meio a lastimáveis episódios de repressão, o processo civilizatório globalizado contribui de certa forma para direcionar a redutos isolados de preservação cultural. Sobretudo o que foi coletado, catalogado e presenciado durante o trabalho de pesquisa caracteriza ainda um reduto das raízes musicais polonesas, até quando?

“Graças a esse material a cultura musical polonesa no Brasil se tornará mais conhecida na Polônia e no mundo, sobretudo o material recolhido será fonte de pesquisa para os futuros musicólogos”.

09 de novembro de 2009 - Segunda, 09 de novembro de 2009, São Mateus do Sul e a comunidade polônica recebe a visita oficial do Vice-Ministro de Relações Exteriores da República da Polônia, Jan Borkowski, acompanhado da Diretora do Departamento de Cooperação com as Comunidades Polonesas no Estrangeiro, Regina Jurkowska, o Embaixador da Polônia no Brasil, Jacek Junosza Kisielewski, a Consulesa Geral da Polônia no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Dorota Joanna Barys – Segunda comitiva diplomática em visita no ano de 2009 em São Mateus do Sul.

A comunidade polônica recepciona com pão e sal e logo após foram recepcionados pelo Prefeito Luiz Adyr na prefeitura municipal (gabinete do prefeito). Ao saudar os visitantes, o Prefeito Luiz Adyr destacou a importância da colonização polonesa na história e no desenvolvimento econômico e social do nosso município. Cumprimentou os visitantes pelo sucesso que a Polônia vem tendo recentemente, lembrando que aquele país, como o Brasil, tem sido um dos primeiros a superar a crise econômica mundial. O Prefeito citou que, segundo os prognósticos do Fundo Monetário Internacional, a

Polônia será o único país europeu a registrar crescimento econômico no ano de 2009. Luiz Adyr lembrou também que, além das afinidades culturais, as economias da Polônia e do nosso município têm similaridades, sendo ambos importantes produtores agropecuários e de fertilizantes, o que pode gerar sinergias e negócios futuros.

Participaram da recepção, na Prefeitura, dirigentes da Braspol e comunidade polônica, entidades locais, além do Vice-Prefeito José Stuski, Vereadores e Secretários.

Com tradução para o português pela consulesa Dorota Joanna Barys, o vice-ministro falou que há um grande interesse em se estreitar as relações entre o Brasil e a Polônia, não apenas no nível nacional, como municipal. *“Queremos ajudar na produção de cultura polonesa em outros países, para que os descendentes mantenham o interesse pelo nosso país”*, comentou Burkowski, referindo-se às pessoas que não residem em seu pai de origem e que demonstram apego às tradições e costumes, comparado ao das que vivem nele. *“Esse patriotismo pelo país dos antepassados não atrapalha o civismo para com a terra onde se mora”* – completou. De acordo com ele, o principal motivo das visitas internacionais do governo da Polônia é saber como vivem as comunidades polônicas, e São Mateus do Sul foi a única cidade do Paraná visitada nesta sua vinda ao país.

Em seguida a comitiva visitou pontos turísticos como a Casa da Memória Padre Bauer. Após o almoço, a comitiva seguiu para a Colônia Água Branca – Igreja Centenária Polonesa (com data de construção em 1900).

20 de dezembro de 2009 - Opłatek (convite)

Venha reviver os costumes e o significado dessa CONFRATERNIZAÇÃO FAMILIAR, trazida pelos imigrantes poloneses.

CERIMÔNIA DO OPLATEK

Dezembro, semana que antecede o Natal

Desde os tempos mais remotos, os poloneses comemoram a Vigília do Natal com a partilha do pão ázimo, o Oplatek. Ao redor da mesa servida e adornada com o pinheirinho e o presépio, todos aguardam o aparecimento da primeira estrela, quando então o pai ou a mãe, depois de uma oração, faz a distribuição do Oplatek. Todos partilham o pão entre si perdoando-se e desejando votos de Feliz Natal. Após a cerimônia da partilha e ao som das Kolendy – cantos natalinos, todos se sentam à mesa, repleta de deliciosos pratos, para a ceia. O significado da partilha do pão está, sobretudo, no perdão mútuo e na confraternização entre os membros da família e da comunidade. O profundo conteúdo da partilha do Oplatek nasce no mistério central do cristianismo, a Eucaristia, chamada a Partilha do Pão. A comunidade polonesa de São Mateus do Sul revive anualmente a tradição do Oplatek. Após a partilha do pão e da apresentação dos cantos natalinos, junto ao presépio e ao pinheirinho, é realizada a ceia do Natal. Para a ceia cada família leva um prato de alimento, menos a carne vermelha. Os alimentos são colocados sobre a mesa forrada com toalha branca, onde não pode faltar também o trigo e o musgo, símbolos da fertilidade. Após uma oração em polonês e a bênção dos alimentos, realizada pelo pároco ou ministro, todos partilham os alimentos trazidos pela comunidade.

“Jest w moim Kraju zwyczaj, że w dzień wigilijny, przy wzejściu pierwszej gwiazdy wieczornej na niebie, ludzie gniazda wspólnego łamią chleb biblijny, najtkliwsze przekazując uczucia w tym chlebie.”

“É costume no meu país, que na véspera do Natal, antes do nascer da primeira estrela da tarde, as pessoas repartem o pão sagrado com sentimentos de esperança.”

Crônicas

LOCAL: CEPOM - Rua Antônio Bisinelli, s/n - Colônia Iguaçu - São Mateus do Sul - PR

DIA 20 DE DEZEMBRO DE 2009, DOMINGO ÀS 11:30 HORAS.

Levar um prato doce, saladas ou salgado, menos carne vermelha.

Temos talheres para todos.

PARTICIPEM!!!

Wesołych Świąt Bożego Narodzenia i Szczęśliwego Nowego Roku!!!

06 de março de 2010 - No dia 06/03/2010, nas dependências do Salão Paroquial da Igreja Matriz São Mateus - São Mateus do Sul, ocorreu a I MOSTRA DE FOLCLORE POLONÊS em comemoração aos 18 anos do Grupo Folclórico Polonês KAROLINKA. A mostra contou com apresentações dos grupos Piaskowa (Indaial, SC) e Wawel (São José dos Pinhais, PR).

O público pôde conhecer mais do folclore polonês, bem como a presença da culinária típica com a venda de *pierogi* e *pierniki*.

28 de março de 2010 – Assembleia Geral para escolha do Conselho Administrativo, Fiscal e Comunitário da Braspol SMS, para o biênio 2010/2012. Ocorrido no domingo 28 de março de 2010, nas dependências da Câmara Municipal de São Mateus do Sul, Rua Barão do Rio Branco, 431 - Centro - São Mateus do Sul – PR.

17 de abril de 2010 - Nós da BRASPOL – Núcleo de São Mateus do Sul, ficamos sensibilizados com o trágico acidente aéreo que vitimou o Presidente da República da Polônia, Excelentíssimo Senhor Lech Kaczyński, sua esposa, Excelentíssima Senhora Maria Kaczyńska, demais autoridades Governo da República da Polônia e tripulação do avião.

Prestaremos nossa solidariedade com celebração da Santa Missa pelas vítimas do acidente a realizar-se no próximo sábado, dia 17 de abril de 2010 às 19h00 na Paróquia N. S. Aparecida e Częstochowa, Rua Alexandre

Nadolny, 972 - Vila Nepomuceno.

Mais uma vez convidamos você, seus amigos e familiares para este momento de oração em solidariedade a nossos irmãos poloneses.

17 de abril de 2010 – XVI Baile do Pierogi no dia 17 de abril de 2010. O evento conta com abertura tradicional com vodca, desfiles de candidatas e escolha da rainha e princesas. Ainda se apresentam o Grupo Folclórico Polonês Karolinka, e a animação estará a cargo da Banda Polonesa Coração Nativo de Curitiba.

18 de abril de 2010 - Sessão Solene de entrega do “Título de Cidadã Honorária” de São Mateus do Sul à Senhora Dorota Joanna Barys, Consulesa Geral da República da Polônia em Curitiba e o “Título de Vulto Emérito” de São Mateus do Sul ao Sr José Carlos Janowski.

- Início: 16 horas

- Local: Câmara Municipal de São Mateus do Sul, Rua Barão do Rio Branco, 431 - Centro - São Mateus do Sul – PR.

18 de abril de 2010 - Aniversário de 17 anos do Programa Polonês *Tradycje Polskie*, no domingo 18 de abril de 2010, que vai ao ar todo domingo das 14 às 16 horas nos estúdios da Radio Cultura Sul FM.

02 de maio de 2010 - No último domingo, dia 02 de maio, aconteceu na Paróquia N. S. do Perpétuo Socorro missa solene presidida pelo Pe. Ermildo Vicente Krasowski em ação de graças e comemoração de três marcos:

Feriado polonês – Constituição Polonesa de 03 de Maio.

Comemoração dos 141 anos da imigração polonesa no Brasil.

Dia da imigração polonesa em São Mateus do Sul - 03/05/2010.

Esta celebração acontece pelo segundo ano e conta com o auxílio do Coral Polski da Paróquia N. S. Aparecida de Czestochowa da Vila Nepomuceno, BRASPOL e Movimento Cursilho de Cristandade da Paróquia N. S. do Perpétuo Socorro.

A missa tradicional já é conhecida como “missa dos poloneses”, por conter em sua liturgia símbolos, cantos, preces e orações em polonês.

A exemplo da procissão de entrada com o quadro de N. S. de Czestochowa, introdução das bandeiras Nacionais Brasil-Polônia e municipal, em menção ao Dia da Imigração Polonesa em nosso município que foi estabelecido por meio de lei municipal e comemorado no dia 3 de maio. Dia 3 de maio é uma das datas nacionais da Polônia. A Constituição Polonesa de 3 de maio de 1791 é considerada a primeira constituição moderna da Europa, assim como a segunda mais antiga no mundo. Foi instituída por Ato de Governo aprovada naquela data pela Sejm (Parlamento). Ela foi idealizada para reparar defeitos políticos havia muito tempo existentes. A Constituição introduziu a igualdade política entre as “pessoas comuns” e a nobreza e colocou os camponeses sob a proteção do governo, para desse modo atenuar os piores abusos da servidão. A Polônia vive dias de aquecimento de seu patriotismo, após a comemoração trágica dos 70 anos de Katyń, com a morte de 96 pessoas a bordo do avião presidencial.

19 de junho de 2010 - 2º Ognisko – Festa Junina Polonesa, realizado na Paróquia N. S. Aparecida e Czestochowa, Rua Alexandre Nadolny, 972 - Vila Nepomuceno. Abertura com missa às 19 horas, após será acesa a fogueira, música por Cristiano Gurski, serviço de bar e cozinha, pinhão, quentão e a famosa linguíça assada na fogueira.

Realização, BRASPOL SMS e Paróquia N. S. Aparecida e Czestochowa.

16 de julho de 2010 - Desde o dia 16/07 iniciou-se a tradicional peregrinação do quadro de N. S. de Czestochowa ou, como é conhecida, a “visita do quadro de N S de Czestochowa”. O quadro deixa a Igreja Centenária (com data de construção de 1900), localizada na Colônia Água Branca. Inicialmente se detinha a duas colônias polonesas em São Mateus do Sul, mas hoje tomou dimensões maiores. Neste ano, com a 19ª Tradycje Polskie, o quadro visita um total de 55 comunidades, entre os Municípios de São Mateus do Sul, São João do Triunfo e Mallet. Posso afirmar que durante este período acontecem inúmeras manifestações de fé e devoção a N. S. Czestochowa. Há tempos estava presente apenas como recordações, hoje volta e se intensifica.

Após a peregrinação, durante os meses de julho e agosto o quadro retorna, com uma grande festa na Czestochowa Paranska, na Colônia Água Branca .

Agosto de 2010 - De 07 a 29 de agosto de 2010, 19ª Tradycje Polskie, este ano com o tema “Bicentenário de Chopin” - um gênio a quem se devem muitas melodias de fama imortal.

Vivenciaremos um mês dedicado às Tradições do Povo Polonês, Dança, Gastronomia, Religiosidade, Cultura e Folclore esperam por você.

Venha e confira!!!

Serdeczne pozdrowienia!!!

07 de agosto de 2010 - Dia 07/08, (Sábado), 22h, CEPOM – Colônia Iguaçú.

Abertura oficial da 19ª Tradycje Polskie - “Bicentenário de Chopin”.

Brinde com a vodca polonesa, escolha da “Rainha da Imigração Polonesa”, apresentação do Grupo Folclórico Polonês Karolinka e baile animado pelo Grupo Bela Vista.

08 de agosto de 2010 – Festa da Boa Colheita - Dia 08/08, (Domingo), 09h, Paróquia N. S. Aparecida e Częstochowa – Vila Nepomuceno.

14 de agosto de 2010 - Festa de São Maximiliano Kolbe.

Dia 14/08, (Sábado), 18 horas, missa solene, Igreja Matriz São Mateus – Centro.

Presença do Cônsul Jacek Szczeniowski, entregando oficialmente ao Grupo Folclórico Polonês KAROLINKA oito pares do trajes de Łowicz, conquistados através da Stowarzyszenie Wspólnota Polska.

21 de agosto de 2010 - 19^o Jantar Dançante Típico Polonês, animado por “Irmãos Poncheki” e com farta e deliciosa culinária típica polonesa. Promoção, BRASPOL Núcleo de São Mateus do Sul. Realizado no sábado dia 21/08 às 20h, Salão Paroquial, Igreja Matriz São Mateus – Centro.

28 de agosto de 2010 – Noite Cultural - A BRASPOL Núcleo de São Mateus do Sul, dentro da programação para a 19^a Tradycje Polskie, realizou no sábado dia 28 de agosto, às 19 horas, no Clube Ideal São-Mateuense, concerto de piano em comemoração ao Bicentenário de Chopin.

O concerto teve a apresentação do pianista Diego Gorzynski, interpretando obras de Chopin.

Também contará com a participação do Coral Cantata, regidos pela maestrina Regina Trinko (são-mateuense). Entrada franca!

29 de agosto de 2010 - Carreata com o Quadro de N. S. Częstochowa e festa em louvor a Częstochowa Paranska.

Já na parte da manhã acontece uma carreata partindo da Igreja Perpétuo Socorro (centro) com destino à Colônia Água Branca. Nas proximidades

Crônicas

dades da Igreja centenária o quadro é conduzido em uma carroça, onde é recebido com grande devoção e se realiza uma missa em polonês, depois o almoço com pratos típicos da gastronomia polonesa, música e demais folguedos. Com esta festa é que teremos o encerramento da 19ª Tradycje Polskie.

“AO SAIRES DEIXA A FÉ E A SAUDADE E AO VOLTARES A SUA PRESENÇA IRRADIA ALEGRIA E FELICIDADE” (frase dos devotos de N. S. Częstochowa)

Sandro Zimny VITONSKI

